

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

JUSSATY LUCIANO CORDEIRO JUNIOR

**AS MÚLTIPLAS MATRIZES DISCURSIVAS DA OBRA *OS SERTÕES* DE
EUCLIDES DA CUNHA**

Belo Horizonte

2014

JUSSATY LUCIANO CORDEIRO JUNIOR

**AS MÚLTIPLAS MATRIZES DISCURSIVAS DA OBRA *OS SERTÕES DE*
EUCLIDES DA CUNHA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística do texto e do discurso.

Área de concentração: Linguística
Linha de pesquisa: E – Análise do Discurso
Orientadora: Emília Mendes
Coorientador: William Menezes

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
2014

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C794m Cordeiro Junior, Jussaty Luciano.
As múltiplas matrizes discursivas da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha [manuscrito] / Jussaty Luciano Cordeiro Junior. – 2014.
186 f., enc.: il.
Orientador: Emília Mendes.
Coorientadora: William Menezes.
Área de concentração: Linguística.
Linha de pesquisa: Análise do Discurso.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 157-185.
Anexos: 166-186.
1. Cunha, Euclides da, 1866-1909. – *Sertões* – Teses. 2. Análise do discurso – Teses. 3. Dialogismo (Análise literária) – Teses. 4. Literatura e história – Teses. 5. Polifonia. I. Mendes, Emília. II. Menezes, William Augusto. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

As Múltiplas Matrizes Discursivas da Obra Os Sertões de Euclides da Cunha

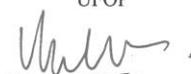
JUSSATY LUCIANO CORDEIRO JÚNIOR

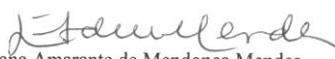
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Linha E - Análise do Discurso.

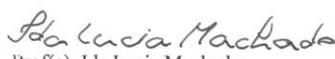
Aprovada em 28 de novembro de 2014, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Emilia Mendes Lopes - Orientador
UFMG


Prof(a). William Augusto Menezes - Co-orientador
UFOP


Prof(a). Veronique Marie Braun Dahlet
USP


Prof(a). Eliaha Amarante de Mendonça Mendes
UFMG


Prof(a). Ida Lucia Machado
UFMG


Prof(a). Cláudio Humberto Lessa
CEFET/MG

Belo Horizonte, 28 de novembro de 2014.

A mim assim me parece, pois, podendo deixar correr à larga a pena no encarecer os merecimentos de tão bom fidalgo, parece que de propósito os remete ao escuro; coisa malfeita e piormente pensada, por deverem ser os historiadores muito pontuais, verdadeiros e nada apaixonados, sem que nem interesse, nem temor, nem ódio, nem afeição os desviem do caminho direito da verdade, que é a filha legítima de quem historia, êmula do tempo, depósito dos feitos, testemunho do passado, exemplo e conselho do presente, e ensino do futuro.
(CERVANTES, 2003, p. 66)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pelo dom da vida.

A minha orientadora Emília Mendes e meu coorientador William Menezes pela acolhida, as preciosas indicações, orientações, sensibilidade e estimulantes debates.

À CAPES pelo breve período em que foi contemplado com a bolsa de doutorado.

A minha família, meu pai, minha mãe, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, cunhados, esposa e filha, pela compreensão e colaboração incondicional nos vários momentos de ausência.

Aos amigos que sempre incentivaram e compreenderam meu trabalho e minha ausência

Ao amigo Cláudio Lessa pela colaboração nas leituras e pesquisa.

A Elisson Morato pelo apoio na pesquisa e correção do texto.

RESUMO:

Neste trabalho, pesquisamos sobre vozes enunciativas no discurso da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909). Para alcançar esse objetivo, estudamos, especialmente, a noção de “dialogismo” e “polifonia”, de Bakhtin (1988, 2000, 2001), e a concepção de “interdiscurso”, trabalhada por Maingueneau (2005). Para completar este estudo, tomamos também os trabalhos de Pêcheux (1997, 2009) sobre “formação discursiva” e a noção de Foucault (1971) sobre “formação ideológica”. Estudamos também, na teoria Semiolinguística, desenvolvida por Charaudeau (1996, 2004, 2010), o papel dos sujeitos da linguagem através do modo de organização narrativo do discurso. Com as concepções estudadas, elaboramos o conceito de “matriz discursiva”, e estudamos a referencialidade polifônica, a formação, a história de vida, segundo Santos (2014), do autor de *Os Sertões*, com o objetivo de *mapear* as vozes discursivas no texto de Euclides da Cunha. Assim, com a aplicação deste instrumental teórico, identificamos, no discurso de Euclides da Cunha, as matrizes discursivas da História, das Ciências Naturais, e da Literatura, as quais são organizadas pelo paradigma discursivo da filosofia positivista em voga na época do escritor. Nosso trabalho oferece, então, com sua metodologia, uma ampla discussão e um exemplo da aplicação teórica sobre o problema do dialogismo e do interdiscurso em uma obra literária.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo; interdiscurso; História; *Os Sertões*; Euclides da Cunha.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, nous recherchons sur les voies énonciatives dans le discours de l'oeuvre *Os Sertões*, par l'écrivain brésilien Euclides da Cunha (1866-1909). Pour atteindre ce but, nous étudions, spécialement, la notion de "dialogisme" et "poliphonie", par Bakhtine (1988, 2000, 2001), et la conception d'"interdiscours", travaillée par Maingueneau (2005). Pour compléter cet étude, nous prenons aussi les travaux de Pêcheux (1997, 2009) sur le "formation discursif" et la notion de Foucault (1971) sur "formation idéologique". Nous étudions aussi, dans la théorie Sémiolinguistique, développée par Charaudeau (1996, 2004, 2010), le rôle des sujets du langage à travers du mode d'organisation narrative du discours. Avec les conceptions étudiées, nous élaborons le concept de "matrice discursif", et étudions la référencialité poliphonique, la formation, l'histoire de vie, selon Santos (2014), d'auteur de *Os Sertões*, avec le but de cartier les voies discursifs dans le texte d'Euclides da Cunha. Ainsi, avec l'application de cet instrumental théorique, nous identifions, dans le discours d'Euclides da Cunha, les matrices discursives de l'Histoire, de las Sciences Naturelles, et de la Littérature, auxquelles, sont organisées par le paradigme discursifs de la philosophie positiviste en vogue à l'époque du écrivain. Notre travail offre, alors, avec sur méthodologie, une large discussion et un exemple d'application théorique sur le problème du dialogisme et de l'interdiscours dans une oeuvre littéraire.

MOTS-CLÉS: dialogisme; interdiscours; Histoire. *Os Sertões*; Euclides da Cunha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E TEÓRICAS, AS HIPÓTESES E A DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	16
1.1 Considerações iniciais.....	16
1.2 As matrizes discursivas n` <i>Os Sertões</i> : entre a Literatura, as Ciências Naturais e a História.....	16
1.3 A obra e seu contexto.....	24
1.4 Sobre a Guerra de Canudos e <i>Os Sertões</i>	30
1.5 A origem e as fontes da obra.....	31
1.6 Referencial teórico-metodológico e delimitação do <i>corpus</i> de pesquisa....	35
CAPÍTULO 2 - A ANÁLISE DO DISCURSO E AS RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA, AS CIÊNCIAS NATURAIS E A HISTÓRIA.....	43
2.1 Considerações iniciais.....	43
2.2 O dialogismo bakhtiniano	43
2.3 Polifonia.....	47
2.4 O interdiscurso e heterogeneidade discursiva.....	48
2.5 Ideologia e formação ideológica.....	50
2.6 Formação ideológica e formação discursiva.....	53
2.7 O modo de organização de organização narrativo do discurso e a escrita da história.....	55
CAPÍTULO 3 - O DISCURSO DA HISTÓRIA EM <i>OS SERTÕES</i>	61
3.1 Considerações iniciais.....	61
3.2 A historiografia positivista à época de Euclides da Cunha.....	61
3.3 Considerações sobre a imaginação histórica do século XIX	65
CAPÍTULO 4 - A FORMAÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA: SEUS CONTATOS COM AS CIÊNCIAS NATURAIS E A HISTÓRIA	72
4.1 Considerações iniciais.....	72

4.2 A formação de Euclides da Cunha.....	73
4.3 O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.....	77
4.4 A sociedade científica à época.....	84
4.5 O positivismo de Auguste Comte.....	88
4.6 Classificação das ciências por Comte.....	90
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> E REFLEXÕES TEÓRICAS.....	94
5.1 Considerações iniciais.....	94
5.2 Os fragmentos do discurso literário.....	94
5.3 Os fragmentos do discurso científico-natural.....	105
5.4 Os fragmentos do discurso historiográfico.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	159
ANEXOS.....	168

INTRODUÇÃO

A publicação do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902 desde logo suscitou a problemática acerca do hibridismo da obra. Como não considerar científica uma obra literária tão científica? Ou por outro lado, como não considerar literária uma obra científica tão literária? Poderíamos considerar também a questão como não considerar historiográfica uma obra lítero-científica com contribuições tão relevantes para um evento em particular, como a Guerra de Canudos, no início do período republicano no Brasil?

Esse questionamento pode ser levantado ainda hoje, e como tal motiva esta pesquisa, voltada, não para uma preocupação em classificar a obra segundo um critério de gêneros discursivos, mas para compreender a motivação dessa inquietude acerca do estatuto da obra Euclides da Cunha. Desse modo, nesta tese buscamos investigar como se constitui o dialogismo n`*Os Sertões* e como ele se apresenta nesse texto clássico da literatura brasileira.

Chama-nos atenção, na obra de Euclides, a presença do que optamos por definir como “matrizes discursivas”, que seriam as referências absorvidas pelo discurso do autor de áreas como a História, a Literatura e as Ciências Naturais. Essas matrizes discursivas seriam determinadas, em grande medida, pela influência da filosofia positivista, a qual muito influenciou a onda cientificista influente da época, e tornou bastante singular a obra de vários escritores e poetas da época¹, sobretudo, Euclides da Cunha.

Podemos, dizer, em certa medida, que se trata, assim, de um trabalho que se volta para o desvendamento do dialogismo, ou da rede interdiscursiva da obra deste escritor, cuja complexidade, não raro o leva a ser definido como “pré-modernista”. Se *Os Sertões* é uma obra profusamente dialógica e/ou interdiscursiva, poderíamos dizer que nosso trabalho consiste em ouvir em separado cada uma das vozes principais que formam esse diálogo, entender cada fio discursivo que compõe esse texto.

Desse modo, as questões desenvolvidas nessa tese são tentativas de, além de identificar essas “matrizes discursivas”, compreender como se organiza a construção do dialogismo presente

¹ O cientificismo também é observado nos romances de Aluisio de Azevedo e na poesia de Augusto dos Anjos.

na referida obra de Euclides da Cunha. Para tanto, nosso trabalho se organiza a partir seguinte proposta que se segue.

Seguindo as etapas de nosso procedimento metodológico, iniciamos o trabalho com a apresentação sobre a obra, suas características mais gerais, suas singularidades, e o contexto de sua produção. Em seguida passamos ao estudo dos, diríamos pilares conceituais de nossa abordagem, formados pelas noções de dialogismo, de Bakhtin (1988, 2000, 2001), e interdiscurso, de Maingueneau (2005). Veremos como outros autores, em outros contextos epistemológicos pensaram os fenômenos aos quais esses conceitos se referem, buscando operacionalizá-los, tais como Authier-Revuz, por exemplo.

Essas noções nos auxiliam a delimitar e, ao mesmo tempo, sustentar neste trabalho, a noção de “matriz discursiva” que constitui praticamente nosso objeto de investigação. Por sua vez, além de revisitar autores que poderíamos qualificar de *clássicos*² na Análise do Discurso, também recorreremos àqueles cujo trabalho teórico se encontra em franco desenvolvimento, como Charaudeau (1996, 2004, 2010) e sua teoria Semiolinguística. No caso, de Charaudeau, recorreremos ao modo de organização narrativo, mostrando como a ação dos sujeitos da linguagem colabora para um tipo de tessitura coerente das vozes do discurso.

Nesse trabalho, salientamos que a noção de “matriz discursiva” será cunhada levando em conta a singularidade de nossa abordagem, a qual deverá ser sugerida necessariamente pelas características encontradas no *corpus*. E acrescentamos também a esse estudo o conceito de “referencialidade polifônica”, apresentado por Santos³ (2014), e que nos permite justificar o estudo da formação de Euclides da Cunha como procedimento metodológico viável. E finalmente chegamos ao estudo dos interlocutores discursivos (os autores com que Euclides dialoga em seu discurso), os quais nos permitem identificar as matrizes discursivas e mapear as vozes enunciativas presentes n`*Os Sertões*, e a análise de fragmentos selecionados na obra em conformidade com as suas respectivas matrizes discursivas.

Podemos acrescentar também que o trabalho do Analista do Discurso, segundo observamos, alinha-se de maneira coerente com algumas ideias do filósofo alemão Friederich Nietzsche

² Embora Charaudeau e Maingueneau sejam também *clássicos* na Análise do Discurso, qualificamos com esse termo especialmente o trabalho de Bakhtin, Foucault e Pêcheux. Os dois primeiros por terem sido precursores dessa disciplina, o último por ter sido praticamente um co-fundador dela.

³ Professor coordenador do Laboratório de Estudos Polifônicos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

(1999) ao se referir às *origens do gosto pelas obras de arte*. A analogia aqui estabelecida é uma forma de compreendermos inclusive, a dinâmica das interações sociais e discursivas, e não somente a apreciação estética relativas às obras de arte. Gostaríamos, assim, de reproduzir as palavras do filósofo para melhor ilustrar nossa colocação. Nesse caso, passemos a palavra ao filósofo:

Se se pensa nos germes iniciais do sentido artístico e se pergunta quais são as diversas espécies de alegria produzidas pelas primícias da arte, por exemplo, entre populações selvagens, encontra-se primeiramente a alegria de entender o que um outro quer dizer: a arte é aqui uma espécie de proposição de enigmas, que proporciona, ao decifrador, prazer por sua própria rapidez e acuidade de sentido. (NIETZSCHE, 1999, p. 113)

Essa consideração sobre as origens do gosto da apreciação artística, apontada por Nietzsche, também pode ser entendida como uma importante fonte de motivação para se analisar o trabalho de Euclides da Cunha por se tratar de uma obra literária considerada um dos clássicos da literatura brasileira e significativa tanto para entendermos o contexto de sua época quanto o conflito de Canudos, no sertão baiano.

Nesse âmbito, nosso trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo que, no primeiro apresentamos as características gerais da obra que constitui o nosso *corpus*: suas características principais, sua recepção à época, sua representatividade nos dias de hoje, as fontes primárias que originaram sua produção. Também apresentamos os objetivos de nossa pesquisa, e as hipóteses que guiarão nosso trabalho com base, principalmente, nas noções de dialogismo, de Bakhtin, e de interdiscurso de Maingueneau.

No capítulo dois, realizaremos a revisão teórica acerca do referencial teórico que nos apoiará na análise do *corpus*. Abordaremos as noções de dialogismo, de Bakhtin (1988, 2000, 2001), com base em seu livro *Estética da Criação verbal e O Freudismo*. Também recorreremos ao estudo da acepção bakhtiniana de polifonia para caracterizarmos o *corpus* de estudo.

Também discutimos a noção de interdiscurso de Maingueneau (2005) para compreendermos como o dialogismo ocorreria no discurso. Nesse sentido, é necessário a abordagem do conceito de heterogeneidade discursiva de Authier-Revuz (2004) para melhor compreendermos como se manifestam as muitas vozes discursivas na escrita de Euclides da Cunha.

No capítulo três, abordamos as condições da disciplina da História na época de Euclides da Cunha. Dessa forma, analisaremos os referenciais e pressupostos teóricos historiográficos positivistas/deterministas, nitidamente presentes e enunciados pelo autor e que tanto influenciaram cientistas e historiadores do século XIX. Tarefa esta que realizamos com base no trabalho de Reis (2005, 2011), sobre a historiografia da época, e na proposta metodológica de White (1992) sobre a imaginação histórica do referido século.

No capítulo quatro, em função das reflexões sobre o *corpus* e das noções de formação ideológica e formação discursiva utilizadas para compor nossas análises, é necessário pesquisarmos as condições de produção da obra de Euclides da Cunha. Assim, faremos a análise da sua formação escolar e profissional: o exame do currículo escolar e das vertentes teóricas que balizaram seu currículo; sua trajetória na Escola Militar da Praia Vermelha e na Escola Superior de Guerra. Assim, nos apoiaremos nos estudos de Santana (1999) e nos documentos da época encontrados na revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), entre outros.

Em função das características do *corpus*, nosso “olhar” e dos nossos objetivos, também estudamos o discurso da filosofia positivista de Auguste Comte (1973) a fim de compreendermos como esse paradigma teórico/filosófico orienta as disciplinas e teorias com as quais Euclides da Cunha tanto se identificou na escrita da obra. O que se justifica também pelo fato de o Positvismo ser a base de sua formação intelectual, a base da formação ideológica das forças armadas republicanas e da construção da política da República brasileira. Desta forma, haveremos de compreender melhor a estruturação e organização do texto de *Os sertões*.

Por fim, no capítulo cinco, faremos as análises dos fragmentos selecionados de *Os Sertões*. O referido capítulo está disposto em três partes: fragmentos da matriz discursiva literária; fragmentos da matriz discursiva científico-natural e fragmentos da matriz discursiva historiográfica. Todos os fragmentos são selecionados a partir de um critério que leva em conta a presença de um tema de grande representatividade em cada uma dessas matrizes. Assim, por exemplo, procuramos identificar na matriz discursiva científico-natural, a caracterização do discurso messiânico e da figura de Antônio Conselheiro feita por Euclides da Cunha.

Já em relação à matriz discursiva historiográfica, fizemos uma seleção que priorizou a identificação dos teóricos citados por Euclides, além de procurarmos dar aos fragmentos referentes à narração da luta entre os jagunços de Conselheiro e as tropas federais uma, digamos, *continuidade narrativa*, que engloba desde a chegada das primeiras tropas ao sertão, as principais batalhas, e o desfecho do conflito. O objetivo desse procedimento é, justamente, mostrar como o autor desenvolveu o aspecto “integralizador” da narração.

Desse modo, pretendemos deslindar o discurso o discurso d’*Os Sertões* compreendendo suas vozes constituintes mais importantes, os discursos mais relevantes que o atravessam, as motivações ideológicas (estéticas, científicas, intelectuais) pelas quais se deu essa construção discursiva. Buscamos, enfim, oferecer algum entendimento diferenciado, sob o viés da Análise do Discurso, acerca da complexidade e da dificuldade da categorizar a principal obra de Euclides da Cunha.

CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E TEÓRICAS, AS HIPÓTESES E A DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

1.1 Considerações iniciais

Iniciaremos nosso estudo sobre a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, estabelecendo as suas características mais gerais: sua organização, quais as fontes primárias de sua construção discursiva e de que maneira Euclides da Cunha “teceu” essas fontes. A obra, publicada em 1902, foi o resultado de um esforço intelectual do autor por meio de seus artigos no jornal *O Estado de São Paulo* e seu trabalho de cobertura jornalística como enviado de guerra.

Explanaremos nossas impressões sobre a obra posicionando-nos acerca da natureza de *Os Sertões*: sob a confluência de diversas “matrizes discursivas”, a obra transita entre a Literatura, a História e as Ciências Naturais. Assim, nesse capítulo, apontaremos as vertentes teóricas que nos orientarão na escrita desse trabalho de pesquisa, além das hipóteses que susterrão nossa abordagem.

1.2 As matrizes discursivas n`*Os Sertões*: entre a Literatura, as Ciências Naturais e a História

Antes de iniciarmos nossas reflexões sobre a obra de Euclides da Cunha e os textos literários, salientamos que *Os Sertões* tem um caráter híbrido: possui traços marcantes dos caracteres literários em sua métrica, forma e estilo. Por seu turno, temos as abordagens e as indicações das Ciências Naturais, pelos termos, conceitos, análises e explicações, seguida de citações e

referências diretas aos autores ligados à disciplina, e uma singular alusão a historiadores, e preocupações metodológicas de vertentes da História.

A obra é considerada uma das maiores da literatura brasileira e tem sido discutida amplamente após mais de cem anos de sua publicação, tendo sido alvo de uma série de estudos e pesquisa que buscam revelar sua abrangência e alcance. Os trabalhos que abordam *Os Sertões* estendem-se da Sociologia, à Literatura passando pela História, pelas Ciências Naturais, entre outros. Seu legado é importante para entendermos não só o conflito vivido no sertão baiano, mas também a discussão na época acerca da identidade nacional do país.

Os Sertões foi iniciado a partir dos artigos publicados por Euclides da Cunha, intitulados “A nossa Vendéia”, e posteriormente, outra fonte foi concebida a partir dos registros de viagem durante a cobertura da Guerra de Canudos, quando Euclides da Cunha foi designado como correspondente de guerra: “[...] Todos os grandes jornais da época mandaram enviados especiais para Canudos, [...]” (SANTANA, 2001, p. 93) Assim, consideramos as fontes primárias que são embrionárias da obra *Os Sertões*: a “Caderneta de campo”, os artigos intitulados “A Nossa Vendéia” e o “Diário de uma Expedição”.

Os artigos de “Nossa Vendéia” foram publicados antes do convite para ser correspondente de guerra. São textos que comentam as notícias que chegam do *front* e expõem um certo posicionamento do autor sobre o conflito. Neles, Euclides da Cunha faz uma relação entre o levante de Canudos e um movimento contra revolucionário ocorrido após a Revolução Francesa, de 1789. O nome “A nossa Vendéia”, refere-se à região de Vendée, no interior da França, palco de um levante contrário à Revolução Francesa. Na ocasião, os camponeses de Vendée se recusaram ao recrutamento obrigatório para defender as fronteiras francesas da ameaça estrangeira.

Esse movimento se deve em função de os camponeses da região de Vendée estarem insatisfeitos com os rumos do governo revolucionário (FURET & OZOUF, 1989). As promessas revolucionárias pareciam não ter atingido os camponeses da região, pois as reformas, como o recrutamento obrigatório, eram feitas pela burguesia francesa em benefício próprio, o que levou à revolta dos camponeses. Desta forma, a analogia feita entre Canudos e Vendée expõe um determinado ponto de vista em que o autor, Euclides da Cunha, infere as motivações da revolta.

É importante lembrar, que a República Brasileira acenava como um novo momento da política nacional. Os ideais republicanos apontavam para uma sociedade meritocrática no lugar de uma sociedade aristocrática (CARVALHO, 1998). Entretanto, a distância entre os ideais e a realidade era abissal. Canudos é resultado do “coronelismo” e desrespeito das elites locais da região nordeste e, a fundação da cidade, uma ameaça à hegemonia desses grupos políticos.

Nesse contexto, em função das publicações de “A nossa Vendéia”, Euclides da Cunha é convidado a se tornar enviado especial de guerra. A partir dessa nova experiência, temos as outras fontes primárias d’*Os Sertões*. Na “Caderneta de campo” e no “Diário de uma Expedição” estão os registros da viagem repletos de detalhes da paisagem com riqueza de descrições de acordo com os termos e normas das Ciências Naturais: “[...] para examinar a flora e a fauna [...] não podia resistir às grandes explicações científicas, todas as vezes que encontrava uma pedra, flor, um fruto ou um pássaro”. (SANTANA, 2001, p. 95) Os registros vão desde anotações sobre Geologia, Botânica, até Cartografia, clima, vegetação flora e fauna, entre outros.

Esses registros iriam compor a obra que foi dividida em três partes: “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”. Na primeira parte, observamos a descrição detalhada da paisagem que se apresenta desde a saída do escritor da região sudeste até a sua chegada ao sertão baiano. Suas descrições são um mosaico com riqueza de detalhes que desvendam ao leitor as mínimas nuances e detalhes da região, o que revela todo um rico entrecruzamento de disciplinas das ciências naturais: Geologia, Botânica, Climatologia, entre outras.

Na segunda parte, intitulada “O Homem”, o autor faz uma análise das características e genealogia do homem sertanejo. A princípio, começa sua explanação explorando as questões étnicas que envolvem essas definições. A questão do homem autóctone e suas singularidades como elementos primordiais na construção de nações e nacionalidades exuberantes e progressistas. Essa abordagem já revela a influência de teorias evolucionistas repletas do darwinismo e do determinismo biológico de Spencer sobre as questões culturais. (SCHWARCZ, 2012)

Além disso, há o envolvimento no grupo de pesquisadores e pensadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), que além de contribuir para as Ciências Naturais na

descoberta e mapeamento das regiões brasileiras, sobretudo a paulista (SANTANA, 2001), também possuía um projeto de identificação do edificador da nação brasileira (no caso, o bandeirante paulista). Retomaremos essa questão adiante.

Numa última parte, Euclides da Cunha desenvolve a narrativa que dá conta dos movimentos de guerra e suas consequências. A partir do seu próprio testemunho ou do testemunho de outros envolvidos no conflito, o autor constrói a sucessão de fatos que terminou com uma denúncia do massacre cometido pelo governo contra os jagunços do beato Antônio Conselheiro.

A princípio, o engenheiro/escritor não era uma voz discordante das discussões da época (GÁRATE, 1993). O conflito em Canudos, nessa perspectiva, era um levante monarquista e desestabilizador dos ideais republicanos que eram associados à modernização do país. Euclides da Cunha era um republicano assumido. Sua formação acadêmica e profissional foi determinante nessa opção política. Fruto de uma educação militar e uma formação rígida o autor se interessou e se dedicou aos estudos sob a influência das Ciências Naturais e do cientificismo, além de, sobretudo, ser bastante influenciado pelo positivismo, que norteava o desenvolvimento de todas essas disciplinas, inclusive o das ciências humanas.

Na mesma época, os já citados estudos de Charles Darwin eram influentes e demonstram através do positivismo, a crença no conhecimento científico na busca por leis da sociedade tais quais as leis da natureza. O impacto das ideias de Darwin sobre as orientações teóricas da época foi gigantesco (HOFSTADTER, 1975). Os referenciais darwinianos eram alicerçados por uma nova relação com a natureza, e marcou uma série de estudos em diversas áreas, como: Sociologia, Antropologia, História, entre outras.

Nesse sentido, havia uma questão referente à noção de raças que se desenvolvia no século XIX. A crença em uma evolução da humanidade partindo de uma origem única era definida como monogenista. Essa perspectiva hierarquizava as culturas, os povos e os homens, pela diferenciação de seu estágio mental e moral. Por outro lado, outro grupo de cientistas acreditava que houvesse ancestrais comuns, o que lançava mão de uma interpretação que afastava as questões biológicas mais ortodoxas (SCHWARCZ, 2012). Assim, esses estudos se dirigiam a uma interpretação mais voltada para as questões que envolviam política e cultura.

É importante considerarmos que as teorias de Darwin foram influenciadoras de uma série de programas de pesquisa e de trabalhos que, em grande medida, interpretavam-na à sua maneira desvinculando-se das premissas originais do teórico. Assim,

[...] não são poucas as interpretações de *A origem das espécies* que desviam do perfil originalmente esboçado por Charles Darwin, utilizando as propostas e conceitos básicos da obra para a análise do comportamento das sociedades humanas. Conceitos como “competição”, “seleção do mais forte”, “evolução” e “hereditariedade” passavam a ser aplicados aos mais variados ramos do conhecimento: [...] na literatura naturalista, com a introdução de personagens e enredos condicionados pelas máximas deterministas da época, para não falar da sociologia evolutiva de Spencer e da história determinista de Buckle. (SCHWARCZ, 2012, p. 73)

Sob a influência de sua época e dos teóricos citados (dentre os quais Euclides da Cunha chega a anunciar explicitamente Buckle), o escritor e sua obra *Os Sertões* revelam um país não conhecido de todos e, esse conteúdo é, em grande medida, construído sobre as bases dos pressupostos cientificistas abordados. As razões do conflito giravam em torno do combate a um levante monarquista (ABREU, 1998). De fato, alguns elementos possibilitam essa análise, como o fato de os jornais da época considerarem o levante como uma tentativa de desestabilizar o governo.

Com o tempo no decorrer de sua obra, Euclides mostrou que essa perspectiva acerca das motivações do conflito reduzia a questão ou encobria as razões mais profundas que justificavam a revolta: a miséria dos jagunços; o coronelismo das elites locais; o esquecimento político das elites quanto às populações menos assistidas (problema que vivenciamos ainda hoje de alguma maneira); o despreparo do nosso exército frente ao grupo de colonos armados; a crueldade com que os colonos foram exterminados pelas tropas federais.

Categorizar a obra de Euclides da Cunha é tarefa complexa: seria uma obra literária? Produto de atividade jornalística? Uma abordagem histórica sobre o conflito? Em toda a obra, percebem-se as influências de diversas áreas do conhecimento em sua escrita e os interdiscursos que permeiam a narrativa de *Os Sertões*. Dessa forma, é necessário abordarmos o fenômeno do dialogismo, noção que, subsequentemente, nos leva à de interdiscurso.

Os estudos que nos levam à abordagem da acepção de interdiscurso são marcados pela relação com o trabalho de Pêcheux. O referido autor estabelece que o discurso e o seu sentido não

estão restritos à sua definição sintática. Assim, “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível a tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 53). Os significados estão no extradiscursivo e são perpassados pelas palavras do *outro*.

Bakhtin, filósofo russo, como já dissemos, é outro estudioso que nos permite pensar a relação do atravessamento do discurso pelo outro, pela alteridade nos estudos sobre o dialogismo (BAKHTIN, 2000). Em *Estética da Criação Verbal*, o teórico desenvolve os preceitos que balizam a noção e a compreensão da dinâmica do discurso sob a ótica dialógica. É importante lembrar que abordagem do dialogismo se mostra importante na análise d’*Os Sertões*, pois o “imbricamento” dos discursos cientificista, historiográfico e literário na referida obra se apresenta como um tipo de manifestação do interdiscurso.

Para darmos seguimento as nossas análises sobre o texto de Euclides da Cunha, é necessário utilizarmos outras ferramentas teóricas para identificarmos e compreendermos de que maneira esses discursos se articulam num todo e íntegro discurso. Assim, no que se refere ao discurso literário, Bakhtin (1998), em *Questões de literatura e estética*, demonstra como as vozes do discurso literário em Dostoiévsky se articulam de tal forma que, os personagens com suas consciências e pontos de vista são confrontados sem o autor tomar partido desses modos de pensamento. O autor permite o desenvolvimento da polêmica na posição de cada personagem que ganha vida, consciência e identidade própria: fenômeno denominado pelo filósofo de polifonia.

N’*Os Sertões* percebemos as “consciências” formadas pelos vários discursos outros se articulando ao autor. As influências e pontos de vista teóricos de sua época norteiam a construção do seu discurso e evidenciam seus posicionamentos políticos, intelectuais, científicos, estético-literários, entre outros. Observamos também que o autor, ao longo da obra, nos oferece uma reviravolta de posicionamentos frente ao conflito armado e ao “julgamento” que faz da terra e suas características, dos personagens e do conflito.

Como já apontamos anteriormente, outra matriz discursiva presente na obra é aquela ligada às Ciências Naturais. Especialmente na primeira e segunda parte da obra, “A Terra” e “O Homem”, encontramos um grande referencial de teorias, descrições, referências e análises que

se assemelham aos textos e aos artigos científicos que a comunidade de cientistas e letrados da época, de uma certa maneira, tanto “louvavam”. (SCHWARCZ, 2012).

Sobre a matriz discursiva das Ciências Naturais, é preciso pensá-la a partir do exame dessas influências na vida e na formação intelectual do escritor/engenheiro. Para tanto, analisaremos os programas de ensino das instituições de educação que fizeram parte de sua formação, além da rede de interlocutores que o influenciaram ou colaboraram direta e indiretamente em seu trabalho. Também nos dedicaremos a explorar as referências citadas n`*Os Sertões*. Encontramos apenas algumas referências explícitas, dentre elas a dos historiadores Henry Buckle e Hypolite de Taine, referências estas que serão abordadas no capítulo referente ao exame das vertentes científicas na obra.

Nesse sentido, para tratarmos dessas influências presentes n`*Os Sertões* nos orientaremos a partir dos conceitos, oriundos da Análise do Discurso e das noções de interdiscurso de Maingueneau (2005). O que nos permite compreender como os discursos que permeiam o texto de Euclides da Cunha compõem a teia de relações que estabelece, por sua vez, o dialogismo presente em sua obra.

As noções de dialogismo e de interdiscurso, por sua vez, podem ser relacionadas de maneira coerente com a teoria Semiolinguística de Charaudeau (2010). Ao considerar, como o autor supracitado, que o discurso é construído pela ação entre interactantes que se constituem na e pela linguagem dentro de uma situação de comunicação, poderíamos dizer que a situação de comunicação evocaria uma rede dialógica, uma rede interdiscursiva (ainda que de maneira inconsciente). Essa rede dialógica interdiscursiva seria trabalhada de maneira estratégica, ou se manifestaria de modo não deliberado, pelo sujeito enunciador na construção de seu discurso.

Por sua vez, no ato de comunicação, há uma negociação dos papéis sociais exercidos e, em grande medida, os participantes apóiam-se em outros interlocutores, em outras “falas” para a construção do seu discurso. Essa dimensão, além de considerar o papel das ideologias e dos discursos a que somos expostos e influenciados na construção de nossa identidade discursiva, considera que por natureza, todo discurso é inter-relacionado. Assim, a teoria Semiolinguística nos possibilita operacionalizar as noções de dialogismo, heterogeneidade e interdiscurso n`*Os Sertões* análise do ato comunicativo de Euclides da Cunha.

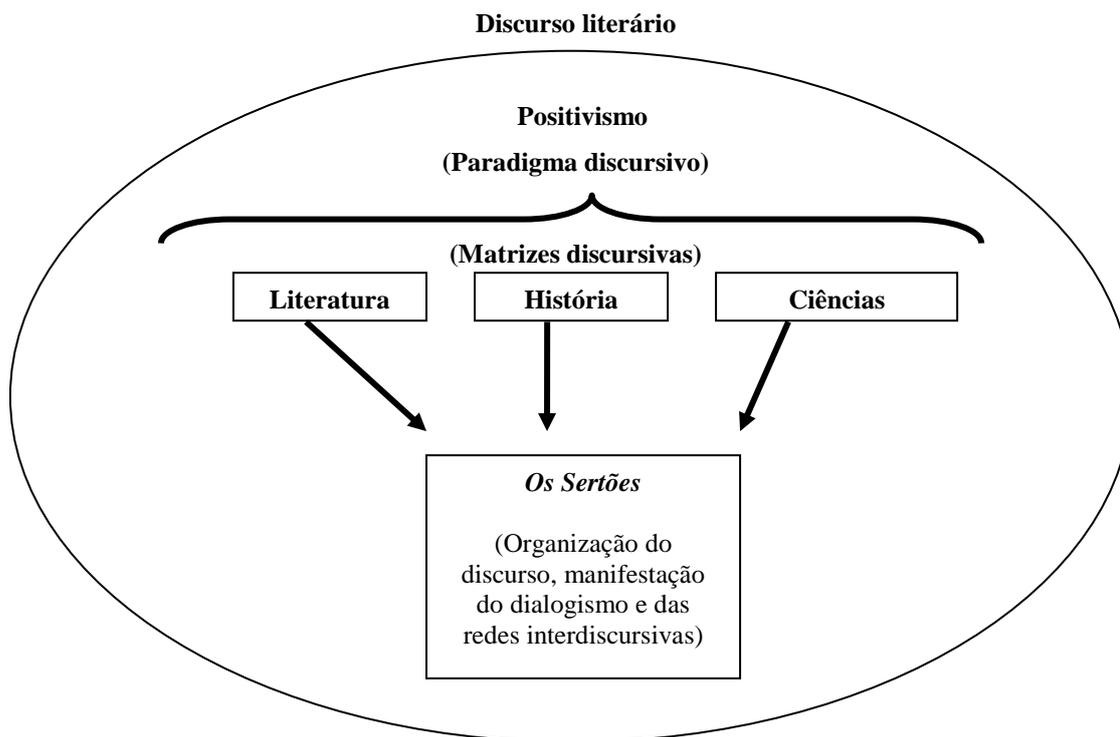
Por sua vez, salientamos que, visando a uma aplicação coerente e operacional desses pressupostos teóricos ao *corpus* estudado, cunhamos a expressão, ou a já mencionada noção de “matriz discursiva”. A matriz discursiva pode ser entendida com um determinado discurso que serve como fonte, como suporte ou base para a composição de um discurso outro. Uma matriz discursiva, assim, remete a um capo do saber dentro do qual ela foi produzida⁴. Por exemplo, a matriz discursiva historiográfica é o discursivo historiográfico (produzido naturalmente no campo da História) que ajuda a compor o discurso de Euclides da Cunha n`*Os Sertões*. Assim como também são matrizes discursivas, o discurso literário e o das Ciências Naturais.

As matrizes discursivas, por sua vez, são regidas, organizadas na obra por um outro discurso que lhes serve de paradigma. Por exemplo, se temos, em Euclides da Cunha, os discursos historiográfico, literário e o científico-natural estes, enquanto matrizes, são organizados por uma espécie de paradigma discursivo, o qual, no caso d`*Os Sertões*, seria dado pelo discurso da filosofia positivista de Augusto Comte. A noção de paradigma, adotada temporariamente apenas para exemplificar o lugar das matrizes discursivas em nossa abordagem, é inspirada necessariamente no trabalho de Thomas Khun (1996), segundo o qual um paradigma seria, grosso modo, um modelo ou um conjunto de parâmetros capazes de suprir a explicação de um fenômeno através de uma teoria. Assim, o positivismo funcionaria como um paradigma que promoveria a organização das matrizes discursivas presentes na obra de Euclides da Cunha.

Essas matrizes discursivas, por seu turno, seriam organizadas na obra através da ação do sujeito comunicante especialmente através dos modos de organização do discurso, conforme a terminologia de Charaudeau, desdobrado em enunciador, no texto. Razão pela qual julgamos pertinente associar as noções de dialogismo e interdiscurso à teoria Semiolinguística.

Com o objetivo de ilustrar essas primeiras colocações teórico-metodológicas apresentamos o esquema seguinte, no qual se observa o lugar das matrizes discursivas em nossa abordagem do *corpus*:

⁴ Salientamos também que a noção de “matriz discursiva” não visa a estabelecer uma genealogia do discurso d`*Os Sertões*. Do mesmo modo, também vemos relação, ao menos deliberada com a noção de “discurso constituinte”, desenvolvida por Dominique Maingueneau.

Esquema 1: as matrizes discursivas e sua relação com o texto

Conforme se pode depreender, buscamos, ao longo deste trabalho, realizar o mapeamento das vozes que atravessam o discurso de Euclides da Cunha na obra *Os Sertões*, identificando através da organização desse discurso, estratégias de encadeamento de ideias, referências que revelem determinadas competências enciclopédicas de campos como o da Geologia, Ciências Naturais, História, entre outras. Agora, passaremos à análise e à exposição da conjuntura histórica e das características principais da obra de Euclides da Cunha e do seu tempo.

1.3 A obra e seu contexto

A obra de Euclides da Cunha se imortalizou ao longo desses pouco mais de 100 anos de publicação de *Os Sertões*, no ano de 1902. Nascido no seu trabalho de jornalista frente ao jornal *Província de São Paulo*, atual *O Estado e São Paulo*, Euclides reformula os registros e relatos da viagem ao sertão baiano na obra *Os Sertões*, o que lhe renderia glória e um lugar na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1909, ano de sua morte.

É importante destacar o papel exercido pelo jornal *Província de São Paulo* à época da cobertura jornalística de Euclides da Cunha. “Fruto de uma cidade progressista, *científica* e laboriosa” (GARCIA, 2009, p. 12), o Jornal fora fundado pela elite paulistana e era bastante

influenciado em suas páginas pelas obras de Darwin, Spencer e Augusto Comte. Assim, Euclides da Cunha assinava seus artigos sob o pseudônimo do filósofo Proudhon, demonstrando o ar de cientificismo que se desenvolveu na época.

Tais influências e aspectos relativos à época e ao jornal aparecerão com destaque em sua obra: o cientificismo; o determinismo; o apelo às referências teóricas e científicas na descrição da terra, do homem; as narrativas com minúcias de detalhes. Todos esses pequenos pontos se mostraram claros na obra do autor e em todos os seus demais trabalhos.

O que explica a importância da obra *Os Sertões* para a literatura e para a cultura do país? Euclides da Cunha viveu o suficiente para ver, em parte, o sucesso que sua obra alcançou. No ano de sua morte, poucos meses antes, ele foi eleito para a Academia Brasileira de Letras pelo trabalho sobre a Guerra de Canudos (GARCIA, 2009). Ao longo do século XX, escolas, institutos, concursos, homenagens, fundações, trabalhos científicos, discussões, debates, seminários, entre outros, não cessaram de discutir e homenagear a obra e o escritor.

Ao assumir a posição de membro da Academia Brasileira de Letras, Euclides da Cunha se definia como “escritor por acidente”. O que ressalta a importância daquela cobertura jornalística que resultaria n`*Os Sertões*, e que seria elemento de transformação da vida do autor. Assim,

Euclides recebeu 24 dos 31 votos, [...] Escrevendo ao pai no dia seguinte, ele demonstrava sua satisfação com a vitória e dizia: “Apresso-me em comunicar-lhe que fui eleito para a Academia Brasileira de Letras para a cadeira desse grande patricio Castro Alves. Assim o desvio que abri nessa minha engenharia obscura alongou-se mais do que eu julgava.” (GARCIA, 2009, p. 47)

As repercussões de sua obra logo se ecoaram pelos jornais ou pelas cartas recebidas dos ilustres colegas letrados. Euclides da Cunha procurou responder a cada uma delas de maneira singular: “anotações que fez de próprio punho num exemplar do livro que pertenceu a Basílio de Magalhães” (FACIOLI & NASCIMENTO, 2003, p. 8); algumas foram respondidas por notas ou revisões realizadas nas edições posteriores (em especial a terceira edição).

A repercussão foi tamanha que a editora responsável pela publicação da obra lança em 1904, dois anos após a publicação d`*Os Sertões*, o ensaio *Juízos Críticos*, reunindo as diversas

manifestações e pronunciamentos sobre a obra de Euclides da Cunha. Essa seria mais uma das “reverberações” produzidas pela obra do escritor. Assim, o debate que se inicia a partir das impressões dos homens de sua época após a leitura d’*Os Sertões*, tem registrado nesse livro o reflexo da recepção da obra pelos leitores e pela sociedade em geral quando de sua publicação.

A abrangência e a variedade dos pontos de vista se igualam à variedade de aspectos que se podem relacionar à obra e ao conflito. Podemos atribuir algumas características iniciais a *Os Sertões*. Em primeiro lugar, essa obra nasce como um registro e um relato da viagem de Euclides da Cunha ao sertão baiano. Desse registro, algumas descrições “cientificizadas” da terra, do relevo, das formas do terreno, morfologias, biomas, dentre outros, evidenciam a riqueza de detalhes sobre morfologia, geografia, geologia, botânica, entre outros. Em segundo lugar, *Os Sertões* é considerado uma obra literária, e como tal foi publicado, vindo a tornar-se uma maiores obras da literatura brasileira do século XX.

Nesse sentido, a discussão e a repercussão do texto, enquanto obra literária ganha força pela crítica e rendem a Euclides da Cunha um lugar na Academia Brasileira de Letras, como já expomos anteriormente. Por fim, apontamos a característica concernente à natureza historiográfica, ou a dimensão historiográfica como poderíamos dizer, do texto de Euclides da Cunha. Essa dimensão historiográfica revelaria aspectos motivadores do conflito de Canudos, dos interesses ocultos presentes na motivação das expedições militares ao conflito, das características e do jogo político que permeavam os acontecimentos da época.

Uma importante obra que reverberava o eco dos leitores de Euclides da Cunha foi lançada logo após a publicação d’*Os Sertões*. Essa publicação intitulada *Juízos críticos* nos dá um breve, porém, rico panorama do alcance e das várias interpretações e críticas que o trabalho de Euclides da Cunha produziu.

Na referida obra, *Juízos Críticos*, de José do Nascimento e Valentim Facioli, existem depoimentos e análises críticas d’*Os Sertões* no calor da recepção que o texto de Euclides produziu na sociedade brasileira à época. Um aspecto relevante nas observações que se fazem sobre a obra de Euclides da Cunha reside exatamente na sua característica híbrida. *Os Sertões* consolida-se como obra de difícil classificação em função da sua abrangência. As discussões sobre o seu estatuto são recorrentes entre intelectuais e leitores que se interessam por

literatura em si, por literatura brasileira, e também entre aqueles que se interessam por História, Sociologia e pela política nacional.

Portanto, as discussões sobre a recepção e a revelação da natureza híbrida da obra de Euclides da Cunha, estabelecem algumas notáveis expectativas, análises e debate sobre as influências observadas em sua escrita, os interlocutores inscritos no texto, as aproximações, observadas no texto, entre a História, a Filosofia, a Geologia e Geografia, a Sociologia, entre outros. Isso porque,

A Laemmert [...] num livro intitulado *Juízos críticos* [...], permite reconstruir o debate ocorrido em torno de *Os Sertões*: remontar à natureza da sua recepção e às razões de seu sucesso nos meios culturais brasileiros no início do século XX. (FACIOLI & NASCIMENTO, 2003, p. 7)

Em uma das primeiras análises contidas no livro *Juízos Críticos* da editora Laemmert, há o parecer de José Veríssimo, “homem de ciência, geógrafo, geólogo, etnógrafo, homem de pensamento, filósofo, sociólogo, historiador, homem de sentimento, poeta, romancista, que sabe ver e descrever” (VERÍSSIMO, 1902, p. 1), que enumera uma série de atributos que *Os Sertões* e o seu autor atingiram e conquistaram. J. da Penha utiliza uma certa expressão que também será utilizada pelo próprio Euclides da Cunha: “consórcio entre a arte com a ciência” (PENHA, 1902, p. 34). Tais impressões também foram percebidas e repercutidas por outros leitores e articulistas-escritores brasileiros.

Em relação à utilização de termos científicos vastamente encontrados ao longo d`*Os Sertões*, Jose Veríssimo estabelece uma crítica que aponta certos exageros de Euclides da Cunha no que diz respeito a essa presença marcante dos termos específicos do discurso científico. Para Euclides da Cunha a crítica não é justa, pois a aproximação entre a ciência e a arte, sobretudo no que diz respeito à aproximação com a ciência era uma influência marcante intelectual à época. (SCHWARCZ, 2012)

Mais tarde, Euclides da Cunha fará um trabalho de reflexão em que discorrerá sobre esses aspectos discutidos com José Veríssimo tentando elucidar e justificar tais posicionamentos assumidos n`*Os Sertões*. O escritor inicia sua réplica dizendo,

Demonstra-o o belo artigo que acabo de ler, no qual, atendendo principalmente às observações relativas à minha maneira de escrever, colhi proveitosos ensinamentos.

Num ponto apenas vacilo — o que se refere ao emprego de termos técnicos. Aí, a meu ver, a crítica não foi justa.

Sagrados pela ciência e sendo de algum modo, permita-me a expressão, os aristocratas da linguagem, nada justifica o sistemático desprezo que lhes votam os homens de letras — sobretudo se considerarmos que o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, e a tendência mais elevada do pensamento humano. (CUNHA, 1902, s/n)

A resposta de Euclides da Cunha refere-se ao tratamento que José Veríssimo deu à obra. Veríssimo atribui um excesso de termos científicos ao trabalho do escritor que justificou apoiando-se na tendência de sua época: o “imbricamento” entre a estética literária e os termos e preceitos científicos.

Também encontramos no interior desse debate sobre a obra, questões que envolvem os posicionamentos políticos. Críticas se amontoaram em relação à negação euclidiana de que o conflito tinha um caráter monarquista. Aliás, acreditava-se e propagava-se por toda a república que o levante em Canudos era obra de um missionário monarquista – Antônio Conselheiro. Assunto, a propósito do qual trataremos posteriormente.

De certa forma, o próprio Euclides da Cunha compartilhava essa opinião antes de se dirigir ao sertão baiano para iniciar sua cobertura jornalística do conflito. Entretanto, sua posição inicial muda completamente ao se confrontar com os fatos. Alguns de seus críticos defenderam a ideia do caráter monarquista do levante elevando o tom contra essa interpretação e que o autor d' *Os Sertões* não passava de um desiludido republicano. Em suas críticas dirigidas a Euclides da Cunha, José Maria Moreira Guimarães, colaborador do *Correio da Manhã*, além de evidenciar os desacordos apontados anteriormente em relação ao caráter monarquista do conflito, destitui a obra e a distancia da ciência, atribuindo-a apenas o seu aspecto literário. (COSTA, 1985)

Nesse sentido, o passado de Moreira Guimarães e a sua simpatia e identificação com o regime republicano e com as forças armadas podem elucidar a defesa voraz do regime republicano com que ele se lança no debate sobre o caráter da obra de Euclides da Cunha no que diz respeito aos valores políticos. Moreira Guimarães não só estabelece seu terreno de crítica a esse aspecto, mas busca construir uma argumentação que versa desde a falsa noção científica que atribui à obra, como também a sua possível relação com a História. (COSTA, 1985)

Segundo o crítico, Euclides “desconhece as leis inflexíveis da história e que, por isso, julga que os fatos sociais possam ocorrer sem antecedentes definidos e eficazes”, e baliza-se na autoridade de Silvio Romero, pois “traduz uma aspiração nacional, como elos de uma cadeia de fatos anteriores, exprimindo a ascensão do espírito popular para a realização de seus destinos superiores” (FACIOLI & NASCIMENTO, 2003, p. 11) Essas críticas tentaram evidenciar contradições presentes na obra de Euclides da Cunha, tendo por objetivo confundir e fazer uma defesa dos valores militares republicanos alicerçados no positivismo e no determinismo da época. Para o crítico, Euclides foi parcial na descrição do levante parecendo defender o “outro lado”, uma vez que era um ex-membro das forças militares republicanas.

Por sua vez, Silvio Romero chegou a afirmar que a obra de Euclides da Cunha não seria um trabalho de interpretação histórica, mas um trabalho de sociologia. *Os Sertões*,

[...] seria assim mais ciência sociológica do que arte e que, por uma sorte de perversidade interesseira, a intelectualidade local, para exorcizar a denúncia que contém, definiu a obra como arte literária. (ROMERO, 1906, s/n)

As críticas de Silvio Romero se alinham às discussões sobre o caráter político da República. Romero acredita que o novo regime político não traz nada de novo ao cenário político e social brasileiro por se apoiar nas oligarquias. Uma outra crítica positiva em relação ao trabalho de Euclides da Cunha e depreciadora dos ideais republicanos foi a de Brito Broca (1960). Nessas críticas, o autor reitera as palavras de Silvio Romero e nos diz que o presidente Afonso Pena passou por grande constrangimento ao ouvir o discurso de Silvio Romero na Academia Brasileira de Letras.

Conforme se pode notar, a obra ainda é extensamente debatida e considerada como consórcio entre a ciência e a arte para alguns, livro de ficção, como para Moreira Guimarães, e trabalho de sociologia, como para Silvio Romero. Por outro lado, a obra de Euclides da Cunha também trata das hipóteses científicas da relação entre os caracteres naturais e a história e identidade de um povo. A noção de *obnubilação brasílica* (VOLPE, 2008), faz parte de um posicionamento que se orienta na ideia de que os colonizadores foram “engolidos” pela nova terra deixando para trás os valores e cultura da metrópole, criando assim, condições de uma autonomia e adaptação desse novo homem brasileiro ao seu território e natureza.

Portanto, em relação às críticas que se fizeram quando da publicação do livro de Euclides da Cunha e seus interlocutores, leitores e críticos de todas as gerações, percebe-se a importância do texto em sua temática, tratamento dos fatos e do assunto. Nas palavras de Coelho Neto (1903, p. 1):

[...] As páginas têm a energia da natureza [...] Todo verdadeiro escritor é um revelador [...] só os inexpressivos, os pálidos, [...] ficam satisfeitos com o vocabulário do dia-a-dia, com a técnica comezinha, muito agachados perante as regras duma falsa estética da convenção, obedecendo servilmente às imposições da critica chilra e insossa que exige, a título de simplicidade, o trivialismo banal.

Assim, diante de tamanhas e expressivas repercussões críticas que a obra incitou à época, e diante das reflexões que provoca nos dias de hoje, faremos sua análise. Considerada, por tantos, um marco da literatura brasileira, ao mesmo tempo em que consegue ocupar um espaço na crítica e no estudo da identidade brasileira, na Literatura, na História, nos ensaios de Sociologia. O que mostra as muitas facetas do discurso de Euclides da Cunha n`*Os sertões*.

1.4 Sobre a Guerra de Canudos e *Os Sertões*

Ao iniciar a leitura d`*Os Sertões*, o leitor encontra um rico manancial teórico sobre as mais variadas disciplinas científicas. A descrição detalhada das formas de relevo e aspectos geológicos nos dá um panorama rico em detalhes que permite que o leitor possa como que visualizar com clareza o cenário da região. Vejamos o fragmento abaixo:

[...] embaixo os rebentos graníticos decaídos pelo fundo dos vales, em cômoros esparsos; à meia encosta, inclinadas, as placas xistosas mais recentes; no alto, sobrepujando-as, ou circuitando-lhes os flancos em vales monoclinicos, os lençóis de *grés*, predominantes e oferecendo aos agentes meteóricos plasticidade admirável aos mais caprichosos modelos. (CUNHA, 2003b, p. 14)

Em outras passagens é a vegetação que é descrita com singularidade e riqueza de detalhes:

As juremas, prediletas dos caboclos – o seu haxixe capitoso, fornecendo-lhes, grátis, inestimável beberagem, que os revigora depois das caminhadas longas, [...] refrondam os marizeiros raros- misteriosas árvores que pressagiam a volta das chuvas e das épocas aneladas do *verde* e o termo da *magrém* -, quando, em pleno flagelar da seca, lhes porejam na casca ressequida dos troncos algumas gotas d`água. (CUNHA, 2003b, p. 40)

Os detalhes referentes ao homem, o qual povoa a região e constitui um ator desse cenário também se fortalecem através da mesma descrição detalhista que, alicerçada nas teorias biológicas, sociais e antropológicas, buscam explicação para o “fenômeno” do homem sertanejo e suas características que tanto impressionaram o autor:

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos, a nossa evolução biológica, reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos. A afirmativa é segura. (CUNHA, 2003b, p. 52)

Na parte em que se desenvolve a narrativa referente ao conflito, Euclides da Cunha demonstra e expõe de forma clara o desenrolar dos acontecimentos e também busca argumentar de forma a tecer relações causais e, desta forma, explicativas dos movimentos e das ações da guerra:

Os exploradores receberam os primeiros tiros ao galgarem a barranca esquerda do rio. [...] A vanguarda atacada, uma companhia de 30º, replicou sem parar, acelerando o passo, ao tempo que o grosso da 1ª Brigada e quatro batalhões da 3ª chegavam, compactos abeirando-se do leito do rio, transpondo-o. (CUNHA, 2003b, p. 271)

Essas constatações expõem algumas outras indagações que fomentam questões de igual importância. Quem seriam os interlocutores que surgem no livro de Euclides da Cunha? Onde e como o autor se alimenta dos termos, referências, citações e outros elementos que compõem a narrativa d' *Os Sertões*?

Já expomos algumas dessas referências. As influências mais abrangentes, no que diz respeito aos preceitos teóricos da época, são o positivismo e o darwinismo. Na obra de Euclides da Cunha algumas referências surgem e nos dão índices de seus interlocutores. Entretanto, outras relações só podem ser estabelecidas a partir de um exame mais minucioso.

1.5 A origem e as fontes da obra

Ao longo do século XX, escolas, institutos, concursos, homenagens, fundações, trabalhos científicos, discussões, debates, seminários, entre outros, não cessaram de discutir e homenagear a obra e o escritor. As leituras e reações da obra de Euclides da Cunha não

cessaram. Assim, não podemos deixar de considerar *Os Sertões* sobre as suas várias facetas. Assim,

[...] não teria sentido se *Os Sertões*, além de ser um documento histórico, uma epopéia negativa, uma denúncia, um panfleto gigantesco e impiedoso, fosse uma obra de ciência escrita como uma obra de arte [...]. (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 400)

A estrutura da obra é constituída em função de um determinado objetivo: estabelecer relações entre as três partes: a Terra, o Homem e a Luta. Essa relação trata de uma tese possível acerca da formação do homem sertanejo e do povo brasileiro. Tese esta que vale das doutrinas deterministas acerca da influência do meio ao homem, e que, ao mesmo tempo, explicariam o desenvolvimento do conflito armado no sertão baiano.

Tal consideração, sobre as relações entre o meio e o homem é encontrada no filósofo Roberto Ventura, um estudioso da literatura que discute as postulações teóricas de Hypolite de Taine, autor citado por Euclides da Cunha n`*Os Sertões*. Assim, Ventura (2002) nos informa sobre a influência exercida por Taine sobre a literatura brasileira à época de Euclides da Cunha:

[...] Taine considerou, na *Histoire de la Littérature Anglaise* [História da literatura inglesa] (1863), que a vida de um povo seria determinada por três fatores: o meio, ou o ambiente físico e geográfico; a raça, responsável pelas disposições inatas e hereditárias; e o momento, resultante das duas primeiras causas. Esse modelo também foi seguido por Silvio Romero, em sua *História da Literatura Brasileira* (1888), que tomou a literatura do Brasil como expressão da natureza e do povo, explicando o seu surgimento a partir da ação diferenciadora do mestiço. (VENTURA, 2002, p.182)

Com relação às ideias de Taine, verificamos que o autor justifica sua teoria argumentando que:

[...] Trois sources différentes contribuent à produire cet état moral élémentaire, *la race, le milieu et le moment*. [...], ce sont ces dispositions innées et héréditaires que l'homme apporte avec lui à la lumière, et qui ordinairement sont jointes à des différences marquées dans le tempérament et dans la structure du corps. (TAINÉ, 1870, p. 23)⁵

⁵ (Tradução nossa: Três fontes diferentes contribuem para produzir esse estado moral elementar, a raça, o ambiente e o tempo. Estas são disposições inatas e hereditárias que o homem traz consigo a luz, e, geralmente, estão ligados às diferenças marcantes no temperamento e estrutura do corpo).

Como observamos na análise de Roberto Ventura, Taine explicita a relação entre o meio e o homem na formação deste. Sobre essa questão, verificamos que as três partes do texto de Euclides da Cunha demonstram a influência das diversas áreas dentro das quais sua obra foi debatida. Sua divisão segue os preceitos de Taine e, ele próprio (Euclides da Cunha), anuncia sua influência e intenção. Iremos explorar essa faceta ao analisarmos a questão do interdiscurso e a influência das ciências naturais na obra.

É importante destacar novamente que, antes mesmo de se deslocar para o local do conflito, no sertão baiano em Canudos, Euclides da Cunha já possuía uma coluna no *Província de São Paulo*, em que discorria sobre o conflito, intitulada “A Nossa Vendéia”. Sua primeira coluna foi motivada pela derrota sofrida pelo coronel Moreira César para os colonos de Antonio Conselheiro (SANTANA, 2001, p. 90) Aliás, em função desses artigos, Euclides da Cunha foi convidado a realizar a cobertura do conflito como enviado de guerra.

Podemos então considerar e constatar que, são três as principais fontes primárias da escrita de *Os Sertões*: os ensaios “A Nossa Vendéia” (CUNHA, 1897a), publicados entre 14 de março de 1897 e 25 de outubro do mesmo ano, no jornal *Província de São Paulo*; o “Diário de uma Expedição” no qual Euclides da Cunha esboça detalhes da paisagem e dos fatos presenciados em sua missão de cobrir a guerra de Canudos; e por fim, a “caderneta de campo” onde encontramos uma variedade de descrições e explicações científicas sobre a paisagem e os acontecimentos que o escritor presenciou.

Em “Diário de uma Expedição” (CUNHA, 2003a) o autor narra todos os fatos desde a saída para o Estado da Bahia até o término do seu trabalho de correspondente de guerra. O seu diário está assim dividido: Bordo do Espírito Santo, 7 de agosto; Bahia, 10 de agosto; Bahia, 12 de agosto; Bahia, 13 de agosto; Bahia, 15 de agosto; Bahia, 16 de agosto; Bahia, 18 de agosto Um episódio da luta; Bahia, 19 de agosto; Bahia, 20 de agosto; Bahia, 21 de agosto; Bahia, 23 de agosto; Alagoinhas, 31 de agosto; Queimadas, 1ª de setembro; Queimadas, 2 de setembro; [Queimadas], 3 de setembro; [Queimadas], 4 de setembro; Tanquinho, 4 de setembro; Cansanção, 5 de setembro; Quirinquinquá, 5 de setembro; Monte Santo, 6 de setembro; Monte Santo, 7 de setembro; Monte Santo, 8 de setembro; [Monte Santo], 9-10 de setembro; Monte Santo, 11 de setembro; Canudos, 10 de setembro [?]; Canudos, 24 de setembro; [Canudos], 26 de setembro; [Canudos], 27 de setembro; Canudos, 28 de setembro; Canudos, 29 de setembro; Canudos, 1o de outubro. (CUNHA, 2003a)

Na primeira nota de seu diário (7 de agosto) Euclides da Cunha faz um breve relato da viagem até a Bahia e reforça os valores republicanos: “[...] a disposição entre os oficiais é a melhor possível. [...] como um antídoto enérgico, um reagente, infalível, alevanta-se ao Norte, o nosso grande ideal - a República -.” (CUNHA, 2003a). Além disso, volta a citar as questões que discutiu nos artigos “A Nossa Vendéia” desejando boa sorte às forças republicanas.

Os posteriores registros do diário desenvolvem comentários sobre os aspectos referentes à paisagem, às pessoas e aos movimentos no *front*. Em um dos registros Euclides da Cunha relata a conversa com um jovem militante de Conselheiro que faz algumas revelações quanto à possibilidade de morrerem na luta contra o exército brasileiro. Em resposta a questão: o que promete Conselheiro àqueles que morrem na luta? O jovem responde: “[...] Salvar a alma.” E Euclides da Cunha comenta a resposta da seguinte maneira:

[...] Estas revelações feitas diante de muitas testemunhas têm para mim um valor inestimável; não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão. (CUNHA, 2003a, s/n)

Percebe-se uma de suas primeiras impressões sobre os seguidores de Conselheiro. Nessa primeira análise o escritor concebe a religião dos nativos de Canudos como repleta de atributos pejorativos ligados ao messianismo e ao fanatismo. Essa visão será reforçada n`*Os Sertões*. Entretanto, sua visão do sertanejo sofrerá uma guinada em sua análise do homem. Veremos esse aspecto no capítulo destinado a analisar a influência das Ciências Naturais na obra.

Em sua “Caderneta de campo” encontramos registros ligados, em sua maior parte, à descrição da natureza repleta de fontes do saber científico natural. Em boa parte dos registros, também encontramos os relatos das experiências que viveu e presenciou, além de, em vários momentos, enaltecer os ideais republicanos e a República: “[...] rompê-las-emos em breve com as fulgurações da metralha e o cintilar vivíssimo das espadas. E domá-la-emos – a República é imortal.” (CUNHA, 2009, p. 72). No desenvolver de nosso trabalho abordaremos alguns outros interlocutores e referências que são importantes para compreendermos as influências que compõem a mentalidade e a obra de Euclides da Cunha.

1.6 Referencial teórico-metodológico e delimitação do *corpus* de pesquisa

Buscaremos retomar primeiramente, nesta seção, o que definimos como “matrizes discursivas” e sua relação com a Análise do Discurso. Para tanto, pode ser proveitoso remeter a autores e teorias que contribuíram para a própria constituição da Análise do Discurso enquanto disciplina. Esse procedimento se justifica pelo fato de que a noção de matriz discursiva alinha-se a conceitos importantes na trajetória inicial da disciplina, como o de dialogismo, ideologia e formação discursiva, dentre outros.

As reflexões feitas nos itens anteriores nos levaram a propor uma análise que considera o dialogismo e o interdiscurso como primeiro elemento para entendermos a formação do discurso de Euclides da Cunha na obra *Os Sertões*. Assim, nos apoiaremos especialmente nas noções de dialogismo e polifonia de Bakhtin (1988, 2000, 2001) e na acepção de interdiscurso de Maingueneau (2005).

Dessa maneira, a noção de matriz discursiva remete não apenas a esses conceitos *clássicos*, da Análise do Discurso, mas também a própria constituição dessa disciplina, motivo pelo qual apresentamos algumas considerações sobre a origem dessa disciplina e sobre como os conceitos anteriormente mencionados participam da formação e consolidação da Análise do Discurso. Tarefa para a qual recorreremos ao trabalho de Brandão (2009). Por sua vez, recorreremos ao quadro metodológico proposto pela teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (1996), conforme se verá mais adiante, para relacionar esse quadro conceitual ao *corpus* analisado.

Nesse âmbito, devemos considerar que toda disciplina busca conquistar um campo de atuação e um “lugar” para si. Em outras palavras, possuir um objetivo de estudo claramente definido, com uma metodologia própria, finalidades que lhe deem autonomia e legitimidade. Nesse sentido, a Análise do Discurso busca compreender as relações entre as manifestações linguageiras e a produção de sentido em suas diversas formas.

A Análise do Discurso surge num cenário em que a discussão sobre a interpretação da História e do discurso político se fazia necessária. No período anterior à formação da disciplina, foram os formalistas russos que primeiramente se esforçaram em abordar o termo que, posteriormente passaria a se chamar de *discurso*. (BRANDÃO, 2009)

Na década de 1950, surgem os trabalhos de Jakobson e Benveniste: ambos se dedicaram à investigação da enunciação e dos elementos linguísticos que a sinalizam. O primeiro aponta a possibilidade de se explorar as análises que abordam o extradiscursivo. Os outros dois se debruçaram sobre a questão da enunciação, dando papel especial ao sujeito falante. O surgimento do termo “discurso” filia-se a uma tradição dos estudos históricos na década de 1960 articulando a relação entre o marxismo, a psicanálise e a linguística, além de uma determinada tradição das escolas francesas na “explicação de textos” (BRANDÃO, 2009)

Desta forma, a relação entre o linguístico e o social se estende a outras áreas do conhecimento. Sobre esse aspecto encontramos apoio nas ideias de Bakhtin (2000), autor ainda não muito conhecido na década de 1960 que nos diz da relação entre a língua e a vida social quando aborda a distinção e conceituação entre gêneros do discurso primário e secundário.

Assim, é imprescindível discutir conceitos como o de ideologia, proposto por Althusser (1974), autor que influenciou essa discussão e os rumos da Análise do Discurso. Também devemos destacar a noção de discurso proposta por Foucault. Ambos os estudos levaram ao desenvolvimento da noção de “formação ideológica”, cunhada por Althusser (1974). Essas discussões desenvolveram-se posteriormente e, Pêcheux (2009), com base na obra “Arqueologia do Saber” de Foucault e das ideias sobre “formação ideológica” de Althusser, desenvolve o conceito de “formação discursiva”, tão caro à Análise do Discurso.

A noção de ideologia, influenciada e pautada nos teóricos marxistas, fundamenta-se sobre uma concepção geral de que há uma separação entre a produção de ideias e as condições materiais e econômicas. Por servir ao propósito de desvincular as representações e visões da sociedade das relações concretas desta, a ideologia serve de instrumento de manipulação das classes mais poderosas frente às classes menos abastadas.

Partindo dessas colocações iniciais, Pêcheux (2009) desenvolve o conceito de “formação discursiva” que inter-relaciona-se com o conceito de “formação ideológica”, na medida em que o primeiro delimita o que pode e deve ser dito com base nos parâmetros definidos pelo segundo (MAINGUENEAU, 2004, p. 240-2) Em outras palavras, a formação ideológica é permeada por formações discursivas que se interligam. Assim, como afirma Brandão (2009, p. 47), “isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas.”

Dessa maneira, a noção de “matrizes discursivas” aproxima-se da noção de “formação discursiva”, a qual contém as formas e as representações sociais e discursivas, que se apresentam a uma sociedade em um determinado tempo histórico.

Nesse sentido, o discurso científico de uma determinada época é permeado por esses pontos de vista ideológicos que são vivenciados no tempo histórico e que dão significação às relações sociais de um grupo ou da relação entre esses grupos. A noção de “matrizes discursivas”, assim, articula a percepção desses modelos de dizer que estão vinculados às esferas políticas, sociais e culturais que formam o sujeito histórico. Logo, essa noção nos permite trabalhar com os fragmentos da obra de Euclides da Cunha no sentido de identificá-los e caracterizá-los a partir dos referenciais históricos, ideológicos, culturais de sua época e do exame das relações interdiscursivas presentes n`*Os Sertões*.

Partilhando dos pressupostos da Análise do Discurso, o procedimento que vamos seguir tem por base o quadro metodológico proposto por Patrick Charaudeau (1996, p.36):

A Análise do Discurso, do ponto de vista das ciências da linguagem, não é experimental, mas empírico-dedutiva. Isto quer dizer que o analista parte de um material empírico, a linguagem, que já está configurado em uma certa substância semiológica (verbal) e é tal configuração que ele percebe e pode manipular para determinar, por meio da observação das compatibilidades e das incompatibilidades de infinito possível das combinações, os cortes formais simultaneamente às categorias conceptuais que lhes correspondem.

Ainda segundo Patrick Charaudeau (1996), o caminho que delimita os objetivos de uma análise do discurso é duplo: “[...] do particular ao geral e do geral ao particular.” (CHARAUDEAU, 1996, p. 37)

Assim, partindo da teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (1996, 2004, 2010) e da noção de dialogismo de Bakhtin (2000), abordaremos alguns fragmentos da obra *Os Sertões* a partir desse referencial teórico delimitando os critérios de seleção dos fragmentos observando as características das “matrizes discursivas” já assinaladas na obra.

Em função das características já apresentadas acerca d`*Os Sertões* de Euclides da Cunha, seu caráter dialógico, suas “matrizes discursivas” concernentes às dimensões científica, historiográfica e literária, faremos uma seleção de excertos da obra apresentando recortes

referentes a cada uma dessas dimensões. Em função das recorrências de cada uma das matrizes discursivas abordadas e selecionadas no *corpus*, faremos a seleção de algumas amostragens que serão recorrentes ao longo da obra. Nesse sentido, a seleção desses fragmentos permitirá ter uma noção do todo a partir das amostras selecionadas, que representarão a recorrência mais abrangente.

Entendemos o discurso como objeto linguístico e histórico no qual, estas duas dimensões são homogêneas e imbricadas. Nesse sentido, a metodologia empregada nessa pesquisa observa a natureza característica do discurso uma vez que as condições de produção dos dizeres são constitutivas do próprio dizer, como afirma Orlandi (2005). Assim, os procedimentos de análise se iniciam por um recorte que leva em conta o sentido dos termos e as associações semânticas entre eles.

Portanto, conforme enunciado anteriormente, faremos a seleção de alguns fragmentos da obra representativos de cada uma das matrizes discursivas. Esses elementos são recorrentes no *corpus*, não havendo a necessidade de refazer análises. As quais, assim, se tornariam repetitivas e desnecessárias, indo de encontro às premissas metodológicas de Charaudeau (1996), que afirma ser a Análise do Discurso uma disciplina que pretende e deve determinar a relação entre os seus objetivos com o tipo de objetivo e o *corpus*, bem como qual a instrumentação que será utilizada para tanto.

Na questão relacionada à dimensão científica faremos algumas observações considerando que a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, está repleta de relações entre as mais variadas fontes e matrizes científicas: Geologia, Climatologia, Botânica, Geografia, entre outros. Faremos uma seleção de excertos que contemplará uma denominação de científica/ciências naturais, no que se refere a estas vertentes científicas. Quando da ocorrência de fragmentos ligados à escrita da história (historiografia), nós o denominaremos de historiográfico. Por fim, os fragmentos que ilustram a faceta literária da obra, identificados como literário.

Nessa seleção, consideraremos as referências que Euclides da Cunha estabelece entre os fatos e as suas causas científicas ligadas à Antropologia, Geologia, Botânica, Climatologia. Todas que, de alguma maneira, estabelecem relação entre a terra e o homem. Assim, estamos

separando a questão histórica das demais disciplinas científicas, razão pela qual adotamos o termo CN (ciências naturais).

Aliás, essa distinção, ligada às ciências naturais, está amplamente difundida pelo referido autor e serve como explicação para os fenômenos sociológicos brasileiros segundo o próprio Euclides da Cunha. Por sua vez, nos apoiaremos no trabalho de Santana (2001) sobre as obras de Euclides da Cunha e a sua característica marcante de associar interdiscursivamente a textos científicos, uma vez que essa matriz científica aliada à estética literária rendeu ao autor a fama de escritor.

O trabalho de Santana (2001) aponta as influências que o IHGSP exerceu sobre os trabalhos de Euclides e, em que medida, o autor rompeu com o projeto político dessa instituição, ao constatar a realidade do sertão baiano. Ao mesmo tempo, o trabalho de Santana explora o ambiente acadêmico e científico à época de Euclides da Cunha ao abordar aspectos ligados à formação intelectual do escritor.

A abordagem que faremos no campo do discurso historiográfico se dará pelas pesquisas da corrente positivista, influenciada por Auguste Comte (1976), e dos preceitos de Hayden White (1992) em relação aos estudos históricos e as suas definições, metodologias, abordagens e métodos. Ao mesmo tempo, no domínio da Análise do Discurso as considerações de Charaudeau (1996, 2004, 2010) sobre modo narrativo de organização do discurso e sua relação com a narrativa historiográfica nos apoiarão na delimitação do discurso da História e suas configurações discursivas.

Assim, pretendemos demonstrar, num passo adiante, em cada uma dessas etapas dos referidos fragmentos, a dimensão das matrizes discursivas de cada área, literária, historiográfica, científica natural, e como são construídas essas configurações discursivas, a fim de compreendermos a dimensão polifônica e dialógica da obra.

Nossa hipótese é a de que a obra de Euclides da Cunha é alinhavada a partir do cientificismo e da filosofia positivista na qual o autor estabelece o diálogo com as matrizes discursivas científico-naturais, historiográficas e literárias. Nas palavras de Facioli (2012, p. 193) a escrita de Euclides da Cunha tratava-se de “[...] consórcio entre ciência e arte.” Nosso

objetivo é o de identificar e analisar em que medida e de que maneira esses discursos se inter-relacionam a partir do paradigma filosófico do positivismo.

Os fragmentos serão identificados a partir da codificação criada e demonstrada logo abaixo. A identificação tem por objetivo melhor assinalar os fragmentos selecionados e organizá-los na sequência em que surgirem ao longo da tese.

Os fragmentos referentes à seleção dos textos ligados às Ciências Naturais serão identificados seguindo a seguinte padronização:

(FRAGMENTO nº-[algarismo romano]: EC/CN, p. XX, nº.)

Nessa identificação, “EC” refere-se a Euclides da Cunha; “CN” refere-se às ciências naturais; “p.” ao número da página onde foi extraído; e “nº” ao número do fragmento quando ocorrer mais de um na mesma página.

Na nossa segunda seleção, apontaremos a questão do discurso historiográfico, ou seja, excertos que revelem o aspecto mais geral de uma narração histórica de acordo com os preceitos da historiografia. Esses fragmentos serão identificados da seguinte maneira:

(FRAGMENTO nº-[algarismo romano]: EC/H, p. XX, nº.)

Nessa identificação, “EC” refere-se a Euclides da Cunha; “H” refere-se ao discurso da História; “p.” ao número da página onde foi extraído; e “nº” ao número do fragmento quando ocorrer mais de um na mesma página.

Por fim, a nossa seleção de fragmentos concentrará na dimensão literária que observaremos ao longo de toda a obra. Os fragmentos servirão de elementos de análise daquilo que é característico em toda a obra de Euclides da Cunha. Assim comporemos nosso *corpus* de estudo. Esse fragmento será identificado da seguinte maneira:

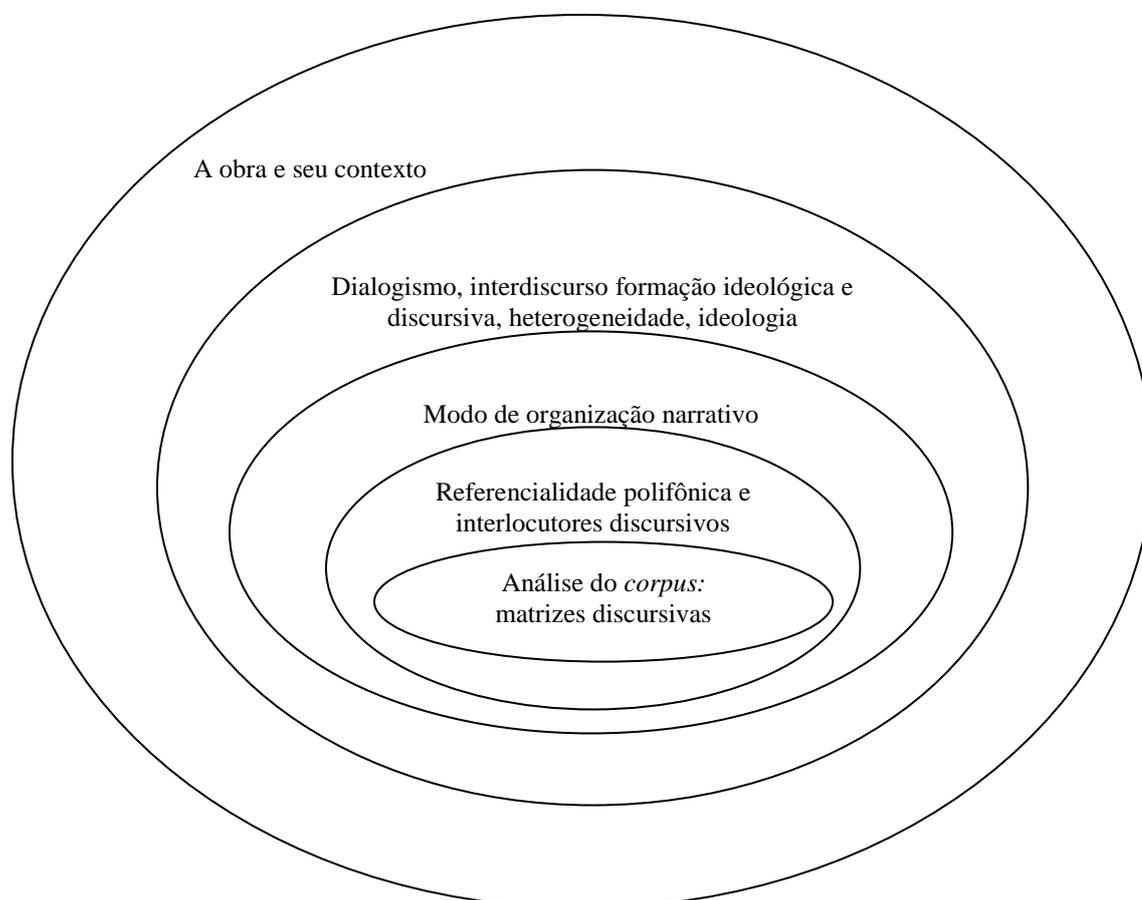
(FRAGMENTO nº-[algarismo romano]: EC/L, p. XX, nº.)

Nessa identificação, “EC” refere-se a Euclides da Cunha; “L” refere-se à Literato; “p.” ao número da página onde foi extraído; e “nº” ao número do fragmento quando ocorrer mais de um na mesma página.

Na análise dos fragmentos observaremos as recorrências de nomenclatura, e estratégias próprias de cada matriz discursiva, estrutura de raciocínios e princípios epistemológicos na construção do discurso na obra: as características próprias de cada matriz discursiva organizadas no interdiscurso.

Salientamos que a obra de Euclides da Cunha é tanto um ponto de partida quanto um ponto de chegada. É dela que partimos da seleção do instrumental teórico e a ela chegamos com a aplicação desse instrumental. As etapas através da qual levamos adiante a metodologia, por sua vez, se colocam nesse trabalho como partes de um todo dialógico: da apresentação da obra, passando pelo estudo dos conceitos teóricos até a análise dos fragmentos, temos procedimentos que se remetem uns aos outros, que perpassam continuamente. Para apresentar de maneira sintética nossos procedimentos metodológicos recorreremos ao esquema seguinte:

Esquema 2: organização metodológica do trabalho



Desta forma, abordaremos adiante as noções e teorias que nos orientarão nessa pesquisa de exame da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

CAPÍTULO 2 - A ANÁLISE DO DISCURSO E AS RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA, AS CIÊNCIAS NATURAIS E A HISTÓRIA

2.1 Considerações iniciais

Para dar continuidade ao nosso trabalho é importante nos aprofundarmos ligeiramente no instrumental teórico selecionado para a análise do *corpus*. Trataremos da dimensão dialógica da linguagem a partir das considerações de Bakhtin (1988, 2000, 2001), e do “interdiscurso” a partir do trabalho de Maingueneau (2005, 2006, 2010). Também abordamos o conceito de “formação discursiva” de Pêcheux (2009), buscando também as noções de “ideologia”, de Althusser (1974), e de “formação ideológica”, apresentado por Foucault (1969), uma vez que, para delimitar sua noção de formação discursiva, Pêcheux recorre aos referidos autores para construir sua noção. E ao final do capítulo, buscaremos estabelecer uma relação entre as dimensões citadas, a saber: a Literatura, as Ciências Naturais e a História.

2.2 O dialogismo bakhtiniano

Bakhtin é um dos primeiros autores que critica as ideias discutidas por Saussure (ou por seus alunos) no *Curso de Linguística Geral*. Primeiramente, Bakhtin reconhece que a *língua* é social, já que os fatos sociais criam relações e formas de atender as necessidades de comunicação através dela. Ao mesmo tempo, distancia-se de Saussure ao considerar a *fala* como elemento importante da manifestação dos indivíduos nas diversas situações sociais, e desta forma, valoriza a *língua*. (BRANDÃO, 2012)

Bakhtin crítica a ideia de um processo de comunicação centrado no locutor, ao dizer que:

A língua deduz-se da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se. A essência da língua, de uma forma ou de outra, resume-se à criatividade espiritual do indivíduo. Aventuraram-se, e continuaram-se a aventar, outras variantes das funções da linguagem, mas o que permanece característico é uma não ignorância absoluta, por certo, mas uma estimativa errada das funções comunicativas da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do locutor como se este estivesse *sozinho*, sem uma forçosa relação com os outros parceiros da comunicação verbal. E quando o papel do outro é levado em consideração, é como um destinatário passivo que se limita a compreender o locutor. (BAKHTIN, 2000, p. 289)

A partir dessas e de outras críticas o filósofo apresentaria conceitos que viriam constituir os pilares de uma reflexão sobre a natureza social da linguagem, do discurso e do sujeito, tais como interação, enunciado, dialogismo, entre outros. Assim, o autor no diz também que:

Nos cursos de linguística geral (até nos cursos sérios com o de Saussure), os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos *ativos* da fala no locutor e do processo *passivo* de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos *aspectos* reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o *todo* real da comunicação verbal se transformam em ficção científica. (BAKHTIN, 2000, p. 290)

Ainda em relação ao papel dos parceiros do ato de comunicação, Bakhtin discute as ideias que preconizam o papel estático e estanque dos parceiros em posições *ativas* (locutor) e *passivas* (ouvinte/receptor). Para ele, as posições são mais complexas do que aparentam. Na perspectiva do ouvinte passivo, esse autor afirma que ele assume também uma atitude *responsiva ativa*. Sua concordância, aceitação parcial ou total, sua discordância, não-aceitação parcial ou total implica em um processo que se desenvolve mutuamente.

Essa interação de interpretação de uma fala é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* já prevista na elaboração da fala do locutor. Nas suas palavras, “[...] toda compreensão é prenhe de resposta e, [...] forçosamente produz: o ouvinte torna-se locutor.” (BAKHTIN, 2000, p. 290). Na fala do locutor já estão presentes as atitudes *responsivas ativas* do ouvinte. A fala desse locutor, assim, considera importante o posicionamento e a identidade desse parceiro no processo de comunicação. A fala, dessa maneira, é direcionada com uma intencionalidade negociada pelo processo dialógico.

Essas considerações revelam a importância que o autor dá ao processo comunicativo e ao papel dos *parceiros*. O *outro* como parte integrante da troca verbal revela a dinâmica

comunicativa considerando questões que envolvem a produção de sentidos ligada à época histórica, às situações sociais e comunicacionais e a inter-relação entre esses parceiros. Assim, o autor revela que “[...] é obvio que a coletividade linguística, a multiplicidade dos locutores são fatos que não podem ser ignorados.” (BAKHTIN, 2000, p. 290)

Bakhtin dá importância especial ao ato de comunicação na medida em que considera os estudos linguísticos não restritos ao enunciado, mas também ao seu contexto de produção. Daí, “[...] a essência do problema, liga-se à questão de saber, como a realidade determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação.” (BAKHTIN, 1988, p. 41) Assim, Bakhtin explora em que medida as questões linguageiras se relacionam às questões históricas e sociais que compõem o discurso.

Desta forma, a interação verbal passa a representar objeto central dos estudos de Bakhtin. Como o teórico dá razão especial ao processo de comunicação, os interlocutores passam a desempenhar um papel primordial revelando a relação entre o linguístico e o social. Essa perspectiva se integra à noção de que a fala e a enunciação são construídas a partir da relação com o *outro* e o conteúdo é orientado socialmente através desses interlocutores, pois “[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica.” (BAKHTIN, 1988, p. 43) Em outras palavras, as formas de dizer e de construir relações comunicativas e sociais são desenvolvidas por grupos e comunidades discursivas ao longo da história destes. Essas formas de dizer são dinâmicas e se desenvolvem com e pela utilização da linguagem formando a cultura e a história dessas sociedades.

Para o teórico a palavra é dialógica por natureza, pois as vozes, os posicionamentos e os pontos de vista interagem-se nas relações sociais e no exercício da linguagem em um ato de comunicação. Desta forma, a linguagem desenvolve uma representação da realidade operando no distanciamento entre a própria realidade e o signo que a sinaliza. (BRANDÃO, 2012) O espaço que há entre esses dois domínios é ocupado pela ideologia. Nesse sentido, a ideologia é o elemento capaz de integrar o linguístico com o social.

É essa questão que evidencia a disputa dos pontos de vista e dos posicionamentos vivos na linguagem que tem por natureza uma dimensão dialógica. Nesse sentido, há um caminho que pode evidenciar a relação entre a *língua* e a *fala* pelo sistema ideológico. Portanto, podemos considerar que a Análise do Discurso é fundada nessa trajetória teórica e vinculada à noção de

enunciação, articulando a noção de ideologia para compreensão do fenômeno da comunicação verbal. Desse modo,

Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é o lugar do conflito, do confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que o processo que a constitui são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado das condições de produção. (BRANDÃO, 2012, p. 11)

Nesse sentido, essa tendência em Análise do Discurso, o estudo da relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer, estabelecem a exterioridade do discurso como matéria fundamental. (ORLANDI, 1986)

Retomando a questão do dialogismo, Bakhtin (2000) o concebe como um princípio constitutivo da linguagem e a prerrogativa na construção do sentido. Assim, José Luiz Fiorin (2006, p. 24) afirma que “[...] o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado.” Se a palavra do sujeito é atravessada pelas palavras do *outro* deduz-se que o sujeito seria influenciado e condicionado. Nesse sentido, as noções de Bakhtin referentes ao papel dialogal da língua abordam o processo de comunicação com base na relação entre os parceiros da comunicação de maneira dinâmica. Bakhtin irá ainda trabalhar a questão da alteridade do sujeito e sua construção identitária pelo desdobramento do *eu* no processo de interação verbal. Para o referido teórico, o sujeito do discurso se desdobra em três categorias: o *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*. (BAKHTIN, 2000). Nesse aspecto, o autor nos diz:

Pode colocar [...] que a palavra existe sobre três aspectos: [...] a palavra *neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do *outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios, e finalmente, com palavra *minha*, pois na medida em que uso essa palavra numa determinada situação com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. (BAKHTIN, 2000, p. 313)

Percebe-se que subjetividade e identidade constroem-se pelos referenciais teóricos, sociais, linguísticos, culturais, entre outros, de uma época numa determinada comunidade discursiva vivida. “Através da distinção, semelhança, contraste e, sobretudo, pela alteridade, que se constituem as *identidades sociais* e [...] as *identidades discursivas*.” (CORDEIRO JUNIOR, 2008, p. 58) Assim, é importante considerar os processos que compõem as comunidades

discursivas no tempo, a fim de compreender como essas visões influenciam o discurso do sujeito.

Os enunciados que constituem a comunicação verbal estão repletos dos enunciados anteriores e compoem o *todo* do discurso. O uso desses enunciados cotidianamente cria certas formas estáveis ou, relativamente estáveis, de circulação desses discursos. A esse fenômeno, Bakhtin nomeou de *gêneros do discurso*. Essa concepção pode ser melhor explicada por Mendes (2004, p. 116), segundo a qual “[...] os gêneros são determinados socialmente [...] são categorias maleáveis e em constante transformação.” Assim, os gêneros do discurso são formas de utilização da linguagem determinadas em situações sociais e discursivas específicas, sendo portanto dinâmicas, e sofrendo transformações em relação ao tempo, a cultura e aos costumes.

A Análise do Discurso considera, então, que o discurso não deve ser apenas estudado estritamente em relação ao seu funcionamento interno, mas também em relação à sua exterioridade, configurada pela formação ideológica e pelos fatores sociais e culturais. Maingueneau (2005), por exemplo, postula que o quadro das instituições em que o discurso é produzido o determina de sobremaneira. A partir de tal consideração, esse autor também delimita uma noção de interdiscurso, sobre a qual discutiremos posteriormente, a abordagem do conceito de polifonia, em sua acepção bakhtiniana.

2.3 Polifonia

O termo polifonia foi empregado primeiramente na teoria musical (NOLKE, 2004). Na década de 1920, esse termo foi utilizado por Bakhtin e ganhou nova significação. Segundo o teórico, a operação de tecer os discursos múltiplos dos personagens do romance de Dostoievsky foi pesquisada como forma de evidenciar a trama polifônica na obra do escritor russo. Cada personagem e seus pontos de vista, seus posicionamentos pessoais, psicológicos, ideológicos, são construídos pelo autor, que permite a difusão da polêmica das vozes que compõem a narrativa literária.

Nesse sentido, a proliferação das vozes e dos posicionamentos dos personagens evidencia o entrecruzamento das formações ideológicas e, conseqüentemente, discursivas que compoem o

quadro social, político e cultural da trama literária. Tal concepção fundamenta as pesquisas que procuram compreender a história de uma dada época a partir do exame das manifestações culturais e artísticas (estéticas), como a literatura. Como no caso de nossa análise da obra de Euclides da Cunha. Desta forma, passaremos ao exame das noções de interdiscurso e heterogeneidade discursiva, noções que nos ajudarão a compreender a trama do discurso de *Os Sertões*.

2.4 O interdiscurso e heterogeneidade discursiva

A noção de interdiscursividade está fundamentada na de dialogismo. Característica imanente de toda linguagem humana, o dialogismo postula a “plurivocalidade” de qualquer enunciado, sempre perpassado pelas palavras de enunciados anteriores. Para tratarmos desse conceito é enriquecedor, no entanto, considerar outros conceitos, desenvolvidos no âmbito da Análise do Discurso, que constituiriam ferramentas para se tentar apreender o fenômeno do atravessamento do discurso por outros, como, por exemplo, o conceito de heterogeneidade. Segundo Brandão todo discurso “mostra sua heterogeneidade através de marcas explícitas, como a negação e o discurso relatado em que se delimita de forma clara a alteridade discursiva.” (BRANDÃO, 2012, p. 87)

Maingueneau (2004b, p. 261-2) postula que a *heterogeneidade* é predominante na maioria dos discursos e se manifesta em sequências textuais, em *gêneros do discurso* e evidenciando a presença de outros discursos.

Courtine e Maradin (1981), por sua vez, propõem análises que façam aflorar os discursos e as contradições expondo sua heterogeneidade, evidencia as disputas de significação ideológicas e históricas que perpassam esses discursos. Assim, uma *formação discursiva* (no sentido *pêcheutiano*) é predominantemente heterogênea, pois nela se entrecruzam os diversos discursos e posicionamentos de uma cultura e de uma época. Maingueneau (1996, p. 26) afirma que, “[...] muitos textos [...] aparecem como encruzilhada intertextual, em que a palavra do enunciador é constantemente habitada por outras, tecida de seu eco.” O teórico, nessa perspectiva, considera que os estudos da especificidade dos discursos só podem ser feitos quando se colocam em contraste com outros discursos.

Em relação ao conceito e a classificação de heterogeneidade, Maingueneau (2005), apoia-se no trabalho de Authier-Revuz (2004), e utiliza as duas categorias que a autora define como: a *heterogeneidade mostrada* e a *heterogeneidade constitutiva*. Assim, para categorizar a *heterogeneidade mostrada*, Authier-Revuz (2004, p. 13) “[...] o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso, [...] e ao mesmo tempo, ele as mostra.” Desse procedimento, podemos dar como exemplo, as citações diretas e indiretas e o discurso relatado.

No que diz respeito à *heterogeneidade constitutiva*, a referida autora argumenta que, “[...] a consideração da heterogeneidade constitutiva é, [...] uma ancoragem necessária ao exterior linguístico.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 22) Assim, um dos possíveis caminhos a se considerar para a compreensão, identificação e análise desse tipo de heterogeneidade está na aceção de dialogismo de Bakhtin, e nas postulações sobre o interdiscurso, de Maingueneau.

Desta forma, Maingueneau (2005) assenta-se na noção da *heterogeneidade constitutiva* como elemento primordial naquilo que ele denomina como *primado do interdiscurso*. Essa noção, segundo Maingueneau (2005, p. 33) “[...] amarra, em uma relação inextricável, o mesmo do discurso e seu outro.” Para tanto, o teórico argumenta que é preciso distinguir alguns conceitos pertinentes ao termo interdiscurso. São eles: *universo discursivo*, *campo discursivo*, e *espaço discursivo*. *Universo discursivo* refere-se a um conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Assim, segundo Maingueneau:

[...] o analista é levado a recortar campos discursivos, em que um conjunto de formações discursivas ou de posicionamentos estão em relação de concorrência no sentido amplo, delimitando-se reciprocamente.” (MAINGUENEAU, 2004c, p. 91)

O *campo discursivo* pode se referir ao campo político, dramático, filosófico, entre outros. Eles podem concorrer entre si, ou se aliar, ou manterem-se neutros, delimitando assim um caráter amplo da classificação de “concorrência”. (MAINGUENEAU, 2005) Assim, é no interior do *campo discursivo* que se constituem os discursos com seus respectivos elementos de identificação.

Por fim, os *espaços discursivos* são “[...] subconjuntos de formações discursivas” (MAINGUENEAU, 2005, p. 37) Para ilustrar suas considerações, Maingueneau realiza uma análise entre o discurso humanista devoto e o discurso jansenista. Nesta análise, o teórico

explora as relações entre um discurso e outro: seus embates, contrastes, similitudes, recorrências.

Em relação aos conceitos abordados por Maingueneau, percebe-se que a noção de dialogismo em Bakhtin se relaciona harmoniosamente com a de heterogeneidade constitutiva. Na obra de Euclides da Cunha, identificamos vários trechos em que não há uma clara definição das vozes que compõem o discurso, a não ser pelo exame do seu componente exterior ligado à formação discursiva de Euclides da Cunha, seus contatos com as ciências e os seus interlocutores. Em função disso, é necessária uma abordagem que perpassa os conceitos de ideologia, formação ideológica e formação discursiva a fim de esclarecer como esses elementos interagem na formação do interdiscurso e do dialogismo.

2.5 Ideologia e formação ideológica

Em sua gênese e sua busca por delimitar um campo de atuação, a Análise do Discurso definiu-se inicialmente como “estudo linguístico das condições de produção.” (BRANDÃO, 2012, p. 17) Nesse sentido, analisando as questões de que já tratamos nos tópicos anteriores, o interdiscurso e o dialogismo, faz-se necessário abordarmos a noção de ideologia e de formação ideológica para compreendermos como elas nos auxiliam a compreender o aspecto dialógico da linguagem.

A noção de ideologia é ainda hoje bastante controversa. A filósofa Marilena Chauí afirma que a ideologia tem por função “[...] ocultar e dissimular as divisões sociais e políticas, dando-lhes a aparência de uma indivisibilidade social e de diferenças naturais entre os seres humanos.” (CHAUI, 2005, p. 175) Nesse sentido, a ideologia é vista de maneira pejorativa e de tal forma que se torna perigosa para a ordem social e as relações de poder.

Chauí define ao termo baseando-se em Marx. Para Marx, a ideologia opera a separação entre as forças de produção e a realidade histórica com a produção de ideias e condições sociais (BRANDÃO, 2012). Desta maneira, a produção de ideias, costumes, valores e crenças são determinadas pelas classes dominantes que, dispondo dos meios materiais, também dispõem dos meios culturais, de tal forma que, constroem e produzem ideias como formas de ver o mundo e as coisas, inclinando-as aos seus interesses.

Por sua vez, há uma base concreta sobre a qual a ideologia opera. Entretanto, ela distorce a realidade para produzir uma significação particular dessa mesma realidade. Em Marx, nesse âmbito, a ideia de ideologia está vinculada ao falseamento da realidade a partir de uma ressignificação dessa mesma realidade pelos grupos mais abastados e mais poderosos, configurando-se como uma noção que tem como “norte” a crítica ao sistema capitalista e ao poderio da classe burguesa.

Partindo dessa concepção de ideologia e das ideias gerais sobre as críticas ao modo de produção capitalista, Althusser, influenciado pelo pensamento de Marx, desenvolve suas ideias a partir desses mesmos pressupostos. Desta forma, analisaremos as ideias de Althusser sobre a ideologia de modo a relacioná-la com a noção de formação ideológica.

Althusser (1970) preconiza que as classes dominantes criam formas de perpetuação dos modos de pensar, viver e agir da sociedade, a fim de, igualmente, perpetuar as relações e as maneiras como as classes sociais interagem reproduzindo as formas de poder em todas as suas esferas: política, econômica, social e cultural.

Desenvolvendo suas análises, Althusser preconiza que o Estado cria as instituições e as relações entre essas instituições e a sociedade no sentido de garantir a perpetuação desses valores e ideias. Assim, o autor estabelece dois “Aparelhos” de Estado que operacionalizam esse princípio:

- o Aparelho Repressor do Estado (APE), compreendendo as instituições públicas, o poder executivo, a polícia, os tribunais, o exército, entre outras;
- o Aparelho Ideológico do Estado (AIE), compreendendo a família, a escola, a religião, o direito, a informação, a cultura, entre outras.

Ainda segundo Althusser, os dois aparelhos funcionam “colaborativamente” para disseminação da ideologia do Estado. Os APEs funcionam, sobretudo, pela repressão e pela coerção social, orientada pelas leis e instituições públicas que realizam a repressão, até mesmo física. Os AIEs funcionam de maneira simbólica, dissimulada, reproduzindo nas manifestações culturais e sociais os valores referentes à ideologia dominante. A interação entre as duas faz com que os APEs dependam dos AIEs e, os AIEs utilizem da repressão física em seu limite extremo, como por exemplo, nos casos de combate pela força às

manifestações de ordem reivindicatória, com o argumento para utilizar a força a garantia da ordem e a paz pública.

Partindo dessas definições, o autor estabelece o seu conceito de ideologia de uma maneira mais geral abandonando parcialmente a dicotomia de classes como referência. Tendo como base as ideias marxistas, ele desenvolve seu conceito categorizando-o em três princípios organizadores:

- o primeiro princípio parte da ideia de que a ideologia é a *relação imaginária* dos indivíduos com a *realidade material* a que está inserido. Para o autor, a ideologia é a forma imaginária com que os homens percebem as suas condições materiais de existência. Por serem imaginárias essas relações são simbólicas e distanciadas da realidade concreta. Desta forma, esse distanciamento seria a razão pela qual a ideologia opera a deformação das relações entre esse imaginário e a realidade.
- A existência da ideologia é garantida pela *presença* de um dos referidos *Aparelhos do Estado* em suas práticas sociais, culturais, políticas ou econômicas. Em outras palavras, as práticas cotidianas do sujeito histórico são repletas de práticas materiais orientadas por essa ideologia que reproduz o modo de organização da sociedade a partir dessa mesma ideologia, naturalizando as práticas e, conseqüentemente, reproduzindo-as. Assim, a ideologia passa a possuir uma existência material, pois as suas práticas são ritualísticas em situações concretas.
- Por fim, o autor considera que a ideologia atribui aos indivíduos o papel de *protagonistas* de suas ações considerando-os como *sujeitos* históricos. É através da ritualização e das práticas cotidianas que a ideologia transforma os indivíduos em sujeitos colocando em prática a ideologia e consolidando-a.

O autor atribui à ideologia o papel central na organização e significação das práticas ritualísticas da sociedade, dando-lhe caráter fundamental na dissimulação e disseminação da prática coletiva dos homens.

Ricoeur (1977) realiza uma análise que distancia um pouco a percepção acerca do termo ideologia apenas com um elemento manipulador de classes e, portanto, aproximado da mentira e da ilusão. Para tanto, o autor elenca primeiramente três aspectos principais para definir os limites do termo ideologia:

- O primeiro refere-se à *função geral* da ideologia. Nesse sentido, a ideologia é mediadora ao permitir a coesão social. Por ser mediadora ela permite reviver o caráter inicial do ritual a ser partilhado pelo grupo através do seu exercício e repetição;
- o segundo refere-se à *função de dominação*. Nesse aspecto, a ideologia tem papel de difusora das hierarquias sociais, através da legitimação dessas diferenças e hierarquização social;
- O terceiro aspecto refere-se à *função de deformação*. É nesse aspecto que o termo toma uma concepção mais fortemente influenciada pelo marxismo, uma vez que por essa função ocorre a deformação da realidade pelo seu reflexo invertido, subvertendo a realidade.

Dessa maneira, partindo das reflexões sobre o marxismo, ideologia e formação discursiva⁶, Pêcheux desenvolve uma crítica a essas discussões formulando um programa de análise que fundaria a Análise do Discurso. Nesse sentido, o teórico articula o materialismo histórico, os estudos linguísticos e a teoria do discurso como elementos balizadores. (BRANDÃO, 2012)

Assim, passaremos agora a discutir essa definição do quadro teórico de Pêcheux.

2.6 Formação ideológica e formação discursiva

Primeiramente, antes de discutirmos o conceito de formação ideológica e de formação discursiva de Pêcheux, é importante abordar o desenvolvimento da formulação dos termos citados.

Já abordamos o conceito de ideologia e suas variações sobre as quais Pêcheux vai se orientar. A ideologia vista como possibilidade de interpretação da realidade a partir de pressupostos estabelecidos por essa mesma ideologia e o discurso como manifestação dessa ideologia. Nesse sentido, as formações ideológicas dialogam com várias formações discursivas que se interligam e assim, “os discurso são governados por formações ideológicas.” (BRANDÃO, 2012, p. 47)

⁶ Pêcheux se apropriou do conceito em Foucault. (INDRUSKY, 2000)

Desta maneira, as formações discursivas determinam com base nas formações ideológicas aquilo que pode e deve ser dito em determinadas situações de comunicação. Para Pêcheux (2012), a formação discursiva se manifesta em dois diferentes níveis de categorização: num primeiro, o autor considera a *paráfrase* como elemento de retomada das falas de uma certa formação discursiva que remete a uma certa formação ideológica. Esse processo delimitaria o espaço de constituição de uma identidade discursiva; a segunda perspectiva, refere-se à noção de *pré-construído*, que delimita aquilo que os parceiros da comunicação dão, a saber, sobre o mundo e as coisas, baseado numa concepção de um sujeito universal ou de uma consciência universal. Essa noção também define o que pode e deve ser dito e, além disso, impõe uma forma de ver a realidade sobre a égide de uma formação ideológica.

Essas perspectivas dão à formação discursiva os elementos que permitem aos sujeitos falantes e comunicantes de uma dada conjuntura histórica, o sentido que irão atribuir às palavras e ideias de seu tempo. Partindo dos pressupostos de Bakhtin relativos ao papel do *outro* no processo comunicacional e relacionando-os às ideias de Pêcheux, as noções que se desenvolvem acerca da formação discursiva revelam que numa formação discursiva existem várias linguagens e vários discursos *pré-construídos* e *paráfrases* compondo-a.

Assim, a formação discursiva pressupõe certa heterogeneidade que contempla o contraditório. Podemos observar isso na análise que Euclides da Cunha realiza sobre o homem sertanejo, utilizando os referenciais teóricos que delimitam o mesmo sertanejo como “tipo inferior”. O autor utiliza as teorias de seu tempo e as submete a uma análise contraditória na qual o sertanejo passa a ser o “tipo superior.” Trataremos dessa questão nas análises dos fragmentos d’*Os Sertões*.

Essas considerações revelam a fragilidade de uma tentativa de se considerar uma formação discursiva como um discurso homogêneo. Na construção do discurso, toda heterogeneidade dos discursos que contemplam uma dada formação discursiva expõem-se. Por mais que a formação discursiva tente uniformizá-los essas contradições mostram-se, revelam-se. A heterogeneidade é, então, parte constitutiva da formação discursiva.

Para darmos continuidade as nossas análises, torna-se necessário abordarmos as questões que envolvem a escrita da história no que se relaciona à Análise do Discurso. Passaremos ao estudo do modo de organização narrativo de Patrick Charaudeau.

2.7 O modo de organização de organização narrativo do discurso e a escrita da história

Trataremos agora do modo de organização narrativo do discurso, tarefa para a qual recorreremos a Charaudeau (2010)⁷ e também a Ricoeur (2007) para pensarmos a organização da narrativa histórica. O ato de narrar é conceituado de maneira similar à de narrativa histórica. Para contar uma história ou uma narrativa é “[...] necessário um “contador” (que se poderá chamar de narrador, escritor, testemunha, etc) [...]” (CHARAUDEAU, 2010, p., 153) Esse narrador é investido de intencionalidade que se direciona a um destinatário, ou seja, um leitor, ouvinte ou espectador.

De acordo com Ricoeur (2007), as representações dos fatos históricos engendrados pela narrativa histórica realizam a passagem do nível da realidade para o nível de uma cena simbólica. Desta forma, o jogo de expectativas que se realiza em uma comunicação entre narradores historiadores e seus leitores, ignora o fato de que a narrativa histórica utiliza os mesmos recursos imaginários das narrativas não-históricas. Esse fato não torna a narrativa histórica um discurso sem autoridade. Seus métodos e critérios de seleção e operação das fontes lhe garantem credibilidade na construção do discurso da história.

Charaudeau, desenvolvendo suas análises sobre o modo narrativo, afirma que narrar ou contar é um ato posterior à realidade. Isso se dá mesmo quando a narrativa é inventada ou ficcional e, não necessariamente, sendo uma narrativa sobre fatos que ocorreram. A narração tece uma trama que incita um universo, o *universo contado* (CHARAUDEAU, 2010, p. 154) que cria a narração a partir desse universo criado.

O aspecto ficcional é integrante dessa atividade de narrar ou contar. No caso das narrativas de cunho histórico, o que a torna passível de alguma credibilidade está na sua construção calcada nas fontes, documentos, arquivos, no testemunho, entre outros. Podemos pensar que contar uma história é algo ligado às funções do narrador/contador, o qual pode contar uma história fictícia ou falsa; por outro lado, temos o narrador/historiador, que visa contar os fatos tais como realmente aconteceram, através da seleção de documentos, fontes e testemunhos, enfim, dos métodos da História.

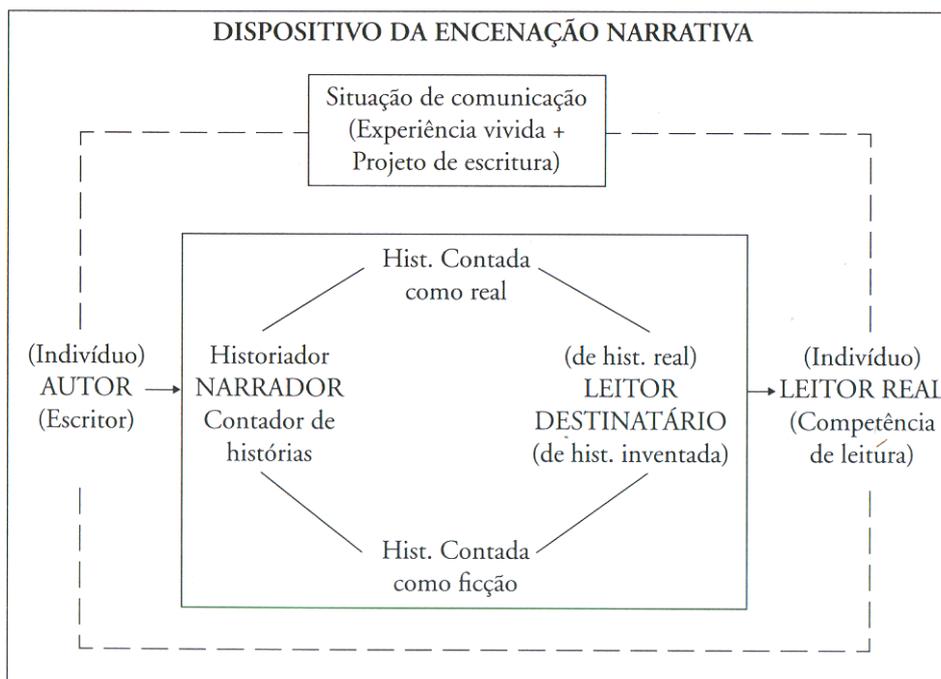
⁷ A obra de Charaudeau (2010) discute os modos de organização do discurso. Assim, temos os modos de organização do discurso narrativo, os modos de organização do discurso descritivo e os modos de organização do discurso argumentativo.

Na perspectiva de Charaudeau, esse procedimento de apoio nos documentos, métodos e testemunhos, investe o narrador/historiador de credibilidade e “[...] ‘dá cobertura’ [...] a protegê-lo de todo subjetivismo, a fazer crer que ele se apaga por detrás dos fatos que se impõem por sua credibilidade histórica.”(CHARAUDEAU, 2010, p. 192) Isso se deve ao fato de que toda narrativa depende de uma encenação na qual os parceiros da comunicação estão inscritos. Esses sujeitos encenam em espaços discursivos distintos: o interno e o externo.

Assim, o “espaço externo” (extratextual) refere-se aos seres de *identidade social* que buscam a troca comunicativa. Eles correspondem, na teoria semiolinguística, ao quadro de comunicação como o “Eu comunicante” e ao “Tu destinatário.” São eles os parceiros da troca linguageira. O “espaço interno” (intratextual) refere-se aos seres da comunicação narrativa reconhecidos no quadro comunicacional como “Eu enunciador” e “Tu destinatário.” Nesse caso, os participantes estão inscritos e representam *identidades discursivas*. (CHARAUDEAU, 2010)

No dispositivo de encenação narrativa, o “quadro externo” estaria representado pelo “Eu comunicante”, identificado como *Autor-indivíduo*. O *autor-indivíduo* é a figura social propriamente dita, que possui uma vivência social e participa do mundo, das trocas linguageiras e das práticas sociais. Na narrativa esse *autor-indivíduo* pode aparecer ou não, na medida em que ele pode ser um personagem da narrativa, como no caso das biografias, ou da literatura enquanto narrador-personagem.

O “quadro interno” é onde estão representados o “Eu Enunciador” e “Tu Interpretante”, que em uma narrativa seriam respectivamente, “narrador-historiador” e “leitor-destinatário”. Esses sujeitos são seres de papel e possuem *identidades discursivas*. Desta forma, temos a questão do dispositivo de encenação narrativa disposto da seguinte forma:



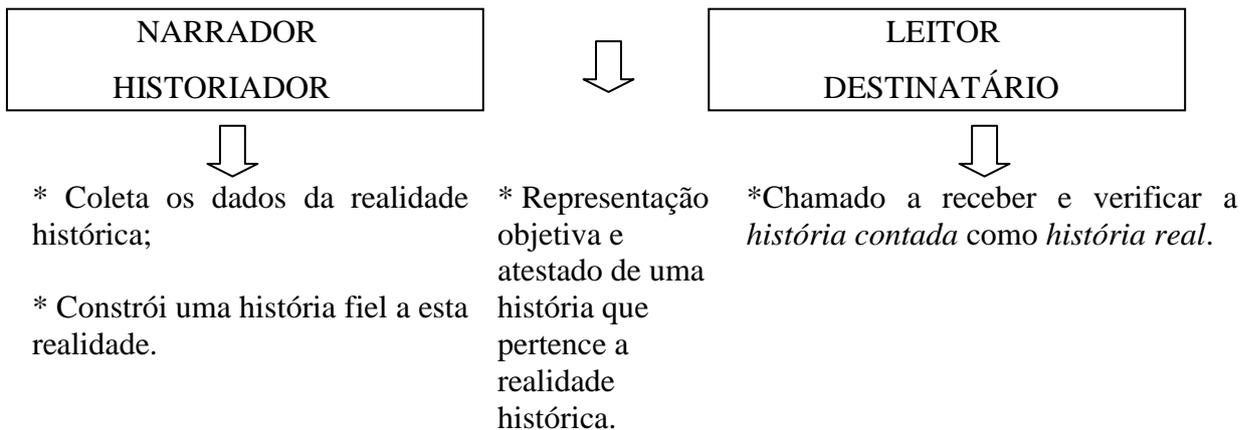
Fonte: Charaudeau (2010, p. 184)

A partir do quadro acima, temos uma perspectiva mais clara quanto à posição de narrador-historiador e narrador-contador de histórias. Na situação em que o narrador é um narrador-contador de histórias, o leitor-destinatário é reconhecido e fez parte da aposta comunicativa do narrador-contador como sendo competente e capaz de ler e reconhecer seu papel comunicativo. Desta forma, em relação ao conteúdo do texto, tanto narrador quanto leitor estão dispostos a reconhecê-lo como uma história contada como ficção.

Numa segunda possibilidade, temos o narrador como um narrador-historiador. Nesse caso, o seu leitor destinatário deverá ser capaz de reconhecer o conteúdo da comunicação como sendo a história contada como real. Esse reconhecimento se dá pela história de vida do narrador-historiador ligado a algum projeto de escritura ou a sua biografia no ofício de escrever história. O leitor deve recebê-la com algo que de fato aconteceu, pela credibilidade calcada pela corrente da história na seleção das fontes, testemunhos, etc.

Nesse sentido, o quadro de encenação ligado à história enquanto disciplina se apresenta pelo papel de um historiador que organiza a representação do passado realizando-a da maneira mais objetiva possível. Como já dissemos, ele deve utilizar arquivos, documentos, fontes orais e escritas, testemunhos, entre outros. Assim, vejamos o esquema abaixo:

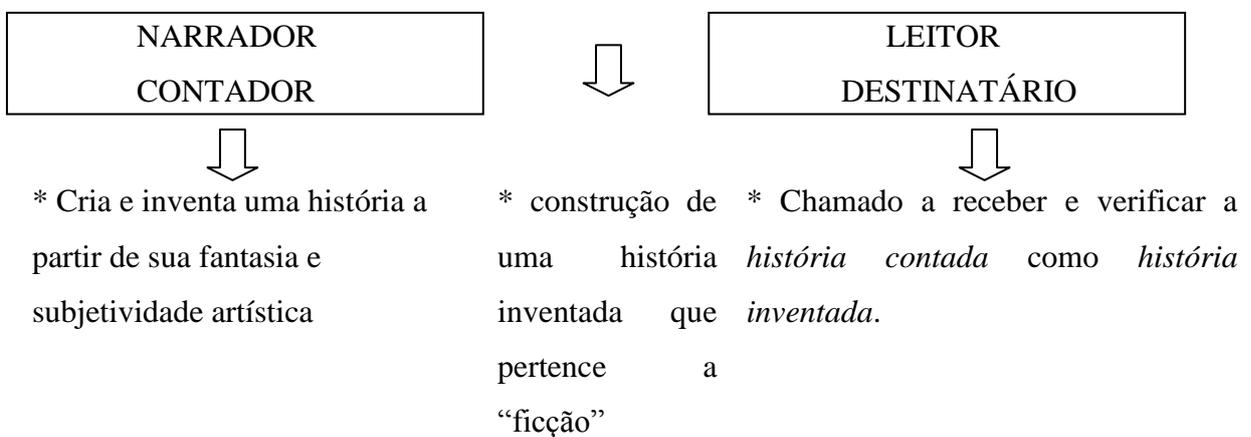
História contada



O narrador-historiador, assim, deve reconhecer o destinatário como um destinatário leitor de uma história contada que este deve receber como “representação fiel de uma história real” (CHARAUDEAU, 2010, p. 187)

Por outro lado, o narrador-contador de histórias cria e organiza uma narração referente a um mundo inventado. Esse narrador-contador exige de seu leitor que esse reconheça o seu texto como uma história inventada num mundo de ficção:

História contada



Desta forma, é importante considerarmos o que Charaudeau denomina como *projeto de escritura*. O projeto de escritura é anunciado pelos autores em seu prefácio, preâmbulos ou nas notas do autor às edições seguintes. Esse anúncio do projeto de escritura convoca o leitor a receber aquele texto como um texto historiográfico. Há também, no caso de Euclides da Cunha em *Os sertões*, uma exposição desse projeto de escritura em suas respostas às críticas sofridas pelo lançamento da sua primeira edição.

É importante considerar as críticas de Gilberto Freyre em sua obra *Atualidade de Euclides da Cunha* (1943). Ainda que posteriores à morte de Euclides da Cunha, as críticas revelam não só a pertinência e longevidade da obra, como a discussão sobre o seu papel histórico. Freyre atribui ao escritor de *Os sertões* o apoio técnico que recebeu de Theodoro Sampaio e Orville Derby na construção das análises científicas e faz crítica ao pensamento cientificista do século XIX pela preponderância da hegemonia das raças sobre a noção de cultura, já inicialmente se desenvolvendo nos anos de 1940, época da crítica de Freyre.

Nesse sentido, na obra *Os Sertões*, verificamos respostas de Euclides da Cunha a esses críticos de sua obra. Em resposta as críticas, o autor escreveu sobre a referência que fez ao papel do exército em Canudos como o de “Mercenários inconscientes.” A crítica foi dirigida por Moreira Guimarães no jornal *Correio da manhã*, edição de 3 de fevereiro de 1903: primeiramente, Guimarães não concorda com a qualificação de outros críticos em considerar *Os Sertões*, um consórcio entre arte e ciência; também critica o fato de o autor desprestigiar as organizações militares das quais fez parte. Assim, vejamos:

Mercenários... [...], eu quisera acreditar que ela não fora escrita pelo antigo militar, temperamento de artista, organização republicana. Por que, bastante lido em coisas da guerra, deve saber o ex-companheiro de armas que mercenário são os soldados estrangeiros estipendiários. Dir-se-á: mas o Euclides não emprega tão só feio vocábulo mercenário; para ele, que não ignora que tropas do gênero jamais significam verdadeiros exércitos, foram, nos combates dos sertões da Bahia, mercenários inconscientes os brasileiros. E aqui é o caso do memorável dito de Voltaire: “ces mots hurlent de se trouver ensemble.”

Realmente: a inconsciência no mercenarismo orça pelo absurdo. (GUIMARÃES, 1903, P. 1)

As críticas de Moreira Guimarães foram respondidas por Euclides da Cunha em suas notas do autor em resposta aos críticos. Euclides responde desta forma:

“Mercenários inconscientes” (pag. 9)

Estranhou-ser a expressão. Mas devo mantê-la; mantenho-a.

Não tive o intuito de defender os sertanejos porque este livro não é um livro de defesa; é infelizmente de ataque.

Ataque franco e, devo dizê-lo, involuntário. Neste investir, aparentemente desafiador, com os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros estadearam tão lastimáveis selvaticezas, obedeci ao rigor incoercível da verdade. Ninguém o negará.

E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever a

história da Guerra do Peloponeso – porque eu também, embora sem a mesma visão aquilina, escrevi
“Sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras.” (CUNHA, 2003b, p. 362)

Em sua resposta, Euclides da Cunha não só reforça o que propôs em *Os Sertões* como reafirma o seu caráter histórico descrevendo a sua forma de trabalho criterioso e metódico, como um “narrador sincero”. Ao fazê-la, apóia-se nas postulações teóricas de Tucídides sobre o rigor do observador da história. Assim, o autor reforça os posicionamentos assumidos no prefácio e no conteúdo da narrativa em *Os Sertões*.

Em seu prefácio, o autor expõe aspectos ligados as suas inclinações historiográficas e das análises do homem sertanejo. Esse aspecto será tratado no capítulo referente às análises dos fragmentos do *corpus*.

Nesse capítulo, tratamos dos preceitos teóricos que balizarão as nossas análises sobre os fragmentos da obra *Os Sertões*. Tratamos das noções de dialogismo, a partir das reflexões de Bakhtin (1988, 2000, 2001) que considera a linguagem como de natureza dialogal.

No capítulo seguinte, realizaremos a análise da dimensão histórica em que Euclides da Cunha estava inserido, pela análise da historiografia de sua época, com base na pesquisa dos elementos da escrita da história de vertente positivista do século XIX.

CAPÍTULO 3 - O DISCURSO DA HISTÓRIA EM *OS SERTÕES*

3.1 Considerações iniciais

Com o intuito de compreender melhor o ambiente intelectual no qual se deu a formação de Euclides da Cunha, o que é importante para analisarmos a escrita de *Os Sertões*, discutiremos sobre a historiografia positivista no Brasil. Abordaremos, assim, os princípios teóricos e as principais características desse modo de pensar e fazer a escrita da história.

Analisaremos as postulações positivistas quanto aos estudos históricos e os trabalhos de historiadores do período como Buckle, Taine, Gumplovicz, entre outros. Esses autores são citados e suas referências teóricas são desenvolvidas na obra de Euclides da Cunha. Assim, pretendemos elucidar o conteúdo historiográfico presente n`*Os Sertões*.

3.2 A historiografia positivista à época de Euclides da Cunha

A filosofia positivista também postulava questões referentes à escrita da história. A disciplina, História, foi influenciada por essa tendência filosófica e tem nas figuras de Leopold Von Ranke e Hypolite de Taine seus grandes precursores, sendo que esse último é citado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Como já anunciado, a influência do positivismo no campo científico atingia os historiadores que, de alguma maneira, procuravam se alinhar aos preceitos filosóficos legados por Augusto Comte. Inspirados por noções que se apoiam em autores gregos clássicos, como Tucídides e Aristóteles, os historiadores positivistas se orientavam pelo conceito de que a História era uma ciência guiada pela imparcialidade da narrativa histórica.

Inicialmente, valendo-se do pensamento aristotélico, no que diz respeito ao ofício do historiador, os positivistas valorizavam a narrativa imparcial que dá conta dos fatos tais quais eles ocorreram, considerando-os como um evento particular. O que é coerente com as ideias de Aristóteles que ao contrastar a história à poesia assim nos fala:

[...] Segundo o que foi dito se apreende que o poeta conta, em sua obra não o que aconteceu e sim as coisas quais poderiam vir a acontecer, e que sejam possíveis tanto da perspectiva da verossimilhança como da necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou prosa; caso as obras de Heródoto fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato sucederam enquanto outro fala das coisas que poderiam suceder. É por esse motivo que a poesia contém mais filosofia e circunscrição do que a história; a primeira trata das coisas universais, enquanto a segunda cuida do particular. (ARISTÓTELES, 1999, p. 47)

Na perspectiva aristotélica, a história não deve se preocupar em dar significado aos eventos e nem explicar a natureza do homem e do mundo. A narrativa histórica deve apenas limitar-se a narrar os acontecimentos do passado, ou seja, o particular. A poesia, ao contrário, visa o universal, o sentido das coisas do mundo.

A historiografia da época de Euclides da Cunha se distingue da de outras épocas pela influência positivista, na medida em que a História passa a ser considerada uma ciência, contrapondo-se a uma filosofia da História. A metodologia da História, nesse âmbito, se desenvolve em bases científicas inspiradas sobre bases das ciências naturais com abordagens empíricas guiadas pelo espírito da razão positivista. (REIS, 2005)

Assim, a história do século XIX é pós-kantiana⁸ e comtiana no qual a metafísica é uma impossibilidade, “[...] pois seus enunciados eram inverificáveis e incontroláveis.” (REIS, 2005, p. 36). Nessa perspectiva, para os historiadores comtianos, nada pode ser conhecido senão pelos sentidos e pelos fatos científicos com base em exatidão e métodos inspirados na matemática. Desta forma, é necessário “[...] observar os fatos, constatar suas relações, servir-se delas para a ciência aplicada.” (LEFEBVRE, 1981, p. 31) Nesse sentido, a historiografia do século XIX estava diretamente influenciada pelas tendências científicas da época na busca

⁸ Para o filósofo alemão Immanuel Kant, a história deveria ter um dever moral, o que abre espaço para a subjetividade da narrativa historiográfica. Esse preceito foi substituído pela historiografia positivista do século XIX, que preconizava a objetividade e imparcialidade da historiografia.

pela objetividade e cientificidade. Assim, cada disciplina buscava se inserir nesse contexto delimitando sua pertinência e seu campo de atuação com base nesses preceitos.

Na historiografia positivista os grandes eventos históricos, os grandes vultos da humanidade, estadistas, diplomatas, religiosos, entre outros, são “dignos” de serem abordados e tratados pela História. Assim, a chamada “Escola Alemã” inaugura a chamada “história científica” ou “historicismo”. Ranke seria uma dos maiores nomes dessa tendência na disciplina. O historiador positivista adotaria uma postura de anulação de si mesmo dando ênfase e visão ao objeto de estudo. A crença é a de que a História é integral e autônoma, sendo que, através dos documentos ela se manifesta aos homens. Por isso, os historiadores positivistas consideram que os fatos devem ser “colhidos” dos documentos em sua integralidade.

De certa forma, a própria seleção e recorte configuraria uma “intromissão” do sujeito historiador no processo. Os positivistas acreditavam narrar a história, “[...] tal como aconteceu, como fato, como ocorrência, como passado [...]” (REIS, 2005, p. 38) Assim, eles mantêm a neutralidade sem problematizar ou estabelecer juízo de valor sobre os fatos narrados, já que as fontes históricas são outra preocupação dessa “ciência histórica”: fontes escritas, documentos oficiais, testemunhos, vestígios, entre outros.

Essa concepção de uma história científica se contrapunha à perspectiva anterior de uma história filosófica. A história filosófica possui um *a priori* buscando encontrar um final único. Ao contrário, a história científica busca recontar o fato histórico numa perspectiva de uma narrativa da *reconstituição* dos fatos e não de uma *reconstrução* dos fatos.

Entretanto, essa mesma historiografia científica se contrapõe à filosofia da história negando seu caráter *a priori* e especulativo. Ao mesmo tempo, apropria-se desse *a priori* e o ressignifica. Senão vejamos: de certa forma, ao definir que a História como ciência era a única forma de se chegar à verdade, a História do século XIX reforça os princípios iluministas da crença na razão. Assim, o discurso da história aspirava ser a própria verdade como tal.

Desta forma, o historiador poderia diferenciar culturas superiores adiantadas no processo de civilização, enquanto outras estariam em estágios inferiores. Ou então, que determinadas etnias são mais evoluídas que outras. Assim, em função da “ditadura” da razão, poderia se considerar todo esse *a priori* científico, nessa forma de escrever e pensar a História.

No que se refere especificamente a Hypolite de Taine, no qual Euclides da Cunha apoia-se na composição d' *Os Sertões*, vejamos alguns preceitos desse positivista do século XIX. Em primeiro lugar, Taine foi influenciado pelo movimento racionalista das luzes contrapondo-se a uma visão filosófica da História. Ao mesmo tempo, foi influenciado pelo darwinismo e pelo determinismo biológico. A relação raça, meio e momento, está expressa na própria estrutura d' *Os Sertões* como meio de se estabelecer a trama narrativa que pode estabelecer um método compreensivo dos fatos.

Para Taine, a História é o movimento da relação entre a raça e o meio. Sua obra *Nouveaux Essais de Critique et d'histoire* o teórico aponta suas postulações científicas quanto a História e seus métodos. Na época, “a disputa entre o saber laico e o religioso atravessou o século XIX, assim como a controvérsia acerca do tipo de ensino.” (OLIVEIRA JUNIOR, 2011, P. 3). De forte influência positivista, Taine critica duramente a influência da Igreja na educação e postula um ensino laico.

Taine demonstra ser um democrata ao definir que cada homem tem o direito de escolher se sua educação será religiosa ou laica. “Nous pouvons tous et nous devons tous vivre en paix et en amitié dans la société civile, parce que dans la société civile nous avons tous intérêt à nous protéger les uns les autres.” (TAINÉ, 1866, p. 19)⁹ Taine acredita na incompatibilidade entre razão e fé, de modo que cada um deve escolher um critério. Por isso a crença numa sociedade civil e democrática em que todos têm liberdade garantida pelo Estado e são regulados pelas regras dessa sociedade civil.

Taine acreditava que se fazia a História pelas premissas da mais pura objetividade tentando esboçar a história natural dos homens. “[...] le projet d'écrire une histoire naturelle de l'homme; on a composé le catalogue des animaux.” (TAINÉ, 1866, p. 82)¹⁰ Nesse sentido, Taine acreditava que seria possível escrever a História com o máximo de objetividade possível. Desta forma, as opiniões, os hábitos e os costumes de uma época nos ajudam a compreender a sua história e o conceito de História que preconiza Taine. A crença na almejada objetividade calcada em relações entre a sociedade e natureza orienta suas premissas.

⁹ (Tradução nossa: Todos nós podemos e devemos todos viver em paz e amizade na sociedade civil porque na sociedade civil temos todo interesse em proteger-nos uns com os outros.)

¹⁰ (Tradução nossa: O projeto de escrever uma história natural do homem, compôs o catálogo dos animais.)

Assim, os estudos de Taine influenciaram toda uma geração de estudiosos do século XIX a partir de questões deterministas e fundadas na objetividade e no racionalismo. Euclides da Cunha anuncia claramente a influência de Taine em sua obra ao dizer que segue as tendências mais modernas nas definições e relação entre o meio físico, o homem e a cultura.

3.3 Considerações sobre a imaginação histórica do século XIX

Vimos as teorias historiográficas pelas quais Euclides da Cunha foi influenciado. De imediato, podemos observar que o século XIX e início do século XX é fortemente influenciado por teorias de cunho positivista. Essa teoria molda de alguma maneira a forma de se pensar e de se escrever a História.

Desta forma, abordaremos os estudos de White (1992) que trabalha a escrita da história a partir de sua configuração metodológica e discursiva, além de tratar do pensamento histórico no século XIX. Assim,

Ao apresentar minhas análises das obras dos pensadores históricos magistrais do século XIX na ordem em que aparecem, procuro sugerir que o pensamento deles presta a elaboração das possibilidades de prefiguração tropológica o campo histórico contidas na linguagem poética em geral. O aproveitamento real dessas possibilidades é, no meu modo de ver, o que mergulhou o pensar histórico europeu na condição irônica do espírito que o aprisionou no final do século XIX [...]. (WHITE, 1992, p. 14)

No que diz respeito à discussão sobre a função da escrita do historiador e da escrita do poeta ou romancista, há um intenso debate a partir das teorias do discurso historiográfico de Hayden White assim como os historiadores positivistas. White (1973), retomando Aristóteles, alega que o historiador sempre opera como um literato. O teórico argumenta que além do nível em que o historiador escreve aquilo que ocorreu e tece seu enredo narrativo, ele também deve expor o porquê dos acontecimentos.

Essa capacidade é reconhecida como “explicação por argumentação formal”. Em outro sentido, White aponta a questão característica identificada como “argumentação por implicação ideológica”. Nessa categoria, as relações ideológicas de um relato histórico “[...] refletem o elemento ético envolvido na assunção pelo historiador de uma postura pessoal sobre a questão da natureza do conhecimento histórico.” (WHITE, 1992, p. 36) Desenvolvendo suas categorias, White ainda postula a questão daquilo que ele denomina

como o “problema dos estilos historiográficos”. Para ele, os estilos representam a combinação de elementos particulares na construção do enredo, argumentação e implicação ideológica, pois esses elementos não podem ser combinados indiscriminadamente em uma dada obra:

Há, por assim dizer, afinidades eletivas entre os vários modos que poderiam ser usados para alcançar uma impressão explicativa nos diferentes níveis de composição. E essas afinidades eletivas baseiam-se nas homologias estruturais que se podem discernir entre os possíveis modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica. As afinidades podem ser graficamente representadas assim:

<i>Modo de Elaboração de Enredo</i>	<i>Modo de argumentação</i>	<i>Modo de implicação ideológica</i>
Romanesco	Formista	Anarquista
Trágico	Mecanicista	Radical
Cômico	Organicista	Conservador
Satírico	Contextualista	Liberal

(WHITE, 1992, p. 43-44)

Esses elementos propostos por White não são necessariamente e obrigatoriamente combinados de forma arbitrária. As combinações devem ser opções que melhor se adequem aos interesses e posicionamentos do historiador. White argumenta esse tópico citando a obra de Toqueville na qual o historiador buscou combinar um enredo romanesco, a um argumento formista e uma ideologia liberal. (WHITE, 1992)

Sobre esse aspecto, não se restringindo ao papel e método da escola positivista ou estritamente ao pensamento histórico do século XIX, e ao pesquisar como se organiza e se constrói o trabalho do historiador, Ricoeur discute a relação entre as diversas fases de construção do estudo e do discurso do historiador a partir da seguinte classificação:

[...] *A fase documental*: efetua-se desde a declaração dos testemunhos oculares à constituição dos arquivos e se fixa como programa epistemológico no estabelecimento da prova documental;
 [...] *na fase explicativa/compreensiva*: é a que diz respeito aos múltiplos usos do conector “porque”;
 [...] *fase representativa*: é a configuração literária ou escriturária do discurso oferecida ao conhecimento dos leitores da história. (RICOEUR, 2007, p. 126)

A primeira fase retratada por Ricoeur, *fase documental*, refere-se ao trabalho com as fontes e a metodologia de pesquisa da história. São referenciais teóricos que orientam e definem como o historiador vê a História e como a metodologia se desenvolverá para registrar, descrever e

investigar o objeto de estudo. A fase *explicativa* é aquela em que o historiador estabelece as razões possíveis para os fenômenos citados em seu texto. Por fim, a fase *representativa*, dá conta da escritura que é a tessitura da narrativa em que se configuram o texto historiográfico.

Assim, as observações de Ricoeur e White nos permitem refletir sobre o papel da obra de Euclides da Cunha acerca das posições e proposições explanadas e teorizadas. Em se tratando do século XIX e sua cultura, vimos que o positivismo e outras doutrinas decorrentes ou influenciadas pelo positivismo, como determinismo e os pressupostos de Taine, são importantes para compreendermos o ambiente cultural no qual Euclides se formou e o qual vivenciou. pessoalmente.

Assim, retomando as questões abordadas anteriormente, *Os Sertões* é considerado uma obra híbrida e heterogênea por seu múltiplo estatuto, transitando nos campos da literatura, da História e da crônica jornalística; esta última originada do trabalho como correspondente de guerra nos artigos intitulados “A nossa vendéia”, dos registros em “Diário de uma expedição” e da sua “Caderneta de campo”. Ao mesmo tempo, a organização da obra e preocupações ligadas aos termos e conceitos das ciências naturais, bem como o cuidado na organização dos testemunhos e dos métodos de escrita são singulares e apontam uma preocupação metodológica vinculada à História.

Com relação ao efeito explicativo que o texto historiográfico produz segundo as proposições de White, de que maneira poderíamos analisar *Os Sertões*? A proposição teórica de Euclides da Cunha, alicerçada no postulado da relação do meio, com o homem e com o evento, que deu origem as três partes da obra, são um exemplo desse “efeito explicativo”, que é inspirado em Buckle e Taine. O efeito da imaginação construtiva dá ao texto um conjunto plausível de sucessão de fatos e acontecimentos que tornam a história inteligível.

A característica observada no texto historiográfico, e que pode ser definida como um traço de neutralidade do historiador frente ao fato narrado, cria uma narrativa e lhe engendra um enredo. Entretanto, esse enredo pode produzir um efeito no qual se observa uma certa dramaticidade, ironia, etc. Vejamos, por exemplo, esse trecho de *Os Sertões*:

Avançaram e carregaram. Eram oito horas da manhã. Formosa e quente manhã sertaneja que naquelas zonas irradia sempre um resplendor belíssimo de centelhas refluídas da terra desnuda e quartzosa... De sorte

que se a tropa imprimisse naquele espadanar de brilhos o fulgor metálico de três mil baionetas, como se planeara, o cenário tornar-se-ia singularmente majestoso.

Mas foi lúgubre. Dez batalhões despencaram de mistura pelos cerros abaixo. Atulharam as baixadas. Galgaram depois a ladeira que as apertam. Coalharam o topo das colinas; e desceram-nas de novo, ruidosamente, em tropel – para novamente investirem com as que se sucedem indefinidamente por toda a banda – num ondear de vagas humanas, revoltas, desencadeadas, estrepitosas, arrebetado nas encostas, espriando-se nas planuras breves, acachoando em tumulto nos declives, represando-se comprimidas nas quebradas [...]. (CUNHA, 2003b, p. 173)

Os trechos “formosa e quente manhã”, “resplendor belíssimo de centelhas refluídas”, “de sorte que a tropa [...]”, demonstram a apreciação que o narrador do texto propõe ao narrar e descrever as cenas dando-lhes dramaticidade, perplexidade, admiração, enfim, configurando um ponto de vista. Para White, esse seria um traço característico e singular do texto historiográfico, que aproximaria historiador e escritor. Ainda no trecho selecionado de *Os Sertões*, observa-se com destaque a passagem “mas foi lúgubre” em que o narrador demonstra, na escolha das palavras, a apreciação que revela o caráter fúnebre da narrativa.

Em relação aos comentários sobre *Os Sertões*, a obra *Juízos críticos* faz uma compilação das repercussões da obra de Euclides da Cunha em sua época. O que se vê é um amplo painel de reações às leituras iniciais e reinterpretações dos parâmetros que podiam servir de interpretação da identidade do povo e da nação brasileira. Esse processo de quase “catarse” nos expôs feridas da história nacional que mudaram os posicionamentos do próprio Euclides da Cunha em relação à recém-proclamada República do Brasil.

Essa discussão permite-nos dizer que a história não reproduz o real, mas o recria e o interpreta sobre novas bases e pontos de vista. *Os Sertões*, enquanto texto literário, reconhecido pelos seus leitores ao ser recebido como tal, goza dessa certa “liberação” que o escritor de literatura teria ao criar uma história passada através da Guerra de Canudos. Entretanto, Euclides da Cunha, ao recriar os eventos como testemunha e dispondo de fontes testemunhais, sendo ele próprio uma delas, e alicerçando seus registros em descrições minuciosas contendo embasamento científico para compor essa estrutura de análise, insere o trabalho e provoca reações dos mais variados níveis da sociedade, que tomam a obra como registro de um fato histórico. Essa fronteira entre os estatutos se torna bastante tênue a partir desse traço característico de *Os Sertões*.

Se analisarmos o *nível ético*, devemos tratar o texto de Euclides da Cunha como um texto anarquista. Ao tentar demonstrar que há a possibilidade de o homem americano ter uma formação autóctone, ou seja, de que o homem americano se originou e/ou se desenvolveu de maneira independente do homem europeu, ou que haveria um elo entre essas duas linhagens primeiras, o autor estaria se alinhando a uma perspectiva da época em que foi produzida a obra.

A origem autônoma colabora com essa noção de originalidade nas origens e quebra a ideologia de uma relação de hierarquia entre o homem americano e o europeu. A noção de independência reforça o caráter forte e superior de uma raça nessa perspectiva. Outros aspectos reforçam essa característica. No que diz respeito ao ufanismo apresentado por Euclides da Cunha, vejamos a virada conceitual que ele realiza em relação ao homem sertanejo:

O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhes a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-os a postura normalmente abatida num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quanto parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; [...] Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude.[...] Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros passantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperavelmente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (CUNHA, 2003b, p. 77)

O autor utiliza o termo Hércules-Quasímodo. Toma o caráter de Hércules como forte e de Quasímodo, (da obra de Vitor Hugo), como feio. É, ao mesmo tempo, as duas coisas: Isso expõe a obviedade da descrição acalorada e ufanista desse homem sertanejo a quem Euclides qualifica, em outros momentos, como um titã, o qual é “potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias”. É nesse aspecto que se revela o seu

caráter anarquista, ao seguir caminho oposto aos balizamentos teóricos do IHGSP e seus membros, e ao pensamento de sua época.

Com relação ao *nível estético*, percebemos a categorização que nos permite apontar a tragédia como traço dessa topicalização referente à obra de Euclides da Cunha. White (1992, p. 23) aponta que:

[...] um historiador qualquer é forçado a pôr (*Sic*) em enredo todo o conjunto de estórias que compõem sua narrativa, enredo que assume uma forma de estória abrangente ou arquetípica. Por exemplo, Michelet vazou todas as suas histórias no modo romanesco, Ranke vazou as suas no modo cômico, Tocqueville utilizou o modo trágico e Burckhardt usou a sátira. [...] a tragédia, porém, sugere a possibilidade de libertação, ao menos parcial, da condição de queda, e de alívio provisório do estado dividido em que os homens se acham neste mundo.

Não seria essa a principal constatação e tese lançada por Euclides da Cunha em *Os Sertões*? A tragédia do massacre sofrido pelos sertanejos, após brilhante e corajosa resistência, frente à covardia e brutalidade da batalha final exercida pelas tropas do governo.

O que White enfatiza ao final é de que não há distinção entre ficção e história. Assim, “[...] a história precisa reconhecer as suas relações com a imaginação literária, não pode mais reprimi-la e, por isso, é preciso refazer a teoria da disciplina histórica.” (REIS, 2011, p. 302). Na verdade, a História ao se contrastar aos poemas e romances, não difere tanto, pois ambos constroem suas narrativas da mesma maneira, buscando dar sentido ao real.

Portanto, Hayden White estabelece um debate e uma tensão entre as perspectivas da História e da literatura, tentando desfazer distinções entre seus estatutos e esferas de atuação, transportando a historiografia para esfera da ficção. De maneira semelhante, Ricoeur (2007) afirma que a História é uma criação tal qual o texto literário ou ficcional. Entretanto, a criação histórica é controlada pelo método e pela fonte (REIS, 2011, p. 305). Além disso, além da cronologia, a atividade mimética da construção da História é responsável pelo encadeamento da narrativa e da própria criação histórica, tornando-se o caráter diferenciador entre a história e a ficção.

Nesse capítulo, vimos como as ideias e postulações teóricas da historiografia positivista se organizam e influenciaram o trabalho de Euclides da Cunha. Os estudos iniciais sobre o papel

da História e a possibilidade de ser objetiva orientaram os estudos e preceitos teóricos que emergem na obra *Os Sertões*. As referências ao trabalho de Taine e Buckle se apresentam como organizadores das formas de abordar e estudar os fatos históricos. Além disso, o autor cita os referidos teóricos em seu texto e, ao mesmo tempo, constrói o seu trabalho de acordo com essas posições teóricas. Assim, buscamos compreender em que medida essa influência contribui para construção da matriz discursiva ligada à disciplina histórica.

Identificamos, desse modo, as referências citadas por Euclides da Cunha em sua obra assim como a organização e desenvolvimento das análises pertencentes a essas premissas teóricas que emergem n`*Os Sertões*. No capítulo seguinte, como uma etapa necessária para compreendermos a influência de tais ideias na obra do autor, ideias que estão associadas à filosofia positivista como paradigma teórico e as vertentes das ciências naturais, da historiografia positivista e de referências políticas republicanas, faremos a análise da formação educacional e profissional de Euclides da Cunha para compormos a pesquisa de suas condições de produção.

CAPÍTULO 4 - A FORMAÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA: SEUS CONTATOS COM AS CIÊNCIAS NATURAIS E A HISTÓRIA

4.1 Considerações iniciais

Ao falarmos sobre o discurso produzido em *Os Sertões*, percebemos a influência das matrizes discursivas ligadas às Ciências Naturais e a História compondo o seu texto, torna-se necessário explorarmos qual a formação intelectual e cultural de Euclides da Cunha para identificarmos quais as origens dessas influências e de que maneira elas surgem em sua escrita. Para tanto, faremos nesse capítulo uma exploração sobre o percurso intelectual do escritor na sua passagem pela Escola Militar da Praia Vermelha e o seu programa de ensino.

Outra questão que se faz necessária é a sua participação como membro do Instituto Histórico e geográfico de São Paulo e os seus contatos com alguns colaboradores, tais como: Teodoro Sampaio, Orville Derby, entre outros. Além disso, realizaremos uma discussão sobre a comunidade científica da época e uma breve exploração sobre o positivismo de Auguste Comte, filosofia que marcou a formação do escritor e dos programas de governo na segunda metade do século XIX e início do século XX.

Esse procedimento metodológico pode ser justificado com base na acepção trabalhada por Santos (2014) de “referencialidade polifônica”, que pode ser entendida, *grosso modo*, como a trajetória ou história de vida antes de se constituir como tal. Nos termos de Santos (2014), “toda instância sujeito tem uma anterioridade histórica vinculada a uma memória discursiva: seu referencial filosófico, histórico, político, cultural etc.” Essa referencialidade polifônica, por sua vez, se manifesta quando este sujeito é interpelado e recorre a uma formação discursiva.

Nesse caso, a referencialidade polifônica de Euclides da Cunha é toda sua trajetória de vida, pessoal e intelectual, que se manifesta em seu discurso. O que nos propomos a abordar no item seguinte.

4.2 A formação de Euclides da Cunha

Foi com grande dificuldade que o ainda menino Euclides da Cunha formou-se bacharel em ciências naturais, matemática e engenheiro pela Escola militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro em Janeiro de 1892. Em sua infância estudou no Externato Aquino, “[...] importante instituição de ensino do Rio de Janeiro dirigida pelo professor João de Aquino, a quem o professor Escragnolle Dória¹¹ chamava de ‘santo da pedagogia brasileira.’” (GARCIA, 2009, p. 15). Filho de Eudóxia Moreira da Cunha e Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha ficou órfão de mãe aos três anos tendo que viver na casa de parentes por um bom tempo.

Foi no externato que teve contato com Benjamin Constant e iniciou seus estudos científicos balizados no positivismo e de ideais republicanos. Antes de ingressar na Escola militar da Praia Vermelha, provavelmente por razões econômicas, ele havia deixado a Escola politécnica do Rio de Janeiro para ingressar na referida Escola militar. (GARCIA, 2009) É importante salientar e dar destaque à figura de Benjamin Constant como importante difusor do positivismo e do republicanismo no Brasil à época.

Benjamin Constant foi o idealizador da frase cunhada na bandeira brasileira “ordem e progresso”, claramente inspirada no ideário positivista. O teórico iniciou seus estudos em matemática e foi influenciado pelas “doutrinas” científicas da época como o spencerianismo, o cientificismo, o determinismo o positivismo. (LEMOS, 1997)

Voltando à questão da formação de Euclides da Cunha, vamos tratar da estrutura da Escola da Praia Vermelha. A Escola Militar da Praia Vermelha foi fundada por Dom João VI, em 1810, e tem por inspiração o pensamento ilustrado e teve ilustres alunos como Cândido Rondon o General Tarso Fragoso:

¹¹ Trata-se de Luis Gastão D’Escragnolle Dória, ensaísta, professor do Colégio Pedro II, arquivista, escritor e participante de sociedades científicas do século XIX. (GARCIA, 2009)

[...] uma geração que participou da Independência e que tem raízes nas primeiras tentativas dos brasileiros de adaptar às condições de seu meio, a cultura ilustrada da Europa no século XVIII; características do pensamento que continuam depois pelo século XIX a dentro, motivo pelo qual nos preocupamos também em traçar os seus reflexos nas manifestações progressistas e modernizadoras do Brasil durante o Império. [...] A nova ética do século das Luzes, segundo a qual os homens poderiam aspirar à liberdade e a realização de sua felicidade na terra, deram um vigoroso impulso ao estudo das ciências. Os homens, [...], passaram a tentar edificar o paraíso celeste no mundo de todo o dia, aliando o seu otimismo utópico a mentalidade pragmática das reformas concretas. (DIAS, 1968, p. 105-106).

O artigo de Maria Odila Dias (1968) no *Jornal do Instituto Histórico e geográfico brasileiro* faz uma análise desse intuito modernizador e da influência das Luzes no período que se inicia pouco depois da chegada da família Real portuguesa ao Brasil (1808) e se estende até o período republicano. É com esse intuito modernizador e balizado nas ideias do pensamento ilustrado que está ancorada a fundação e o desenvolvimento da Escola Militar da Praia Vermelha ainda no período do Império. Nesse aspecto, os fundamentos pedagógicos e curriculares da Escola militar eram inspirados na *École Polytechnique de Paris*. (SANTANA, 2001)

No seu desenvolvimento institucional, a Escola militar da Praia Vermelha passou a desenvolver ainda mais um ambiente de profunda influência do positivismo, doutrinas científicas, evolucionistas e deterministas em sua base curricular. O currículo da Escola militar da Praia Vermelha passou por várias reformas e estava organizado da seguinte maneira:

1. Curso preparatório:

a)- 1º ano: gramática nacional, geografia, francês, aritmética e desenho linear. b)- 2º ano: língua vernácula, francês inglês, história antiga, álgebra e desenho linear. c)- 3º ano: língua vernácula, inglês, história (Idade média, moderna, contemporânea e pátria), geometria e trigonometria plana, desenho linear e geometria prática.

2. Curso de infantaria e cavalaria:

a)- 1º ano: 1ª cadeira: álgebra superior, geometria analítica, cálculo diferencial e integral. 2ª cadeira: física experimental, compreendendo elemento de telegrafia elétrica militar, química inorgânica; Aula: desenho topográfico, topografia e reconhecimento do terreno.

b)- 2º ano: 1ª cadeira: tática, estratégia, história militar, castrametração, fortificação passageira e permanente, compreendendo o ataque e defesa dos entrincheiramentos e das praças de guerra, e noções elementares de balística. 2ª cadeira: direito internacional aplicado às relações de guerra, noções de direito natural e direito público, direito militar, análise da constituição do Império; Aula: geometria descritiva, planos cotados e sua aplicação ao desenhamentos das fortificações militares.

3. Curso de artilharia:

a)- 1º e 2º ano: como os de infantaria e cavalaria. b)- 3º ano: 1ª cadeira: mecânica racional e sua aplicação às máquinas, balística; 2ª cadeira: tecnologia militar, compreendendo o desenvolvimento da telegrafia e iluminação elétrica da defesa das praças, noções de mineralogia, geologia e botânica, artilharia e minas militares; Aula: desenho de fortificação e das máquinas de guerra. (MOTTA, 2001, p. 160-161)

É perceptível em todo o currículo a influência e a presença das ciências básicas em todo o programa, demonstrando uma formação teórica e uma outra voltada ao empirismo e à prática, ressaltando a questão já exposta dos ideais cientificistas da época, em especial o positivismo. Embalados pelos ideais das Luzes a formação dos estudantes da Praia Vermelha caminhava na direção e na crença na ciência, na razão e no progresso como consequência natural e evolutiva. (DIAS, 1968)

Outra observação importante é a distribuição das disciplinas em todos os anos de curso. Contém sempre disciplinas teóricas em uma cadeira seguida de outra cadeira de disciplinas práticas. Na Escola militar os alunos recebiam ao mesmo tempo, “[...] formação militar, e um regulamento que enfatizava as matérias básicas e o ensino prático.” (SANTANA, 2001, p. 41) Nas teóricas dá importância às disciplinas “essenciais” e, na outra, às disciplinas secundárias nos moldes do cientificismo e do positivismo de Comte (1973).

Sua passagem pela Escola Militar da Praia Vermelha é marcada por um evento que lhe causou expulsão da instituição. O caso foi até batizado de “episódio da baioneta” no qual Euclides da Cunha, num ato de insubordinação, saiu da fileira dos alunos militares desrespeitando Tomás Coelho, ministro da guerra do governo Imperial, gritando as palavras, “Infames! A mocidade livre, cortejando um ministro da monarquia!”. (GARCIA, 2009, p. 17). O ano era 1888 e já havia uma grande movimentação para acabar com o regime monarquista e implantar a república. Seu caráter impulsivo havia se manifestado e causou sua expulsão da instituição e do exército.

No ano seguinte, com a Proclamação da República, (por iniciativa de Cândido Rondon), foi readmitido no exército, ingressando na Escola Superior de Guerra. (GARCIA, 2009) Desta forma, vejamos como ficou organizado o currículo da Escola Superior de Guerra:

Curso de Artilharia:

Primeiro ano – Primeira cadeira: cálculo diferencial e integral; Segunda cadeira: química, metalurgia; Aula: perspectiva e sombra.

Segundo ano – Cadeira: Mecânica, balística, artilharia, aplicação da eletricidade à guerra; Aula: desenho de fortificação e máquinas.

Ensino prático: o do curso de infantaria e cavalaria e mais: prática completa do serviço de artilharia, inclusive o das bocas-de-fogo, de grosso e pequeno calibre, e as pequenas manobras.

Curso de Estado-Maior e de Engenharia Militar:

Terceiro ano – Primeira Cadeira: trigonometria esférica, astronomia, geodésia; Segunda Cadeira: mineralogia, geologia; Aula: desenho de cartas geográficas, alemão.

Quarto ano – Primeira cadeira: construção civil e militar, hidráulica, estradas; Segunda Cadeira: biologia, botânica, zoologia;. Terceira Cadeira: Direito administrativo, administração militar, economia, política; Aula: arquitetura civil e militar, desenho da arquitetura, projetos.

Ensino prático: o dos cursos de infantaria e cavalaria e de artilharia, e mais: serviço de Estado-Maior em tempo de paz e de guerra, inclusive organização de exércitos permanentes, mobilização, combinações táticas e estratégicas; planos de campanhas; estudos de teatros prováveis de nossas guerras, estudo detalhado das campanhas modernas mais notáveis; práticas de observações astronômicas e de trabalhos geodésios; prática de construções militares. (MOTTA, 2001, p. 170-171)

O programa da Escola Superior de Guerra se assemelhava à estrutura organizacional do programa da Escola Militar da Praia Vermelha na questão das disciplinas básicas e as disciplinas secundárias e práticas. Percebe-se que isso mantém o espírito positivista e cientificista da Instituição sob a qual os militares brasileiros eram formados. “Na Escola militar o positivismo de Auguste Comte estaria fadado ao nítido predomínio.” (MOTTA, 2001, p. 153) Em seu percurso e formação escolar merecem destaque as notas de Euclides da Cunha que, em sua maioria, são mais expressivas nas disciplinas relacionadas às ciência naturais. (SANTANA, 2001)

A respeito da construção do currículo da grade e de disciplinas da Escola Militar da Praia Vermelha e da Escola Superior de Guerra, devemos ressaltar que o ideólogo e arquiteto dessa grade curricular é o pensador e militante republicano Benjamin Constant. Desta forma, “[...] se deve as conotações políticas resultantes da atuação de Benjamin Constant nos acontecimentos que levaram à República.” (MOTTA, 2001, p. 153) É importante lembrar que o ambiente de discussões e análises que se desenvolve na sociedade brasileira era amplamente debatido nas instituições de ensino, sobretudo as militares.

Um de seus discípulos Candido Rondon disse “[...] Benjamin Constant opera o prodígio quase sobre-humano de transfigurar sua cátedra de geometria algébrica em altar levantado à mais

pura idealização da Pátria.” (MOTTA, 2001, p. 155) Benjamin Constant tornou-se rapidamente um mestre para os simpatizantes e militantes da República e para os jovens estudantes das Escolas militares.

Verificamos como a formação escolar e científica de Euclides da Cunha se desenvolveu, a fim de compreendermos como as marcas linguísticas dessas vertentes científicas surgem em sua escrita. Passaremos agora a uma abordagem sobre o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o qual Euclides da Cunha fez parte.

4.3 O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo foi fundado em 1º de novembro de 1894 tendo por base as mesmas referências utilizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no que tange aos valores nacionais e cívicos. Euclides da Cunha integrou o Instituto a partir de 1897, a convite de Albert Loefgren, Orville Derby e Teodoro Sampaio, logo após a publicação de um artigo de Euclides da Cunha sobre a obra de Loefgren. (SCHWARCZ, 1993)

Teodoro Sampaio e Orville Derby são considerados colaboradores de Euclides da Cunha em seus trabalhos sobre ciências naturais e na construção do texto de *Os Sertões*. Ambos colaboraram com Euclides da Cunha com suas anotações, encontros para discussões, referências bibliográficas, empréstimos de obras, além da “assessoria” nas questões geológicas e científico-naturais às quais Euclides da Cunha tratava na sua obra.

Teodoro Sampaio chegou a integrar a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, entre 1886 e 1892, como primeiro ajudante de Orville Derby. Sampaio não era um geólogo mas como engenheiro tinha interesse em diversas disciplinas entre história, geografia e até “[...] estudos da língua tupi.” (SANTANA, 2001, p. 138) Importante estudo desenvolvido por Danilo Zioni Ferretti (2009) evidencia o papel do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo na construção de uma identidade brasileira acerca da figura do bandeirante paulista. O IHGSP foi idealizado e financiado por intelectuais e pela elite econômica paulistana, além de ser uma diretriz do governo republicano.

No IHGSP havia um grupo de intelectuais que fomentaram suas propostas balizadas na orientação de valorizar a figura do bandeirante paulista como edificador da nação brasileira. Mais especificamente, havia três grupos distintos: uma vertente minoritária católico-monarquista, outra liberal-republicana e, por fim, uma territorialista, composta por “Domingos Jaguaribe”, [...] Orville Derby e [...] Teodoro Sampaio. (FERRETI, 2009, p. 267) Todos eles estavam envolvidos no projeto de ocupação e expansão territorialista para o oeste do Estado a partir de estudos que identificassem aspectos geológicos da região.

Evidentemente, o café era a cultura a ser implementada e os estudos aplicavam a análise ao plantio da colheita. Por outro lado, havia o trabalho do historiador, cientificista e positivista Capistrano de Abreu, no sentido de edificar a imagem histórica do bandeirante paulista pela via de uma historiografia desvinculada da visão monárquico-indianista. (FERRETI, 2009) A perspectiva indianista culpabiliza o bandeirante como o “exterminador” dos indígenas e, no lugar de herói, estabelece o jesuíta como o defensor da civilidade e da liberdade dos índios brasileiros.

Nesse sentido, o esforço de Capistrano de Abreu foi o de direcionar seus estudos na construção de uma imagem diferente do modelo indianista. Partindo dos referenciais do determinismo biológico e do cientificismo, Capistrano explora a capacidade de adaptação ao meio e a luta pela ocupação territorial. Assim,

Um escritor anônimo dizia a respeito dos paulistas pouco depois de 1690: Sua Majestade podia se valer dos homens de São Paulo, fazendo-lhes honras e mercês, que as honras e os interesses facilitam os homens a todo o perigo, porque são homens capazes para penetrar todos os sertões, por onde andam continuamente sem mais sustento que caças do mato, bichos, cobras, lagartos, frutas bravas e raízes de vários paus, e não lhes é molesto andarem pelos sertões anos e anos, pelo hábito que têm feito daquela vida. E suposto que estes paulistas, por alguns casos sucedidos e uns para com outros, sejam tidos por insolentes, ninguém lhes pode negar que o sertão todo que temos povoado neste Brasil eles o conquistaram [...]. (ABREU, 1988, p. 117)

Na mesma direção Teodoro Sampaio também deu sua contribuição à formação da imagem do bandeirante paulista como edificador da nação brasileira. Dando ênfase à questão da ocupação territorial e a extrema capacidade do bandeirante em se adaptar às condições climáticas, Teodoro estabelece e valoriza a fusão das raças como algo positivo. Evidentemente, esse

posicionamento ia na contramão do determinismo biológico e científico da época. (FERRETTI, 2009)

Sem dúvida, a estreita relação entre Euclides da Cunha e seus interlocutores no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo foi determinante na construção de *Os Sertões* e, ao mesmo tempo, seu engajamento no projeto de elaboração da imagem histórica do bandeirante paulista. Além disso, após formar-se engenheiro pela Escola Superior de Guerra, o escritor/engenheiro trabalhou em algumas obras pelo interior do país, mas nunca perdeu o contato com os amigos do IHGSP, em especial Teodoro Sampaio e Orville Derby. Ambos, o visitaram quando esteve no trabalho de recuperação da ponte em São José do Rio Pardo.

É importante destacar essa relação entre Euclides da Cunha e seus amigos interlocutores. Gilberto Freyre, em sua obra *Atualidade de Euclides da Cunha* (1943), ao analisar a obra *Os Sertões*, realizou uma crítica ao trabalho de Euclides:

Juntando-se a colaboração do paciente pesquisador de geografia física e humana e de história colonial do Brasil que foi Theodoro Sampaio à do geólogo Orville Derby e, ainda, a orientação do psiquiatra Nina Rodrigues quanto ao diagnóstico do Conselheiro e dos fanáticos de Canudos, o próprio esforço de pesquisa de Euclides nos arquivos da Bahia, e, de campo, no interior do Estado, vê-se como precária a posição dos que ingenuamente exaltam n' *Os Sertões* um livro improvisado. (FREYRE, 1943, p. 27-28)

Assim, observa-se a importância da participação de Euclides da Cunha nos referidos institutos de pesquisa, além da relação profissional e de amizade que manteve com os pesquisadores apontados por Gilberto Freyre em sua crítica.

Em se tratando dos ideais republicanos, logo após a Proclamação da República, Euclides da Cunha se decepcionava com a nova ordem política pela qual lutou tanto. A desilusão com os valores almejados pelo novo regime se confundiam. A monarquia mantinha a tradição de uma sociedade feita por conceitos aristocráticos e, a República seria o espaço de uma nova ordem política e social que daria lugar a meritocracia.

Entretanto, não foi isso que ele via nos primeiros momentos da República, o que lhe causou grande decepção. Em uma de suas correspondências ao pai, demonstrava desilusão com um dos grandes idealizadores da república, Benjamin Constant, o qual já citamos anteriormente,

como responsável pelos currículos das Escolas militares e como ideólogo da República brasileira:

Nos artigos publicados em *A Democracia*, de março a junho de 1890, atacara alguns atos do governo provisório, como o decreto que concedia a D. Pedro II um adiantamento pelo espólio de seus bens, que o imperador altivamente recusou. Para Euclides, o dinheiro da República iria servir para subvencionar a monarquia que havia sido abatida, deportada e banida em hora feliz par o país. (VENTURA, 1996, p. 280)

Em um exame de suas correspondências, encontramos uma carta de Euclides da Cunha dirigida ao seu pai em que fica claro o descontentamento com o novo regime:

[...] A conselho do Solon desliguei-me inteiramente de algumas ligações políticas que começava a ter; não escrevo de há muito para a Democracia — Parece-me que fiz bem; desconfio muito que entramos no desmoralizado regime da especulação mais desensofrida e que por aí pensa-se em tudo, em tudo se cogita, menos na Pátria. As minhas aspirações acham-se contudo de pé: retraio-me agora; estudarei, tratarei de formar melhor o meu espírito e o meu coração e mais tarde, passada essa febre egoística e ruim que parece alucinar a todos, quando sentir-se necessidade de homens e os que atualmente escalam cegamente as posições, conscientes da própria fraqueza, delas abdicarem voluntariamente —aparecerei então, se puder, se quiserem. Sei que o sr. aprova esse proceder — pelo menos porque assim procedendo eximo-me à decomposição geral que por aqui parece visar o aniquilamento das mais sólidas individualidades. Imagine o sr. que o Benjamin, o meu antigo ídolo, o homem pelo qual era capaz de sacrificar-me, sem titubear e sem raciocinar, perdeu a auréola, desceu à vulgaridade de um político qualquer, acessível ao filhotismo, sem orientação, sem atitude, sem valor e desmoralizado — dói-me dizer isto — justamente desmoralizado. Eu creio que se não tivesse a preocupação elevada e digna que me nobilita, teria de sofrer muito, ante esse descalabro assustador, ante essa tristíssima rumaria de ideais longamente acalentados... Eu sinto-me feliz considerando que o sr. se acha aí, longe, bem longe do ambiente corrupto que nos envolve aqui. (CUNHA, 1890, s/n)

Com a orientação dos ideais positivistas e deterministas, Euclides da Cunha acreditava que a República era a evolução natural do progresso social e humano. A República, de acordo com os referenciais históricos positivistas, como todo grande momento histórico e de evolução poderia acontecer de duas formas: se ela viesse pela mudança natural do regime, representaria a “evolução”; se o regime fosse imposto ou estabelecido de forma arbitrária, seria pela via “revolucionária”. Sua decepção coloca-o em um estado de amargura como o que se observa no fragmento da correspondência acima.

Após a proclamação da República, Euclides revela que as preocupações com as motivações mais elevadas da pátria estavam em segundo plano, ou nem sequer existiam. Interesses pessoais e atitudes corruptas deixavam o escritor desiludido com o regime e com o grande ídolo dos ideais positivistas e republicanos: Benjamin Constant.

Sua crença no novo regime se alinhava com todas as questões que envolvem suas preferências intelectuais e sua formação educacional pelo positivismo. Sua desilusão era muito grande ao perceber que os mesmos vícios e desmandos da vida aristocrática da monarquia se repetiam na recém inaugurada República. Apesar disso, a campanha de Canudos e sua viagem ao sertão lhe dá um novo ânimo. (FERRETTI, 2009)

Na realidade ele acreditava que o conflito se alinhava com as questões que se referem à via revolucionária já exposta anteriormente. Seria uma manifestação do processo revolucionário e evolutivo do novo regime? Essa crença lhe encorajou e lhe deu uma nova e renovada diretriz. Nesse aspecto, Euclides da Cunha avaliava os jagunços de Antônio Conselheiro como atrasados e semi-bárbaros. Essa perspectiva se apresentava muito claramente na série de artigos “A Nossa Vendéia”, na qual compara o conflito de Canudos ao levante contra revolucionário francês.

Por outro lado, encontramos também nos periódicos de *O Estado de São Paulo* um artigo de 25 de outubro de 1897, publicado em 26 de outubro do mesmo ano, atribuindo ao batalhão paulista, em um dos seus primeiros embates com os jagunços de conselheiro, a bravura de outras gerações de bandeirantes. Na oportunidade, Euclides comparou-os aos bravos bandeirantes edificadores e desbravadores do Brasil:

Lá estava a ala esquerda do batalhão paulista, dirigida pelo bravo e dedicado major José Pedro. A estrada do Calumbi, por onde os jagunços esperavam a expedição do general Arthur Oscar, ladeada em parte pelas montanhas do Calumbi e Cachamangó, crivada de trincheiras ásperas de mármore silicoso, tendo um trecho de três quilômetros dentro do valo profundo do rio Sargento, cortando talvez quinze vezes as barrancas abruptas do rio Crahyba, é de mais difícil travessia do que a do cambaio. Guardá-la e ocupá-la, pois, não era empresa de pouca monta, sobretudo antes do estabelecimento de um tráfego franco e contínuo. Tanto isto é verdade que a ala do batalhão paulista foi depois substituída por uma brigada - a do coronel Gouveia. Assim, ao chegar a Canudos, no dia 15 de setembro, eu louvava já a convicção de que os intrépidos soldados do sul prosseguiram rectilineamente (*sic*) nas empresas rudes da guerra. [...]

Mas, não era a primeira vez que os paulistas se aventuravam a arrancadas nos sertões. O episódio trágico dos Palmares e a epopéia ainda não escrita dos Bandeirantes foram criados pela índole aventureira e lutadora dos sulistas ousados. E o batalhão do S.Paulo, heróico e desassombrado no combate, fez reviver, por um momento, uma página da história do presente, todo o vigor guerreiro e toda a índole varonil dos valentes caídos há dois séculos. (CUNHA, 1897b, s/n) (*Grifo Nosso*)

Constata-se que, ao realizar a comparação entre os soldados paulistas e os bandeirantes desbravadores do país, Euclides da Cunha primeiramente constrói uma descrição da região, como “ladeada em parte pelas montanhas do Calumbi e Cachamangó, crivada de trincheiras ásperas de mármore silicoso, tendo um trecho de três quilômetros dentro do valo profundo do rio Sargento, cortando talvez quinze vezes as barrancas abruptas do rio Crahyba, é de mais difícil travessia do que a do cambaio...”. Talvez, essa descrição seja exposta no sentido de expor a aridez e dureza da região, reforçando o argumento de que somente bravos e intrépidos homens poderiam se adaptar rapidamente às condições climáticas e geográficas e lutar contra o inimigo: inimigo esse que representava o atraso e o conservadorismo de uma civilização em crise.

Assim, o escritor fazia relação semelhante a que os seus interlocutores, Capistrano de Abreu, Teodoro Sampaio, Orville Derby e Afonso Taunay, do IHGSP realizavam, buscando pensar a questão pela relação entre o homem e o território. Em outras palavras, na perspectiva territorialista. (FERRETTI, 2009) Essa construção de valorização do elemento bandeirante paulistano como construtor da nação é caracterizada por uma discussão que envolve uma dicotomia entre o norte e o sul do Brasil e entre o litoral e o sertão, com suas diferentes características climáticas e geográficas.

Na perspectiva determinista, a relação entre os homens e o meio explicaria a melhor adaptação do homem à porção sul do território: o clima ameno e as boas condições geográficas para a agricultura por exemplo. Em contraste, temos o norte e o sertão com sua peculiar geografia e vegetação árida, dificultando a fixação do homem à terra, além de significar um entrave ao desenvolvimento de costumes civilizados.

Assim, percebe-se o alinhamento do discurso de Euclides com o projeto do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. No futuro, essa posição do escritor sofreria um revés, marcado pela descrença com o sistema político e sinalizando uma imagem negativa do bandeirante

paulista: “[...] Euclides redefinia sua trajetória, [...] se distanciava da historiografia paulista para se aproximar do historiador João Ribeiro, [...] que dava pape destaque ao papel unificador do Rio São Francisco.” (FERRETTI, 2009, p. 278) Essa ruptura se observa quando o escritor aborda a questão da “gênese dos jagunços”. Nessa direção, explorou o papel integrador do Rio São Francisco e associou a ocupação da região à formação dos jagunços que estava composta pela figura do bandeirante.

Cunha associava os caracteres positivos atribuídos aos bandeirantes aos jagunços do sertão. Partindo da mesma influência determinista, argumentava que a adaptação ao meio físico, áspero e inóspito, dava algum sinal dessa habilidade de adaptação e sobrevivência, e portanto, de alguma superioridade. Senão vejamos:

Assim, o jagunço era representado como uma raça de cruzamentos idênticos àqueles mamalucos estrêmulos que tinham nascido em São Paulo.[...] Bandeirante sulista ancorado nos sertões do norte, ponto médio entre os nortistas e os sulistas, entre jesuítas e bandeirantes, entre brancos e índios, o jagunço de Euclides era representado como o resultado da fusão equilibrada de todos os elementos díspares que formam a nação. (FERRETTI, 2009, p. 280)

Essa ruptura com a identificação do modelo do IHGSP era trabalhada a partir dos mesmos elementos balizadores das teorias utilizadas pelo Instituto. A relação do homem, das raças, da terra, aliados aos preceitos deterministas na categorização das nacionalidades, foi abordada e discutida para compor a elaboração da “teoria reversa”. Na perspectiva controversa de Euclides da Cunha, o sertão (o norte) passava a ter um valor positivo na figura do jagunço, enquanto o sul, teria um valor depreciativo, sinônimo de uma população decaída. É essa mudança de curso que configura a teoria reversa.

Assim, nas etapas do trabalho do escritor em *Os Sertões*, vemos a crítica das atividades militares do exército brasileiro na luta em Canudos. Além dos sinais de extrema adaptação do sertanejo que dificultou ao máximo as investidas das tropas federais, a denúncia do massacre realizado pelas tropas era um grito do autor frente às atrocidades cometidas na guerra. Os vencidos eram, na posição dele, os autênticos construtores da nacionalidade brasileira. Revela-se aí, um pouco mais da insatisfação e decepção com a República recém inaugurada.

Essa ambiguidade conferida por Euclides da Cunha ao papel do bandeirante paulista acena para dois momentos distintos: o primeiro, pelos seus contatos com o IHGSP e o seu projeto de edificação do elemento bandeirante paulista. Seu alinhamento se dá desde as questões científicas e estão claras no desenvolvimento do seu capítulo sobre o homem; O segundo momento, é o de ruptura frente à constatação (segundo Euclides) de que o autêntico construtor da nacionalidade brasileira era o sertanejo, considerado homem forte adaptado às condições climáticas e geográficas que o faziam um titã.

Nesse aspecto, atacar os jagunços era o mesmo que ferir a integridade da essência da nacionalidade brasileira, uma vez que era o jagunço nordestino o herdeiro dos autênticos desbravadores bandeirantes.

4.4 A sociedade científica à época

O Estado de São Paulo, já a partir da segunda metade do século XIX, despontava com grande centro difusor de ideais científicos, do desenvolvimento da engenharia e da modernidade nacional. (SCHWARCZ, 2012) Em grande medida, isso se dava pela opulência dos cafeicultores paulistas que, além de investirem na modernização do país, tinham (juntamente com a elite intelectual) um projeto de desenvolvimento calcado no cientificismo, na educação e na modernização da sociedade.

Assim, uma série de associações de cientistas e de institutos de pesquisa foram criados para atender a essas demandas. Sem dúvida, uma das mais importantes instituições do período foi o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o qual já abordamos anteriormente. O referido instituto foi criado por Orville Derby no esforço em desenvolver suas análises e pesquisas aliando os seus interesses científicos aos interesses da elite paulistana.

Esse ambiente propício ao desenvolvimento da pesquisa científica estava envolto no ideário positivista. Obviamente, as questões ligadas ao Estado, política, ideologia e os interesses sociais se entrecruzavam nos ideários teóricos desses institutos, bem como os seus pesquisadores. No interior dessa discussão, sobretudo no que diz respeito à construção de um novo regime, era necessário reescrever a história do país sob novas bases. Nesse sentido, a história deveria ser o índice dessa gênese de um povo calcada em bases científicas.

Assim, surge uma dicotomia no que se refere à constituição do povo brasileiro. A teoria da miscigenação das três raças é contraposta a uma tendência ainda mais ampla. Ainda no final do século XVIII, quando da Revolução Francesa e do espírito igualitário do Iluminismo, certa tendência para o desaparecimento da questão contrastiva das raças se faz presente.

A esse respeito, a pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz desenvolve em *O espetáculo das Raças* uma importante análise do panorama científico e dos institutos que funcionaram no Brasil entre 1870 e 1930. Nesse contexto, a noção de igualdade entre os homens era pensada como fundamento de todas as sociedades não dando lugar ao pensamento racial. Com o alvorecer do século XIX, o tema das diferenças e das raças volta à tona. Relatos sobre crianças selvagens, perdidas nas florestas do oriente, “[...] ‘meninos-lobos’ [...] exemplos vivos, tais meninos selvagens pareciam personificar e estabelecer limites, mesmo que tênues entre o mundo da natureza e o mundo da cultura.” (SCHWARCZ, 2012, p. 64) Observa-se assim, uma reação ao projeto iluminista na questão da igualdade entre os homens e conseqüentemente, as culturas.

Esse debate incitava a discussão sobre a origem do homem alimentando duas correntes distintas: a primeira, *monogenista*, preconizava a humanidade como una, partindo de uma única origem; a segunda, denominada *poligenista*, partindo da concepção de que a origem das sociedades se deve a vários pontos de criação em que as diferenças raciais fossem observadas.

Na perspectiva *monogenista* a origem única do homem explicaria as diferenças como processos mais ou menos parecidos, dando as diferenças apenas aspectos particulares referentes às condições locais. Essa noção é bastante alicerçada na questão religiosa do *Éden* e do *paraíso* religioso.

A determinação *poligenista* era baseada na perspectiva biológica não desvinculada da ciência natural da cultura. Assim, destoando das explicações religiosas, viam o funcionamento da desigualdade do desenvolvimento das culturas como um reflexo das diferenças entre as raças.

Diversos estudos à época foram influenciados pelas premissas *poligenistas*. Cesare Lombroso, em seus estudos sobre criminalidade, acreditava que a propensão ao crime e a violência era um fenômeno físico e hereditário, portanto, determinado pela raça. Em sua obra *O homem delinquente* esboça os preceitos de sua análise:

Após ter Espine aplicado ao estudo da zoologia às ciências sociológicas e Agnetti às econômicas, [...] era natural que a nova escola penal que tanto se serve dos modernos estudos sobre evolução, procurasse aplicação deles à antropologia criminal, e tentasse, antes, fazer deles o primeiro fundamento. (LOMBROSO, 2007, p. 21)

Revelando a tendência mais moderna à época, Lombroso utiliza a tendência de aproximação das ciências naturais aos outros domínios científicos em favor dos estudos da criminologia. Durante uma boa parte da história da República brasileira os estudos de Lombroso orientaram as políticas públicas de segurança. Na Europa, em especial na Bélgica, criou-se um departamento de antropologia penitenciária, para examinar cientificamente os detentos. (BRITO, 2012)

No Brasil, Cândido Motta foi um dos seguidores de Lombroso. Sua obra foi amplamente utilizada como inspiração e, “[...] uma constante em nossos projetos de código penitenciário.” (BRITO, 2012, p. 30). Suas impressões sobre os estudos de Lombroso surgem na obra *Classificação dos criminosos* na qual desenvolve as premissas raciais vinculadas à criminologia. Portanto, a divisão do estudo das raças, coloca em campos distintos as duas correntes: a monogenista creditava a “imutabilidade dos tipos humanos”; a outra, poligenista, preconizava o “aprimoramento evolutivo das raças”. (SCHWARCZ, 2012, p. 71)

Outro importante cientista seguidor de Lombroso no Brasil foi Raimundo Nina Rodrigues. Nina Rodrigues era médico e antropólogo e um dos fundadores da antropologia criminal brasileira. Foi pioneira nos estudos da cultura negra no Brasil e um difusor da medicina legal no país, adaptando-a à realidade brasileira. (SCHWARCZ, 2012) Os estudos de Nina Rodrigues articulavam a influência das questões sociais e psicológicas nas condutas dos indivíduos.

Ao mesmo tempo, essas considerações sobre os mestiços avançavam as críticas acerca da miscigenação. Nessa perspectiva, a mestiçagem preocupava na medida que se atribuía a esse cruzamento das raças um fator de degenerescência da saúde. Em relação à medicina legal, Nina Rodrigues acredita que, o estudo de craniologia de Lombroso eram muito importantes, sobretudo para uma população miscigenada como a do Brasil. (SCHWARCZ, 2012)

Essas considerações teóricas, explicaria a desigualdade das raças e a desigualdade entre os homens e suas culturas. Também explicaria as diferenças dos estágios tecnológicos e culturais que separam os homens, justificando-as. Esse embate entre *monogenistas* e *poligenistas*

somente será minimizado quando Charles Darwin publicar, em 1859, *A origem das espécies*. A teoria de Darwin atendia aos dois paradigmas, pois os monogenistas acreditavam que o darwinismo permitia continuar o processo de hierarquização dos povos. Os *poligenistas* também viam no darwinismo a possibilidade de, a partir de um ancestral comum, verificar aptidões e variedades diversas entre os povos.

Com o desenvolvimento das discussões sobre a disputa pelos teóricos emerge na antropologia cultural a noção de que a desigualdade entre as raças explicaria certa hierarquia entre os homens e as culturas. A referida disciplina orientava-se pela ideia de que civilização e progresso eram modelos universais de análise dos povos. Nesse sentido, desenvolveu-se um método comparativo entre as culturas para verificar em que grau de desenvolvimento elas se encontravam em relação às outras. É nesse contexto que encontramos os trabalhos de Ratzel e Buckle, esse último citado por Euclides da Cunha, no desenvolvimento do “determinismo geográfico” e “determinismo racial.” (SCHWARCZ, 2012)

Buckle em sua obra *History of Civilization in England* esboça os princípios de sua teoria determinista. Na obra ele descreve a forma de compreensão e explicação causal relativa aos fenômenos sociais e culturais pela perspectiva biológica e naturalista:

If we inquire what those physical agents are by which the human race is most powerfully influenced we shall find that they may be classed under four heads: namely, climate, food, soil and the general aspect of nature. (BUCKLE, 1877, p. 29)¹²

Para o teórico, o meio ambiente determina as aptidões e os caracteres humanos e explica o desenvolvimento e percurso histórico desse povo. Suas premissas aparecem expressas na obra de Euclides da Cunha que, o cita e estrutura *Os Sertões* obedecendo a lógica determinista: a terra, o homem, a luta. A divisão proposta por Buckle e desenvolvida por Euclides da Cunha se caracteriza como uma forma de compreender o desenvolvimento dos povos e da sua história, a partir de premissas que consideram o meio e a interação/adaptação do homem a esse meio, elementos constituintes e determinantes na compreensão do desenvolvimento dessa nação ou cultura.

¹² Se investigarmos o que aqueles agentes físicos são, baseados no que a raça humana é poderosamente influenciada, nós devemos encontrar que eles podem se classificar em 4 categorias: nomeados, clima, comida, solo e a natureza em geral.

Por outro lado, as teorias de Ratzel alinhavam-se às teorias de Buckle no aspecto ligado do determinismo biológico. Seus estudos sobre a influência da terra nas características culturais foram hegemônicas na sua época. Na obra de Ratzel encontramos uma referência à relação entre os homens e o solo. Segundo o teórico, o solo é a razão de ser do Estado. Assim: “[...] se nota que, de todos os agrupamentos sociais, aquele que apresenta a mais forte coesão é a casa cujos membros moram todos juntos, no mais estreito espaço, unidos à mesma cunha de terra.” (RATZEL, 1983, p. 96) Em linhas gerais, essa era uma forte tendência teórica à época na relação entre o meio, o homem e a cultura.

Vimos os principais movimentos teóricos que repercutiam à época de Euclides da Cunha no que se relaciona ao percurso das ciências naturais e do ambiente científico à época. Dentre essas tendências científicas que vislumbramos é preciso considerar que o positivismo teve um grande alcance e repercussão, sendo portanto, uma das mais difundidas correntes filosóficas da época. Passaremos agora a analisar os preceitos teóricos e a influência do positivismo no período.

4.5 O positivismo de Auguste Comte

Frente às inquietudes do século XIX e as grandes transformações políticas, sociais, econômicas e científicas pelas quais a Europa passava, Auguste Comte procurou compreender e sintetizar uma crítica de seu tempo. Suas análises estabeleciam uma nova forma de pensar a sociedade e o conhecimento humano. Nesse sentido, Comte, a partir de seus estudos, foi o fundador do termo sociologia, derivado da nova ciência que denominava como “[...] física social”. (FÈDI, 2000, p. 27). Sua proposta previa a reorganização da sociedade na expectativa de reelaborar a ordem social.

Para o teórico, a evolução da sociedade se dá pela “lei dos três estados”, as quais estabelecem que a evolução do pensamento histórico, social e teórico se desenvolve por três estágios distintos: o *teológico* ou fictício; o *metafísico* ou abstrato; e o *científico* ou positivo. Por esses estágios a sociedade evolui no tempo histórico sendo que o último seria o mais elevado dos três estágios, pois através da ciência poderíamos explicar e fazer funcionar melhor toda a sociedade. Assim,

Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Em outros termos, o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro, o método teológico; em seguida, o método metafísico; finalmente, o método positivo. Daí nos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a terceira seu estado fixo e definitivo; a segunda unicamente destinada a servir de transição. (COMTE, 1973, p. 10)

Comte afirma que o estado científico é o mais evoluído e elaborado da condição histórica e científica humana. Seria o seu estado mais elevado. É importante lembrar que o teórico viveu em parte os desdobramentos da Revolução Francesa e o desenvolvimento da filosofia iluminista na Europa. Entretanto, alguns dos ideais iluministas não eram bem vistos pelo autor, pois segundo ele, provocariam distúrbios na ordem das coisas. Os ideais de liberdade de consciência e soberania popular eram considerados transitórios, pois estabeleceram uma forma de combater o antigo regime europeu. (FÈDI, 2000)

Por outro lado, esses mesmos valores seriam inoperantes na construção de uma nova sociedade. Em função das transformações revolucionárias que se apresentaram na Europa do século XVIII e XIX, o sistema de valores monárquicos balizado em questões teológicas, e de outro lado, o sistema de valores iluministas que apregoavam a liberdade e certa anarquia, deixavam um vácuo moral a ser preenchido. Esse conjunto de orientações de ordem moral deveria dar à sociedade um rumo a seguir.

Daí a importante característica positivista no que diz respeito à organização do conhecimento e da própria sociedade. A noção de hierarquia e ordem deve organizar o mundo a fim de garantir o pleno desenvolvimento das ciências em seu conjunto. Assim, “[...] A noção positivista de cidadania não incluía direitos políticos, assim como não aceitava os partidos e a própria democracia representativa. Admitia apenas os direitos civis e sociais.” (CARVALHO, 1998, p. 54). Na construção do Estado Republicano brasileiro encontramos um dos sustentáculos da teoria positivista na bandeira nacional: “ordem e progresso”. Uma sociedade orientada por tais ideais entende com imprescindível ao progresso, a organização e a ordem social.

A organização política da República Brasileira foi amplamente influenciada pelo positivismo. Como já anunciamos anteriormente, Benjamin Constant era um difusor dos ideais positivistas e, ao mesmo tempo, um dos ideólogos da República. É nesse sentido que faz-se importante abordarmos esse constructo teórico para compreendermos o texto de Euclides da Cunha. Dessa forma, o positivismo defende a noção de que o conhecimento científico é a única maneira de se alcançar o conhecimento verdadeiro.

Desenvolvendo os seus estudos, Comte busca classificar as ciências de acordo com dois níveis de orientação: o nível histórico e o dogmático. Sobre essa classificação e categorização trabalharemos agora.

4.6 Classificação das ciências por Comte

Para propor uma classificação das ciências que fosse mais adequada aos problemas humanos, na sua perspectiva, Comte pressupõe dois caminhos distintos: um denominado de caminho *histórico*; outro denominado de caminho *dogmático*:

Pelo primeiro procedimento, expomos sucessivamente os acontecimentos na mesma ordem efetiva, segundo a qual o espírito humano os obteve realmente, adotando, tanto quanto possível, as mesmas vias. Pelo segundo, apresentamos o sistema de ideias tal como poderia ser concebido hoje por um único espírito que, colocado numa perspectiva conveniente e provido de conhecimentos suficientes, ocupar-se-ia de refazer a ciência em seu conjunto. (COMTE, 1973, p. 33)

Desta forma, o estudo de acordo com o modelo *histórico* resume-se na exploração da uma ordem cronológica que demonstre de maneira clara a evolução de uma determinada ciência. Já o estudo do modo *dogmático* pressupõe uma ordem geral sob a qual possam ser apresentados de maneira natural segundo uma determinada lógica e em conjunto.

A exposição de ordem histórica torna-se bastante problemática de acordo com a própria evolução histórica de uma determinada ciência. Já a ordem dogmática, por ser mais abrangente e geral, estabelece a síntese e permite apresentá-la de forma mais direta sob um determinado ponto de vista. (COMTE, 1973)

Nesse sentido, o teórico argumenta que um geômetra da Antiguidade se limitaria a conhecer os estudos de um pequeno número de tratados de Arquimedes e Apolônio. Já os geômetras modernos podem estudar as “[...] descobertas mais recentes [...]” (COMTE, 1973, p. 34), sem ter contato direto com obras mais fundamentais e elementares. Assim, é natural a substituição da ordem *histórica* pela ordem *dogmática* por uma questão óbvia em relação ao grau de desenvolvimento de nossa ciência.

Segundo Auguste Comte há um inconveniente no que diz respeito ao tratamento destinado pela ordem *dogmática* à classificação e ao estudo da ciência: a questão de ignorar a origem de diversos conhecimentos humanos. Essa preocupação irá fomentar a classificação procedente que o teórico irá estabelecer. Assim,

[...] As diversas partes de cada ciência, que somos levados a separar na ordem dogmática desenvolveram-se na realidade, simultaneamente sob a influência recíproca umas das outras – o que tenderia a preferir a ordem histórica, [...] mas, vê-se, além disso, que as diferentes ciências foram de fato aperfeiçoadas ao mesmo tempo e imbricadas. (COMTE, 1973, p. 34)

O teórico divide as ciências pelo grau de abrangência e generalidade que possuem. Assim, umas seriam mais gerais, abstratas e, portanto, fundamentais. Outras, seriam particulares, concretas e mais complexas, sendo portanto, secundárias, pois dependem das primeiras e não as influenciam.

A distinção aqui estabelecida por Comte será característica nos trabalhos de formação dos currículos escolares de orientação positivista. Esses privilegiarão o ensino voltado para questões complexas, ou seja, ligadas às disciplinas concretas e práticas, mas sem deixar de valorizar e adotar em seus currículos disciplinas fundamentais, ou seja, abstratas. Foi o que observamos no exame do currículo escolar da Escola Superior de Guerra e da Escola Militar da Praia Vermelha.

Além disso, em sua proposta de classificação das ciências, Comte, a partir da problemática iniciada na discussão sobre os critérios de categorização, estabelece a filosofia positiva elencando cinco ciências fundamentais, em ordem sucessiva e invariável, relativa ao grau de importância: a astronomia, a física, a química, a fisiologia e a física social. A primeira seria mais geral e abstrata, enquanto a última mais complexa e particular.

Percebe-se uma valorização das disciplinas ligadas às ciências naturais e exatas. Nesse sentido, a finalidade da disciplina denominada “física social” seria a de compreender quais as regras permitem a sociedade manter-se coesa e em funcionamento. Essa hierarquia estabelece um certo grau de importância que se reflete na valorização das ciências naturais e exatas, pelo papel que ocupa na história do desenvolvimento das ciências e do grau de influência em relação a disciplinas secundárias. Daí, a valorização das ciências exatas pelo primado do mundo físico na evolução do universo.

Essa vertente filosófica ganhou grande repercussão e obteve grande influência no século XIX. Sua abrangência atingiu diversos grupos de pesquisa e instituições de ensino. No Brasil ela foi difundida por Benjamin Constant e atingiu também os estudos históricos. Assim, observamos uma historiografia positivista se desenvolvendo no século XIX e XX, a partir das premissas de Comte. Sobre essa questão, discutiremos no próximo capítulo.

Nesse capítulo, buscamos compreender de que maneira a formação de Euclides da Cunha pode elucidar a investigação sobre as matrizes discursivas presentes em sua obra. Nesse sentido, analisamos as grades curriculares e os programas de ensino das instituições de que o autor fez parte: a Escola Militar da Praia Vermelha e a Escola Superior de Guerra.

Analisamos as instituições das quais Euclides da Cunha foi sócio e fez parte, dentre elas o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O referido instituto possuía um projeto de identificação do bandeirante paulista que tinha o objetivo de lançá-lo como edificador da nação brasileira. Percebe-se essa influência nas primeiras páginas da parte “O homem” em *Os Sertões*. Apesar desse alinhamento com o projeto político do instituto, o autor fez um caminho inverso ao caracterizar o sertanejo como o verdadeiro personagem da cultura e da nacionalidade brasileira.

Também observamos e abordamos o panorama da sociedade científica da época de Euclides da Cunha. Algumas das referências citadas na obra foram consideradas nessa avaliação. Nesse sentido, verificamos que o momento histórico era permeado de uma tendência cientificista dominada especialmente pelos trabalhos de Auguste Comte relativos à teoria do positivismo.

Assim, exploramos o trabalho de Comte a partir da obra *Curso de filosofia positiva* (1973). Identificamos sua classificação dos estágios do desenvolvimento humano e as teorias sobre a

classificação das ciências em primárias e secundárias. Esse aspecto é importante para entendermos como os programas das Escolas onde Euclides estudou foram influenciados pelos pressupostos positivistas.

Nesse sentido, o trabalho de Benjamin Constant na formulação desses projetos de organização curricular se alinha aos objetivos e pressupostos positivistas, uma vez que Constant foi o idealizado e difusor da filosofia positivista no país, sendo considerado um dos pais da teoria no Brasil.

Assim, após as análises das condições de produção e do contexto histórico ao qual estava submetido Euclides da Cunha, no capítulo seguinte, analisaremos os fragmentos do *corpus* selecionado na obra *Os Sertões*.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DO *CORPUS* E REFLEXÕES TEÓRICAS

5.1 Considerações iniciais

Realizaremos nessa etapa, as análises dos fragmentos previamente identificados da obra *Os Sertões*. Nesse sentido, dividiremos o trabalho de análise em partes identificadas com base nas referidas matrizes discursivas: historiográfica, literária e a científico-natural.

Inicialmente, observaremos as citações e indicações do autor relativas a seus interlocutores, teorias, obras e referências que são influentes em sua obra. Ao mesmo tempo, identificaremos as estratégias de desenvolvimento e organização das suas teses sobre o homem e o conflito em Canudos.

Por fim, almejamos identificar e analisar em que medida essas ideias surgem e se compõem no texto de *Os Sertões*.

5.2 Os fragmentos do discurso literário

Vimos no capítulo anterior, questões que nos orientam em que medida a análise do discurso compreende a linguagem como de natureza dialógica, além da interdiscursividade de acordo com as noções estabelecidas por Bakhtin, Maingueneau e Charaudeau. O primeiro enseja a questão do dialogismo enquanto condição primordial do discurso. Os últimos, desenvolvem as ideias de Bakhtin nos remetendo à questão do interdiscurso como manifestação clara da hipótese bakhtiniana. Desta forma, faremos nessa etapa a análise dos fragmentos que correspondem à matriz discursiva relativa à literatura na obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

A obra está dividida em três partes como já abordamos ao tratarmos da dimensão científico-natural da obra. Assim, a obra está organizada nas partes: “A terra”, “O homem” e “A luta”. A divisão é resultado do embasamento teórico de Euclides da Cunha referente às teorias da história de Buckle. Essa perspectiva aponta uma estruturação que conduz todo o trabalho: a explicação das relações do meio geográfico e a análise do homem como fator determinante na explicação e condução dos fatos. Eis o determinismo histórico expresso na organização do texto, nas palavras do próprio Euclides da Cunha. Vejamos um trecho de um dos fragmentos da obra:

(FRAGMENTO I: EC/L, p. 28)

O sol poente desatava, longa a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus -, um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de junho. A coronha da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali havia três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luazes claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme – o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria – lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a *secura extrema* dos ares.

No início da narrativa citada acima, há a descrição da visão de um cadáver encontrado no *front*, exposto ao tempo em, “O sol poente desatava, longa a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus -, um soldado descansava”. O narrador aponta uma apreciação “romanceada” da morte e uma perspectiva que se direciona à perplexidade diante dos horrores da guerra, especialmente no trecho “um soldado descansava”. Trata-se de um fragmento no qual se nota uma elaboração estético-literária relacionada a um incidente testemunhado durante o evento.

Ao mesmo tempo, ao continuar a descrição da cena, o autor recorre a detalhes levemente assemelhados às descrições de legistas: “pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta”. Mais uma vez, no que diz respeito ao seu estilo e influência, Euclides da Cunha não cessa de recorrer a termos técnicos para qualificar aquilo que descreve.

Na continuidade de sua cena Euclides realiza uma analogia entre a vala comum e a sepultura em sua perspectiva, a cena configura-se em uma sepultura que dignifica o fim da vida daquele anônimo soldado: “O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali havia três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luars claros, para as estrelas fulgurantes...”. Atribuindo a má ou boa sorte ao soldado morto, o autor estabelece uma relação entre a sepultura indigna do fosso e a própria morte com a face negativa, enquanto a cena descrita é uma espécie de concessão do acaso pois, a sepultura é descrita como uma bela contemplação das estrelas ao firmamento que, em sua apreciação poética, apresenta-se como “luars claros e estrelas fulgurantes”.

O autor também nos descreve o caminho através do qual aquele soldado chegou até ao estado em que estava quando foi visto pelo jornalista-escritor: “E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja.”

Mais uma vez, na descrição da cena, percebemos as qualificações em relação ao soldado e seu caráter de lutador cansado que se encontra, então, em seu “sono tranquilo” e “à sombra”, que Euclides da Cunha classificou como “benfazeja”, reforçando sua apreciação poética em relação à cena. Mesclando sua precisa descrição eivada de termos técnicos e científicos, o autor insere apreciações e qualificações à natureza, à paisagem, ao soldado vencido e sua luta honrosa, evidenciando, assim, a presença da matriz literária em seu discurso.

Vejamos outro fragmento com similaridades ao anteriormente analisado:

(FRAGMENTO II - EC/L, P. 28):

À entrada do acampamento, em Canudos, um deles, sobre todos, se destacava impressionantemente. Fora a montada de um valente, o alferes Wanderley; e abatera-se, morto juntamente com o cavaleiro. Ao resvalar-se, porém estrebuchando malferido, pela rampa íngreme, quedou, adiante, à

meia encosta, entalado entre fragedos. Ficou quase em pé, com as patas dianteiras firmes num ressalto da pedra... E ali estacou feito um animal fantástico, aprumando sobre a ladeira, num quase curvetear, no último arremesso da carga paralisada, com todas as aparências de vida, sobretudo quando, ao passarem as rajadas ríspidas do nordeste, se lhe agitavam as longas crinas ondulantes...

Quando aquelas lufadas, caindo a súbitas, se compunham com as colunas ascendentes, em remoinhos turbilhonantes, à maneira de minúsculos ciclones, sentia-se, maior, a exsicação do ambiente adusto: cada partícula de areia suspensa do solo gretado e duro irradiava em todos os sentidos, feito um foco calorífico, a surda combustão da terra.

Fora disto – longas calmarias, fenômenos ópticos bizarros. (*Grifo nosso*)

No fragmento acima, observamos a descrição da montaria do Alferes Wanderley. Seu cavalo foi morto juntamente com seu dono. Euclides transfere os caracteres humanos do lutador valente ao cavalo como se fosse um ser só, como se fizessem parte um do outro. E qualifica a montaria como, “[...] um animal fantástico [...].” A descrição da cena relaciona a paisagem com a morte trágica do cavaleiro, o que dá um tom poético nessa passagem. O autor afirma que o animal ainda parece ter vida com o balançar da crina ao vento. Isso permite ao leitor representar para si a dimensão da tragédia, os horrores da guerra e, ao mesmo tempo, a bravura dos homens em combate. Além disso, nesse fragmento encontramos a marca da descrição da paisagem com base em elementos que evidenciam a preocupação com os termos técnicos e científicos, mostrando como ocorre essa inter-relação entre o discurso literário com os discursos de áreas científicas.

Vejamos outro fragmento no qual Euclides da Cunha refere-se ao sertanejo:

(FRAGMENTO III - EC/L, P. 78-80)

Colado ao dorso deste, confundido-e com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas mecegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando cômoros alçados; rompendo, céleres pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros...

A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em toda a plenitude. Como é que o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustentando-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira – estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção -, escachado no rastro do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim -; e galopando sempre, através do todos os obstáculos, sospesando à destra sem

a perder nunca, sem a deixar no intrincável dos cipoais, a longa agulhada de ponta de ferro encastoada em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia...

Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido esmorecido.

O gaúcho do sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado. O vaqueiro do norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filho dos plainos sem fins, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem certo feição mais cavalheirosa e atraente. Não conhece os horrores as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do equador. Não tem, no meio das horas tranquilas das felicidades, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tornando aquelas instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, disserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como um diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada.

As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas bombachas, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre o baguais, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores das caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas. E, rompendo, pelas coxilhas, arrebatadamente na marcha do redomão desensofrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinam as rosetas das esporas de prata; lenço de seda, encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexíveis e tendo à cinta, rebrilhando, presas pela guaiaca, a pistola e a faca – é um vitorioso jovial e forte. O cavalo, sócio inseparável desta existência algo romanescas, é quase objeto de luxo. Desmonta-o o arreamento complicado e espetaculoso. O gaúcho andrajoso sobre um pingo bem aperado, está decente, está corretíssimo. Pode atravessar sem vexames os vilarejos em festa.

O vaqueiro porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abastança e misérias - tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol arrastando de envolta no volver das estações, períodos sucessivos de devastação e desgraça.

Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantinho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. Compreende-se envolvido em combate sem tréguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as energias.

Fez-se forte, esperto, resignado e prático.

Aprestou-se, cedo, para a luta.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado – é

como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

Esta armadura, porém de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias...

A sela da montaria, feita por ele mesmo, imita o lombilho rio-grandense, mas é mais curta e cavada, sem os apetrechos luxuosos daquele. São acessórios uma manta de pele de bode, um couro resistente, cobrindo as ancas do animal, peitorais que lhe resguardam o peito, e as joelheiras apresilhadas às juntas. (*Grifo nosso*)

Logo no início do fragmento observamos o termo “centauro bronco”. O centauro é uma figura da mitologia grega representada por um homem com cabeça, braços e dorso e o corpo de cavalo. Esses seres mitológicos são tratados como seres inteligentes e sábios, além de observadores das estrelas. Essa é a qualificação a qual Euclides se assenta para descrever o sertanejo montado em seu cavalo.

Mas adiante vemos a descrição da habilidade do sertanejo em transitar naquele ambiente hostil:

Como é que o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustendo-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira – estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção -, escachado no rastro do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim -; e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no intrincável dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastada em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia...

Na visão do autor é o cavaleiro quem empresta ao animal a sua força. Animal descrito como frágil e pequenino. Essa habilidade do homem para com sua montaria reforça a habilidade e adaptação do sertanejo ao meio, tese defendida pelo autor em toda a obra. Em outro momento, o autor o compara a um acrobata ao vencer as dificuldades da vegetação da caatinga, esquivando-se de espinhos e galhos. Desta forma, o sertanejo é descrito, em seu cavalgar, como um artista que se desloca acrobaticamente pelo terreno.

Encontramos também outro trecho em que se estabelece a comparação entre o homem sertanejo e aqueles que não conhecem e não estão adaptados à região, quando o autor alega que “noutras mãos”, a viagem apresentaria “sérios obstáculos à travessia”. Em seguida, o autor revela que, ao vencer o obstáculo da vegetação característica do lugar, o sertanejo volta

a uma forma pouco reveladora dessa força descrita e qualificada por Euclides da Cunha nas linhas anteriores.

Nesse âmbito, essa descrição reforça o caráter enganador do sertanejo, por não revelar e despertar qualquer preocupação quanto a sua força, pois, “[...] terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido esmorecido.”

Nos trechos, “ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado”, está representada a visão de uma figura decaída e frágil, o que também fica claro no segmento, “outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido esmorecido”. Nesse aspecto, observa-se o que já apontamos anteriormente na reversão e até certa contradição na aparência e nos caracteres dos sertanejos. As apreciações e qualificações revelam uma contradição entre a aparência e a força do personagem da região dotado de uma força e que é extremamente adaptado ao lugar.

Euclides da Cunha ainda faz uma analogia entre o sertanejo e o vaqueiro gaúcho que olharia para o sertanejo e, “sobreolhá-lo-ia comiserado”. Eis a impressão que era despertada pela aparência do sertanejo em comparação ao vaqueiro do sul. O autor sublinha ainda mais o caráter contraditório entre o vaqueiro do sul e o sertanejo afirmando que “o vaqueiro do norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los”. Na aparência, a superioridade do vaqueiro do sul é, assim, incomparável.

Euclides da Cunha explica essa contradição à medida que estabelece as condições climáticas e geográficas como elementos componentes das feições simpática, “cavalheirosa e atraente” do cavaleiro do sul. Outra vez encontramos na obra a explicação do meio como elemento formador do caráter e das características do homem vinculado a esse meio. Influência positivista e determinista presente em toda a obra de Euclides da Cunha.

O autor ainda desenvolve o seu argumento descrevendo, com uma visão poética, o trabalho do vaqueiro do sul, alinhado à diversão e ao prazer:

Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, disserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como um diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada.

Euclides da Cunha qualifica o vaqueiro do sul como fanfarrão, valente, jovial em sua aparência e estado de espírito. A explicação está na despreocupação com as necessidades da vida, uma vez que a natureza se mostra farta e exuberante. Além dessa dimensão da feição e das condições psicológicas, o autor também revela a vestimenta dos vaqueiros do sul como, “um traje de festa”.

Essa visão exatamente contrária em relação ao trabalho do sertanejo que, em função dos regimes climáticos e das secas, é obrigado a enfrentar e vencer com o trabalho árduo e penoso. É assim, que o sertanejo se torna forte. Assim, em relação às condições em que a cultura e a sociedade do sertanejo se desenvolvem, o autor diz que, “o vaqueiro porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias”. Essas reflexões criam paulatinamente uma perspectiva de enaltecimento do caráter e das características do sertanejo em relação ao vaqueiro do sul. A escolha dos adjetivos é recheada das convicções do próprio Euclides da Cunha: suas apreciações são bastante permeadas do cientificismo de sua época compondo um estilo fluido ao texto.

Se as roupas do vaqueiro do sul são trajes de gala, as roupas do sertanejo são bem mais rudes: “O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura”. A sua descrição revela-se uma outra figuração oposta entre o vaqueiro do sul e o sertanejo. Quanto mais se desenha a figura pouco atraente e simpática do sertanejo, mais forte se revela a sua bravura e os atributos positivos aos quais Euclides da Cunha se esforça para imprimir um tom poético e belo. Essa é uma descrição que nos remete à imagem quixotesca do homem sertanejo proposta por Euclides da Cunha.

Esses elementos tornam o caráter literário de *Os Sertões* uma marca forte que está alinhavada aos preceitos e terminologias cientificistas que permeiam o texto do autor. Vamos observar outro fragmento do *corpus*:

(FRAGMENTO IV - EC/L, P. 80)

Ora, nada mais explicável do que este permanente contraste entre extremas manifestações de força e agilidade e longos intervalos de apatia.

Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do norte teve uma árdua aprendizagem de revezes. Afez-se, cedo a encontrá-los, de chofre, e a reagir de pronto.

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro que não vence e em que não se deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebatava, como um raio, pelos arrastadores estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia – passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância a pendura dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes.

É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto...

O autor atribui aos revezes e condições climáticas uma causa natural à capacidade de adaptação do sertanejo: “Ora, nada mais explicável do que este permanente contraste entre extremas manifestações de força e agilidade e longos intervalos de apatia.” O autor revela a transformação que se opera no semblante e nas atitudes do sertanejo de acordo com as exigências do momento e das condições que a terra oferece. Ao mesmo tempo, ao dizer: “Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do norte teve uma árdua aprendizagem de revezes. Afez-se, cedo a encontrá-los, de chofre, e a reagir de pronto.” Em relação ao trecho, “perfeita tradução moral do agente físico”, fica clara a apreciação positivista e determinista.

Tais características determinadas pelo meio se refletem também no comportamento, segundo o autor. Assim, “É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro que não vence e em que não se deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebatava, como um raio, pelos arrastadores estreitos, em busca das malhadas.”

A cada adjetivo que ressalta a dificuldade de sobrevivência do sertanejo, segue-se um adjetivo que reforça ainda mais o caráter positivo e belo do personagem: “perenemente audacioso e forte”. Ainda nos diz com relação ao comportamento que, “não vence e em que não se deixa

vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebatava, como um raio, pelos arrastadores estreitos, em busca das malhadas”. A transformação se dá da mansidão à inquietação; da rede preguiçosa a montaria do cavalo. Outra vez a caracterização é repleta de analogias que revelam a força e o valor do sertanejo abordando questões que envolvem a disposição para o trabalho e a coragem.

Assim, o belo e o feio, o forte e o combalido são posições antagônicas que se revelam na caracterização do sertanejo. Ao final, o personagem é vislumbrado como o autêntico autóctone nacional: “É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto...”

Vejamos outro fragmento em que o autor faz uma comparação entre o jagunço nordestino e o vaqueiro do sul:

(FRAGMENTO V – EC/CN, p. 80)

O gaúcho, o *pealador* valente, é, certo, inimitável numa carga guerreira; precipitando-se, ao ressoar estrídulo dos clarins vibrantes, pelos pampas, com o conto da lança enristada, firme no estribo; atufando-se loucamente nos *entreveros*, onde espadanam cintilações de espadas; transmudando o cavalo em projétil e varando quadrados e levando de rojo o adversário no rompão das ferraduras, ou tombando, prestes, na luta, em que entra com despreocupação sobrenana pela vida.

O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.

Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for.

Está afeiçoado aos prélios obscuros e longos, sem expansões entusiásticas. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não desperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula firmemente a pugilato, ao *riscar da faca* não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa ou o trabuco pesado, dorme na pontaria...

Se, ineficaz a arremesso fulminante, o contrário enterreirado não baquia, o gaúcho, vencido ou pulseado, é fragilíssimo nas aperturas de uma situação inferior ou indecisa.

O jagunço, não. Recua. Mas no recuar é mais temeroso ainda. É um negacear demoníaco. O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível, oculto no sombreado da tocaias...

Esta oposição de caracteres acentua-se nas quadras normais. Assim todo sertanejo é vaqueiro. A parte da agricultura rudimentar das plantações da *vazante* pela beira dos rios, para a aquisição de cereais de primeira necessidade, a criação de gado é, ali, a sorte de trabalho menos impropria ao homem e à terra. Entretanto, não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das *estâncias* do sul.

Euclides da Cunha caracteriza o gaúcho a partir dos seus elementos estereotipados: “O gaúcho, o *pealador* valente, é, certo, inimitável numa carga guerreira.” O *pealador*, *laçador* de animais é o traço mais singular do vaqueiro gaúcho, o qual o autor corrobora. Adiante, revela as qualidades desse guerreiro que, quando se desloca para a batalha, “ [...] entra com despreocupação soberana pela vida.”

Por outro lado, ao caracterizar o jagunço nordestino, Euclides da Cunha logo distingue o caráter estético deste em relação ao vaqueiro do sul, o qual impressiona enquanto o jagunço nordestino não causa admiração ou espanto, a não ser quando posto em batalha: “O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro. Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for.” Apesar da aparência frágil e franzina, o jagunço é caracterizado por Euclides como um guerreiro tenaz e perigoso. Sua aparência contrasta com sua bravura e habilidades em luta. Justifica sua determinação e qualidades em luta pelas condições a que está acostumado e submetido, nas duras terras do sertão.

O autor revela que a vida do jagunço é uma eterna luta, razão pela qual ele torna-se um guerreiro: “A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não desperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula firmemente a pugilato, ao *riscar da faca* não dá um golpe em falso. Ao apontar a *lazarina* longa ou o *trabuco* pesado, dorme na pontaria...” Desta forma, o autor aplica as categorias de Bukle e Gumplovicz na determinação das questões geográficas sobre o homem, a sua cultura e história. Ao fazer tal análise busca alinhar-se a tais premissas para dar a compreensão de como o jagunço nordestino opera a contradição entre sua aparência frágil e suas qualidades: a justificativa está na relação entre o homem e a terra, e a determinação desta última sobre o primeiro.

Todos esses elementos estéticos utilizados para criar uma imagem positiva do sertanejo são construídos a partir de observações e argumentações embasadas em conhecimentos científicos. Euclides da Cunha cria uma narrativa repleta de apreciações, analogias, reticências e expressividades concernentes ao discurso literário. Ao mesmo tempo, ocupa uma posição paratópica de pertencer e não-pertencer ao universo literário. O sertanejo transita entre o belo e o feio, entre o bem e o mal, se deslocando entre uma paratopia de identidade. Identidade tênue e contraditória a qual Euclides da Cunha reverte mesmo estando alinhado ao

projeto do IHGSP. Passaremos agora a discutir e analisar os fragmentos de ordem científico-natural.

5.3 Os fragmentos do discurso científico-natural

Já abordamos as questões que tratam do discurso científico em *Os Sertões*. A obra de José Carlos Santana (2001), trata do cientificismo em Euclides da Cunha, realizando uma análise na qual pesquisa as influências científicas que permearam a obra e a vida do autor. Com base nesses estudos nos quais nos apoiaremos, iremos explorar essa dimensão discursiva. Assim, vamos identificar os elementos que compõem essa marca expressiva no trabalho de Euclides da Cunha em *Os Sertões*.

Ao longo das partes, “A terra”, “O Homem” e “A luta”, o autor desenvolve toda uma descrição repleta de elementos científicos. Na descrição da paisagem nordestina ele revela a composição dos solos, da vegetação, dos regimes pluviométricos, entre tantos outros. Vejamos um fragmento do corpus que revela essa faceta científico-natural:

(FRAGMENTO VI – EC/CN, p. 50, nº 1)

Os estudos sobre a pré-história indígena patenteiam modelos de observação sutil e conceito crítico brilhante, mercê dos quais parece definitivamente firmado, contravindo ao pensar dos caprichosos construtores da ponte alêutica, o autoctonismo das raças americanas. Nesse belo esforço, rematado pela profunda elaboração paleontológica de Wilhelm Lund, destacavam-se o nome de Morton, a intuição genial de Frederico Hartt, a inteiriça organização científica de Meyer, a rara lucidez de Trajano de Moura, a e muitos outros cujos trabalhos reforçam os de Nott e Gordon no definir, de uma maneira geral mas completa, a América como um centro de criação desligado do grande viveiro da Ásia Cental. Erige-se, autônomo entre as raças o *homo americanus*.

Desde o início do capítulo intitulado “O homem”, o autor penetra na discussão de sua época quanto ao problema da raça autóctone. Segundo essa teoria, haveria uma pureza e superioridade cultural e racial nos grupos em que o elemento racial “primordial” fosse preservado. A discussão sobre a ponte alêutica revela-se importante para entender, pelo pressuposto científico de sua época, como surgiu o homem no continente americano. Por essa teoria, acredita-se que a ponte alêutica ligava o continente europeu, africano e asiático ao

continente americano. Assim, a teoria preconiza que em algum momento, esse homem que vivia na Europa se deslocou pelo estreito até o continente americano.

O teórico esmera-se em discordar desse posicionamento observando os estudos que reforçam sua convicção sobre a origem do homem no continente americano. Para se referendar apoia-se em nomes tais como: Morton, Hartt, Meyer e, por fim, Lund e Trajano de Moura, os quais, além de citar, expõe traços de suas descobertas e teorias. A obra de Trajano de Moura a qual Euclides da Cunha se refere é intitulada *Do homem americano: ensaio de etnologia* (1889). A referida obra estabelece as relações entre questões etnológicas e o desenvolvimento do “homem americano”. Desta forma, procura-se identificar o processo de ocupação do território brasileiro por um homem autóctone, o autêntico e singular desenvolvimento do homem americano: “Erige-se, autônomo entre as raças o *homo americanus*.”

Vejamos outro fragmento:

(FRAGMENTO VII – EC/CN, p. 50, n. 2)

Os dois outros elementos formadores, alienígenas, não originaram idênticas tentativas. O negro banto, ou cafre, com as suas várias modalidades, foi até neste ponto o nosso eterno desprotegido. Somente nos últimos tempos um investigador tenaz, Nina Rodrigues, subordinou a uma análise cuidadosa a sua religiosidade original e interessante. Qualquer, porém, que tenha sido o ramo africano para aqui transplantado trouxe, certo, os atributos preponderantes do *homo afer*, filho das paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que em quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força.

Quanto ao fator aristocrático de nossa *gens*, o português, que nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta, está, por sua vez, malgrado o complicado caldeamento de onde emerge, de todo caracterizado.

Conhecemos desse modo, os três elementos essências e imperfeitamente embora o meio físico diferenciador – e ainda, sob todas as suas formas, as condições históricas adversas ou favoráveis que sobre eles reagiram. No considerar, porém, todas as alternativas e todas as fases intermediárias desse entrelaçamento de tipos antropológicos de graus díspares, nos atributos físicos e psíquicos, sob os influxos de um meio variável, capaz de diversos climas, tendo discordantes aspectos e opostas condições de vida, pode-se afirmar-se que pouco nos temos avantajado. Escrevemos todas as variáveis de uuma fórmula intrincada, traduzindo sério problema; mas não desvendamos todas as incógnitas.

É que, evidentemente, não basta, para o nosso caso, que postos uns diante de outros o negro banto, o indo-guarani e o branco, apliquemos ao conjunto a lei antropológica de Broca. Está é abstrata e irrdutível. Não nos diz quais os reagentes que podem atenuar o influxo da raça mais numerosa ou mais forte, e causas que o extingam ou atenuem quando ao contrário da combinação

binária, que pressupõe, despontam três fatores diversos, adstritos às vicissitudes da história e dos climas.

Inicialmente, o autor trata da questão da formação étnica do povo brasileiro pelo exame sucinto da influência africana, dando destaque especial à formação religiosa e cultural. Qualifica essas dimensões como bárbaras, que se desenvolveram, “[...] pelo exercício intensivo da ferocidade e da força.” Apoiar-se no trabalho de Nina Rodrigues (1982) que realizou uma análise da cultura religiosa africana atribuindo-lhe certa originalidade e riqueza.

Rodrigues (1982) foi um importante médico legista que desenvolveu uma série de estudos sobre as raças e a questão étnica, tendo por base os ideais deterministas e naturalistas de sua época. A citação de Nina Rodrigues por Euclides da Cunha revela, de maneira direta, sua predileção pelas análises científicas que atribuem às raças e às etnias determinantes/condicionantes que se transporão às questões culturais. Essas teorias alinham-se com os pressupostos de Buckle na escrita da História por relacionar as condições naturais e geográficas aos homens e à sua cultura.

Ao descrever a influência portuguesa, Nina Rodrigues tratou de expor o elemento mais marcante de sua presença: a aristocracia. Certamente, a crítica à aristocracia (social, política, econômica e cultural), transplantada aqui pela colonização, revela um certo olhar pejorativo do autor de *Os Sertões*. Por sua posição política republicana, o autor opõe-se a esse aspecto da formação lusitana em nossa história, pois trouxe o caráter marcante da monarquia que configurava-se na aristocracia. A alternativa do modelo republicano é a meritocracia. Essa idealização causaria profunda decepção de Euclides da Cunha.

Após breve descrição dos aspectos mais relevantes das culturas que formaram a civilização brasileira, o autor parte para a análise da confluência entre as raças e as culturas. Em todo momento, Euclides da Cunha dá importância primeira as questões do meio físico: “[...] os três elementos essenciais, e, imperfeitamente embora, o meio físico diferenciado”, revelando as dificuldades de analisar essa relação pelo grau variável dos diferentes estágios de civilização a que esses povos estavam submetidos.

Os graus variáveis a que se refere Euclides da Cunha remetem aos estágios civilizatórios presentes na teoria positivista de Auguste Comte: o “estágio teológico”, em que a presença de

uma divindade é marcante em todos os fenômenos culturais; o “estágio metafísico”, em que o abandono da figura divina dá lugar à vontade pessoal e a figuras não humanas; por fim, o “estágio positivo”, o qual reflete a busca de respostas aos problemas humanos e da sociedade a partir da ciência.

Euclides da Cunha considera a tarefa de analisar variáveis tão díspares de acordo com os referenciais positivistas, uma tarefa árdua. Para tanto, apoia-se nas teorias de Broca, importante antropólogo francês que trabalhou teorias sobre o que denominou de “antropologia física”. Apesar de citá-lo, Euclides da Cunha critica suas ideias dizendo que para tratar um problema de tal magnitude era necessário algo a mais, pois a teoria de Broca era, “[...] abstrata e irreduzível.”

Vejamos outro fragmento em que ele desenvolve sua análise sobre a questão:

(FRAGMENTO VIII – EC/CN, p. 51)

Vemos, de pronto, que, mesmo nessa hipótese favorável, não resulta produto único imanente às combinações binárias, numa fusão imediata em que se justaponham ou se resumam os seus caracteres, unificados e convergentes num tipo intermediário. Ao contrário a combinação ternária inevitável, determina, no caso mais simples, três outras, binárias. Os elementos iniciais não se resumem, não se unificam; desdobram-se; originam número igual de subtransformações – substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em uma mestiçagem embaralhada onde se destacam como produtos mais característicos o *mulato*, o *mamaluco* ou *curiboca*, e o *cafuz*. As sedes iniciais das indagações deslocam-se apenas mais perturbadas, graças a reações que não exprimem uma redução, mas um desdobramento. E o estudo dessas subcategorias substitui o das raças agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquelas comportam, por sua vez, inúmeras modalidades consoantes as dosagens variáveis do sangue.

Vemos que Euclides da Cunha, ao citar Broca e desconsiderar sua teoria e classificá-la como insuficiente para tratar do problema brasileiro, propõe uma tentativa de abordagem da questão sobre a formação cultural e étnica do país. Sua análise busca alinhar-se ao determinismo científico e à ideia de pureza da raça. Euclides considera que as características dos elementos formadores das raças brasileiras não devem somar-se, mas sim desdobrar-se: “[...] Os elementos iniciais não se resumem, não se unificam; desdobram-se.” Euclides da Cunha estabelece a dificuldade de se analisar o problema étnico brasileiro pela questão da unicidade racial e estabelece que o desdobramento é traço característico de nossa miscigenação cultural. O autor d'*Os Sertões* Aliás, adverte que é preciso considerar esse elemento: o “estudo dessas

subcategorias substitui o das raças agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquelas comportam, por sua vez, inúmeras modalidades consoantes às dosagens variáveis do sangue.”

Euclides, além disso, alerta para o fato peculiar de que não teremos, no Brasil, um elemento racial único. Daí a necessidade se pensar o problema brasileiro de outra forma. Ele procura nas teorias deterministas e naturalistas em que se apoia, justificativas para relativizar e aplicar tais teorias ao estudo do caso brasileiro. Vejamos o fragmento:

(FRAGMENTO IX – EC/CN, p. 52)

Acreditamos que isso sucede porque o escopo essencial destas investigações se tem reduzido à pesquisa de um tipo étnico único, quando há, certo, muitos.
Não temos unidade de raça.
Não a teremos, talvez, nunca.

Essa afirmação é, de certa forma, uma constatação face ao encontro das raças no Brasil, em território tão vasto e heterogêneo. Mais uma vez, as teorias que orientam suas análises estão na base de suas considerações e se manifestam através dessas relações interdiscursivas. No fragmento seguinte, ele complementa suas ideias. Vejamos:

(FRAGMENTO X – EC/CN, p. 52)

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos, a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos. A afirmativa é segura.

A questão do determinismo histórico está presente no trecho “a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social”, revelando a crença na questão racial e do meio como elemento fundamental na caracterização das questões culturais, econômicas, políticas, entre outras. Ao mesmo tempo, o autor retoma a referência positivista e iluminista na crença da razão como caminho inevitável em direção ao progresso. Esse mesmo elemento é encontrado nos ideais que norteiam a República brasileira e as Forças Armadas.

Discutimos anteriormente, o alinhamento de Euclides da Cunha com o projeto científico do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Para retomarmos a questão, observamos que o

IHGSP possuía um projeto de identificação do autêntico personagem nacional projetado na figura do bandeirante paulista. A historiografia havia legado uma posição ingrata ao bandeirante em relação ao jesuíta. O último integrador dos índios aos valores cristãos e nacionais. Já o bandeirante é tratado como exterminador dos índios e destruidor da natureza brasileira.

O intuito do IHGSP é colocar o bandeirante em novas bases conceituais, partindo da noção de que a construção do território, das etnias e culturas foi uma conquista do bandeirante. Evidentemente que todo projeto científico serve a alguma finalidade cultural, social, política e ideológica. A elite paulista financia esses institutos e crê na pesquisa científica como um elemento primordial às culturas que desejam alcançar o progresso. É a esse grupo que Euclides da Cunha se alinha, nas figuras mais próximas como Orville Derby e Theodoro Sampaio.

Vamos ver o posicionamento que o autor adota em relação a esses balizamentos:

(FRAGMENTO XI- EC/CN, p. 50, nº 2)

[...] A face primordial da questão ficou assim aclarada. Quer resultem do “homem de lagoa santa” cruzado com o pré-colombiano dos “sambaquis”; ou se derivem, altamente modificados por ulteriores cruzamentos e pelo meio, de alguma raça invasora do norte, de que se supõem oriundos os tupis tão numerosos na época do descobrimento – os nossos silvícolas, com seus frisantes caracteres antropológicos, podem ser considerados tipos evanescentes de velhas raças autóctones de nossa terra.

Ao citar a teoria da ponte alêutica, o autor estabelece um ponto de partida para marcar sua posição. Nessa perspectiva, Euclides argumenta que houve uma autenticidade no desenvolvimento do homem americano e o indígena seria um “elo de ligação” com esse personagem autóctone: “homem de lagoa santa” cruzado com o pré-colombiano dos “sambaquis”; ou se derivem, altamente modificados por ulteriores cruzamentos e pelo meio, de alguma raça invasora do norte, de que se supõem oriundos os tupis tão numerosos na época do descobrimento – os nossos silvícolas, com seus frisantes caracteres antropológicos, podem ser considerados tipos evanescentes de velhas raças autóctones de nossa terra.” Portanto, os índios nativos brasileiros seriam os elos que nos ligariam a esse elemento autóctone que, na perspectiva determinista, revelaria a autenticidade e autonomia da cultura de uma nação.

A referência ao homem de Lagoa Santa é uma citação às descobertas de Peter Lund na região de Lagoa Santa. Lund se empenhava nas pesquisas na determinação dos ancestrais dos homens americanos, uma vez que no restante do continente haviam registros de ancestrais dos povos astecas, incas, entre outros, e estes povos não se encaixavam nas explicações teológicas e científicas sobre a origem dos homens. (LUNA FILHO, 2007)

Certamente, Euclides da Cunha teve contato com a obra de Lund. Em um artigo publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, de 1842, Lund dá conta da descoberta do homem de Lagoa Santa:

[...] no meio dessa numerosa testemunha de uma ordem de coisas diferentes da atual, nunca tenho encontrado nem o mais leve vestígio da existência do homem. E, contudo numa época em que os animais ferozes abundavam neste país, e debaixo de formas gigantescas, como explicar que o fraco ente, o homem escapasse à sorte que havia acarretado tanto outras vítimas, munidas de forças físicas muito superiores? [...] depois de seis anos de baldadas pesquisas, tive a fortuna de encontrar com os primeiros restos de indivíduos da espécie humana, debaixo de circunstâncias que ao menos admitiam a possibilidade de uma solução contrária da questão. [...] Achei estes restos humanos em uma caverna que continha, misturados com eles, ossos de vários animais de espécies decididamente extintas. (LUND, 1842, p, 81-82)

Esses estudos revelaram as questões antropológicas e biológicas que permeiam a noção de autonomia da raça americana. Lund encontrara o homem de Lagoa Santa e, Euclides da Cunha adentra a discussão para expor a dimensão do elo ancestral do personagem americano. Assim, o autor realiza uma análise do homem sertanejo, passando por um estudo do bandeirante paulista, indo ao personagem do gaúcho do sul até abordar o sertanejo:

(FRAGMENTO XII- EC/CN, p. 58-59)

Preso no litoral, entre o sertão inabordável e os mares, o velho agregado colonial tendia a chegar ao nosso tempo, imutável, sob o emperramento de uma centralização estúpida, realizando a anomalia de se deslocar para uma terra nova o ambiente moral de uma sociedade velha.

Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do sul. Aqui, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros. Da absorção das primeiras tribos surgiram os cruzados das conquistas sertanejas, os mamalucos audazes. O paulista – e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e regiões do sul – erigiu-se como um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurreto, da tutela longínqua, e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopéia inédita das “bandeiras.”...

Este movimento admirável reflete o influxo das condições mesológicas. Não houvera distinção alguma entre os colonizadores de um e outro lado. Em todos prevaleciam os mesmos elementos, que eram desespero de Diogo Coelho.

“Piores qua na terra que peste...”

No trecho acima percebemos a primeira impressão que se apresenta com a chegada dos portugueses e sua adaptação a terra: “Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do sul. Aqui, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros.” Naturalmente, Euclides da Cunha, recorrendo às relações entre o meio físico e a formação do caráter de um povo (determinismo), estabelece o elemento que explica, num dado momento, a formação do bandeirante paulista: “O paulista – e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e regiões do sul – erigiu-se como um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurreto, da tutela longínqua”. Nesse fragmento, o autor explica a origem do bandeirante e lhe atribui caracteres positivos, tais como: tipo autônomo, aventureiro, libérrimo, com feição de um dominador da terra, emancipando-se da tutela longínqua. Essa última menção refere-se aos preceitos culturais e políticos da metrópole.

Em relação às questões físicas na determinação dos caracteres morais dos homens da terra, Euclides da Cunha propõe que o clima mais ameno, se assemelhando ao da Europa, seria um elemento facilitador na fixação do homem a terra. Por outro lado, as condições severas do sertão seriam um empecilho a essa adaptação e um importante elemento na formação moral de um povo.

É o que ele diz a seguir: “Assim é fácil mostrar como essa distinção de ordem física, esclarece as anomalias e contrastes entre o sucesso nos dois pontos do país, sobretudo no período agudo da crise colonial no século XVII.” (CUNHA, 2003b, p. 61) O que dá embasamento a essas proposições são as teorias deterministas de seu tempo. Os ditames teóricos do IHGSP também são elementos que corroboram com essa perspectiva.

Vejamos outro fragmento:

(FRAGMENTO XIII- EC/CN, p. 59)

Além disso – frisemos este ponto escandalizando embora os nossos minúsculos historiógrafos- a disposição orográfica liberta-o da preocupação de defender o litoral, onde aproava a cobiça do estrangeiro.

A serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. A prumo sobre o Atlântico desdobra-se como a cortina de baluarte desmedido. [...] No alto, volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança. Estava sobre ameias intransponíveis que o punham no mesmo passo a cavaleiro do invasor e da metrópole. Transposta a montanha – arqueada como a precinta de pedra de um continente-, era um isolador étnico e um isolador histórico. Anulava o apego irreprimível ao litoral, que se exercia ao norte; reduzia-o a estreita faixa de mangues e restingas, ante a qual se amorteciam todas as cobiças, e alteava, sobranceira às frotas, intangível no recesso das matas, a atração misteriosa da minas...

Em todo o fragmento observa-se a relação criada por Euclides da Cunha relativa às características geográficas e às questões culturais. No fragmento fica clara a valorização da formação geográfica e natural como elemento “explicador” das condições históricas de um evento. Nota-se novamente no escritor-historiador as estratégias argumentativas, apoiadas no positivismo e no determinismo biológico. Nos termos de White (1992), teríamos nessas passagens de Euclides da Cunha um exemplo de “explicação por argumentação formal”, e também de “argumentação por implicação ideológica”, a qual estaria presente na formulação das relações explicativas trabalhadas pelo escritor.

No trecho em que descreve a Serra do Mar, Euclides atribui a ela a anulação do apego ao litoral: “anulava o apego irreprimível ao litoral, que se exerce ao norte [...].” Ao mesmo tempo, “[...] a faixa estreita de mangues e restingas, ante a qual se amorteciam todas as cobiças, [...]”, também apresenta-se o caráter do invasor frente à configuração de relevo e ao bioma, pouco convidativo à exploração e pouco rentável do ponto de vista econômico.

Além disso, o autor encerra ao dizer “[...] atração misteriosa das minas [...]” ao referir-se à corrida do ouro na região das Minas Gerais, ciclo importante para economia colonial. A atração exercida pela região foi maior que o desafio de enfrentar por obstáculos das matas e do cerrado tão hostil aos aventureiros. Vemos então uma implicação ideológica expressa nessas considerações.

Retomando a questão das raças, Euclides da Cunha realiza uma análise sobre a questão da miscigenação no país, também com base nos preceitos deterministas e biológicos:

(FRAGMENTO XIV- EC/CN, p. 73)

Abramos um parêntesis...

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Antes as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o

influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso, o indo-europeu, o negro e o brasílico-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado.

Nesse fragmento, os referenciais deterministas de Spencer estão expressos de maneira clara. As considerações sobre a mestiçagem e seu caráter prejudicial estão anunciadas e refletem o pensamento científico da época: “[...]A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Antes as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior.” Sob forte influência do darwinismo social essas tendências eram proeminentes no final do século XIX. Tratamos desse assunto no capítulo referente à comunidade científica da época.

Nesse momento os delineamentos das análises de Euclides da Cunha alinham-se aos preceitos do IHGSP. Há a discussão sobre o problema da miscigenação, algo controverso nas teorias deterministas e evolucionistas: “[...] A mestiçagem extremada é um retrocesso, o indo-europeu, o negro e o brasílico-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos.” Há uma valorização do caráter dos povos do sul e sudeste em detrimento do homem sertanejo, por vezes, denominado jagunço. Em um outro fragmento, observa-se a influência do positivismo nas análises do autor:

(FRAGMENTO XV- EC/CN, p. 74)

Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso é, incurável. [...] não se compreende que após divergirem extremamente, através de largos períodos entre os quais a história é um momento, possam dois ou três povos convergir, de súbito, combinando constituições mentais diversas, anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo. Como em somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem, não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos ou negativos em presença.

No início do fragmento, o autor expõe apreciações referentes ao desenvolvimento lento e seletivo que evolui em direção ao aperfeiçoamento das raças. Em seguida, o trecho, “como em somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem, não se acrescentam,

subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos ou negativos em presença.” A referência às ciências exatas em relação às somas algébricas é uma forte tendência da filosofia positivista. Abordamos essa questão no capítulo referente à formação escolar de Euclides da Cunha e a filosofia positivista.

Ao longo do seu trabalho de descrição e análise do típico homem brasileiro, sua comparação aponta os caracteres dos homens do sul, que deram origem aos bandeirantes, passando pela análise do vaqueiro gaúcho e, por fim, a do jagunço sertanejo. Inicialmente, essas comparações revelam o caráter diminuto e fraco do jagunço nordestino. Sua análise enaltece e estabelece o caminho que leva à construção da imagem do bandeirante e do sulista como edificadores da nação. Esse argumento da força das raças é reforçado em outro trecho:

(FRAGMENTO XVI- EC/CN, p. 75)

A índole incoerente, desigual e revolta do mestiço, com que denota um íntimo e intenso esforço de eliminação de atributos que lhe impedem a vida num meio mais adiantado e complexo.

Reflete – em círculo diminuto - esse combate surdo e formidável, que é a luta pela vida das raças, luta comovedora e eterna caracterizada pelo belo axioma de Gumpłowicz como a força motriz da história. O grande professor Gratz não a considerou sob este aspecto. A verdade, porém, é que se todo o elemento étnico forte “tende subordinar ao seu destino o elemento mais fraco ante ao qual se acha”, encontra na mestiçagem um caso perturbador. A expansão irresistível de seu círculo singenético, porém, por tal forma iludida, retarda-se apenas. Não se extingue. A luta transmuda-se, tornando-se, mais grave. Volve do caso vulgar, do extermínio franco da raça inferior pela guerra, à sua eliminação lenta, à sua absorção vagarosa, à sua diluição no cruzamento.

E durante o curso desse processo redutor, os mestiços emergente, variáveis, com todas as nuances da cor, da forma e do caráter, sem feições definidas, sem vigor, e as mais das veias inviáveis, nada mais são, em última análise, do que os mutilados inevitáveis do conflito que perdura, imperceptível, pelo correr das idades.

É que nesse caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização.

Nesse fragmento, Euclides da Cunha cita dois teóricos: Gumpłowicz e Gratz. Gumpłowicz é um sociólogo que funda a teoria de que o desenvolvimento da sociedade e da política é baseado na luta das raças, nas quais as mais fortes dominam e vencem as inferiores. Em sua obra *The Outlines of Sociology* (1899), o autor faz referências ao desenvolvimento da Sociologia com base nas teorias e preceitos de Comte e nas questões já citadas sobre a determinação da questão racial sobre a cultura dos homens e das sociedades:

To Auguste Comte unquestionably belongs the honor of having been the first to recognize the real character of sociology. In his "Positive Philosophy" he declared repeated plainly and correctly what this science should be. (GUMFLOWICZ, 1899, p. 23)¹³

O positivismo orienta a influência que o darwinismo social exercia sobre a Sociologia da época, quando se apregoava que as raças superiores superariam as inferiores. Para comentar esses posicionamentos, o autor d`*Os Sertões* argumenta, citando o professor Gratz, que em vez da eliminação da raça superior pela raça inferior, o que ocorre na mestiçagem é a lenta diluição do elemento inferior sobreposto pelo superior. E complementa esse raciocínio atribuindo ao elemento superior os caracteres da civilização e do progresso: "É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização." (CUNHA, 2003b, p. 75)

Vejamos outro fragmento:

(FRAGMENTO XVII- EC/CN, p. 74)

É que nessa concorrência admirável dos povos, evoluindo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, o mestiço é um intruso. Não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma cousa de dispersivo e dissolvente; surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes. A tendência à regressão às raças matrizes caracteriza a sua instabilidade. É a tendência instintiva a uma situação de equilíbrio. As leis naturais pelo próprio jogo parecem extinguir, a pouco e pouco, o produto anômalo que as viola, afogando-o nas próprias fontes geradoras. O mulato despreza então, irresistivelmente, o negro e o procura com uma tenacidade ansiosíssima cruzamentos que apaguem na sua prole o estigma da fronte escurecida; o mamaluco faz-se o bandeirante inexorável, precipitando-se, ferozmente, sobre as cabildas aterradas...

Essa tendência é expressiva. Reata de algum modo, a série continua da evolução, que a mestiçagem partira. A raça superior torna-se objeto remoto para onde tendem os mestiços deprimidos e estes, procurando-a, obedecem ao próprio instinto da conservação e da defesa. É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies; e se toda a sutileza dos missionários tem sido importante para afeiçoar o espírito do selvagem á mais simples concepções de um estado mental superior; se não há esforços que consigam do africano, entregue à solicitude dos melhores mestres, o aproximar-se sequer do nível intelectual médio do indo-europeu – porque todo o homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence e o seu cérebro uma herança-, como compreender-se a normalidade do tipo antropológico que aparece, de improviso, enfeixando tendências tão opostas?

¹³ Tradução nossa: Para Auguste Comte inquestionavelmente pertence a honra de ter sido o primeiro a reconhecer o verdadeiro caráter da sociologia. Em seu "Filosofia Positiva", repetiu plenamente e corretamente o que a ciência deveria ser.

Entretanto, a observação cuidadosa do sertanejo do norte mostra atenuando esse antagonismo de tendências e uma quase fixidez nos caracteres fisiológicos do tipo emergente.

Este fato, que contrabate ao parecer, as linhas anteriores, é a sua contrapova frisante.

Num primeiro momento, o autor descreve sucintamente os referenciais deterministas quando diz “[...] É que nessa concorrência admirável dos povos, envolvendo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, [...]” Nesse fragmento, o autor remete à ideia da evolução das espécies por um processo de quase “seleção natural”. Mas em seguida, emerge de seu discurso o papel que ele aplica ao caráter do sertanejo, quando diz, “[...] o mestiço é um intruso.” O uso do termo “intruso” explica, com base na “argumentação formal” e na “implicação ideológica”, o efeito dessa afirmação no meio científico de onde Euclides “bebia.”

Não trata apenas de cunhar um ponto de vista sobre um povo e uma cultura, mas contrariando os referenciais científicos que apontavam outra direção, o autor segue convicções diferentes sobre a miscigenação no território nacional. No fragmento argumenta sobre a evolução com base na miscigenação a figura do bandeirante, objetivo almejado pelo IHGSP, do qual o autor fazia parte: “[...] uma tenacidade ansiosíssima cruzamentos que apaguem na sua prole o estigma da fronte escurecida; o mamaluco faz-se o bandeirante inexorável, precipitando-se ferozmente sobre as cabildas aterradas... [...]”

Como já dissemos, os referenciais deterministas e evolucionistas orientam as análises do autor, pois, “[...] Reata, de algum modo, a série contínua da evolução, que a mestiçagem partira. A raça superior torna-se o objetivo remoto para onde tendem os mestiços deprimidos estes, procurando-a, obedecem ao próprio instinto de conservação e da defesa. É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies; [...]” Nesse sentido, retoma-se o pilar determinista e descrevem-se suas regras e dogmas nos quais Euclides da Cunha se apoia.

Mais adiante, ficam claras as concepções racialistas que se construíram nas discussões e desdobramentos das teorias deterministas e evolucionistas: “[...] e se toda sutileza dos missionários tem sido impotente para afeição o espírito do selvagem às mais simples concepções de um estado mental superior; se não há esforços que consigam do africano, entregue à solicitude dos melhores mestres, o aproximar-se sequer do nível intelectual médio do indo-europeu – porque todo homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a

que pertence e o seu cérebro uma herança -, como compreender-se a normalidade do tipo antropológico que aparece, de improviso, enfeixando tendências tão opostas?” Noções controversas sobre a superioridade de um tipo humano em relação ao outro ficam expostas nas considerações de Euclides sobre a questão. Corroborada com a perspectiva colaborativa e solícita da figura do europeu na educação e civilização dos “povos inferiores”, concepção essa ainda presente em nossos dias de forma dissimulada.

Ao mesmo tempo, o autor continua reforçando a ideia de superioridade de um povo em relação ao outro. O europeu considerado mais evoluído culturalmente, quanto ao africano desprovido de qualidades. Ao fixar suas bases nessas teorias, questiona o destino da civilização ao dizer, “[...] tipo antropológico que aparece, de improviso, enfeixando tendências tão opostas?”

Ao término do fragmento, o autor atribui ao sertanejo destaque especial ao aproximá-lo da figura mais “evoluída” na comparação das raças quando diz que se origina da “[...] quase fixidez nos caracteres fisiológicos do tipo emergente.” Além disso, Euclides afirma que todas as contradições expostas são, na realidade, contraprovas de suas observações. As colocações do autor são feitas com base em teorias deterministas, operando as categorias analíticas dessas teorias para construir seus resultados e conclusões. Dentre os pressupostos dessas teorias, destacamos: a noção de superioridade do elemento europeu pela unicidade étnica atribuída a origem deste; em contrapartida, a multiplicidade e miscigenação do elemento sertanejo como fato depreciativo e inferiorizador; o estágio atual da evolução de cada cultura, entre outros.

Em relação aos jagunços (os sertanejos nordestinos), o autor aponta que essas caracterizações feitas em relação à fusão das raças, não fizeram com que o elemento superior se sobressaísse ao elemento inferior, a saber, o jagunço nordestino de Canudos. A análise sugere algum tipo de resultado. Para tanto, argumenta que o isolamento foi benéfico:

(FRAGMENTO XVIII- EC/CN, p. 75)

Libertou-os da adaptação penosíssima a um estágio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados. A fusão entre eles operou-se em circunstâncias mais compatíveis com os elementos inferiores, O fator étnico preeminente transmitindo-lhes as tendências civilizadoras não lhes impôs a civilização. Este fator destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões da do litoral. São formações distintas, senão pelos elementos, pelas condições do meio. O

contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples, O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente. [...]

A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada por isto mesmo que não atingiu de repente. (*grifo nosso*)

Ficam claras as proposições de Euclides ao comentar os parâmetros teóricos de sua época e as análises que realiza para engendrar suas conclusões. O autor aborda o cientificismo, suas considerações e conceitos, para desenvolver suas teses. O homem sertanejo está colocado cientificamente na sua proposta teórica como um forte e adaptado às circunstâncias históricas. No trecho sublinhado, o autor faz referências ao elemento étnico para relacioná-lo à superioridade de uma raça em relação à outra. Aponta a raça inferior (o jagunço nordestino) como não sendo destruída pela civilização que está representada pela raça superior, já que o isolamento no interior proporcionou, “a sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando.” (CUNHA, 2003b, p. 75)

Assim, o autor faz uma distinção entre o homem do sul, o nortista do litoral e o jagunço do nordeste que vive no sertão. Esse último destaca-se daqueles do litoral pelas condições históricas determinadas pelas questões étnicas e científicas. Por fim, o autor compara-os da seguinte maneira: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.” (CUNHA, 2003b, p. 77)

É importante observar a oposição entre o sertanejo, visto com um forte, e os mestiços do litoral, vistos com neurastênicos. Essa oposição sugere, ao menos do ponto de vista retórico, na construção da asserção, certa oposição que sugere uma mestiçagem diferente do sertanejo. De acordo com as análises da configuração racial do povo brasileiro a partir da fusão de culturas e raças, o autor deu importância especial às teorias que se justificam pelo evolucionismo e pelo estágio em que se encontra a civilização oriunda de tais povos. A oposição coloca lados diferentes, níveis variados de mestiçagem que, do ponto de vista de Euclides da Cunha, servem para reverter o quadro associado à fragilidade do jagunço, ao mesmo tempo em que revela sua autenticidade como matriz de um povo.

A partir dessas distinções, Euclides da Cunha empenha-se em retratar o jagunço sertanejo a fim de evidenciar o seu revés em relação ao projeto do IHGSP:

(FRAGMENTO XIX - EC/CN, p. 77)

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhes a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasiomodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-os a postura normalmente abatida num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quanto parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo- cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o home permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene em tudo: na palavra remorada, o gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e a quietude. Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros passantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperavelmente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (Grifo nosso)

Num primeiro momento, as aparências do sertanejo iludem aqueles que se orientam pelas características físicas para compreender as questões que dão a uma etnia o legado da civilização, tais quais as teorias que Euclides da Cunha tanto citava e utilizava em suas análises. A aparência é um engano, o que revela uma certa ambiguidade nessas mesmas teorias raciais que buscavam caracterizar os homens pela suas configurações genéticas:

formação do crânio, a altura, a cor, entre outros, que são encontradas nos trabalhos de Lombroso, por exemplo.

Essa primeira parte do fragmento é precisa na descrição negativista do sertanejo a partir de seus caracteres físicos. Entretanto, ao adentrar nas questões psíquicas e psicológicas há uma reversão que aponta uma grande mudança de posicionamento. O sertanejo ganha atributos positivos, tais como: “e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros passantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte.” Em função de uma necessidade imediata esses caracteres positivos despontam no sertanejo que, “repona, inesperavelmente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.”

Contrariando as orientações do IHGSP, quanto à definição do bandeirante paulista como edificador da nacionalidade brasileira, Euclides da Cunha realiza um trabalho que analisa o papel do bandeirante, mas ao mesmo tempo, refaz o percurso legando ao homem sertanejo o papel e o caráter de autenticidade que o IHGSP tanto almejava para o bandeirante. Esse aspecto marca, de uma certa maneira, uma característica da subjetividade e da identidade do autor que, apesar de formado e influenciado pelos ditames do IHGSP e das ideias de seu tempo, se posicionava frente à realidade que observou traçando seu próprio caminho e suas próprias ideias.

Passaremos agora a tratar do caráter historiográfico da escrita de *Os Sertões*.

5.4 Os fragmentos do discurso historiográfico

Nessa etapa faremos as análises que compõem a matriz discursiva da História na obra *Os Sertões*. E em primeiro lugar, podemos considerar a questão do modo de organização narrativo naquilo que se relaciona com a função de escritor-narrador, escritor-historiador e as competências exigidas dos leitores em relação a esse tipo de modo de organização discursiva. (CHARAUDEAU, 2010) Observe-se que, nesse caso, estamos lidando não apenas com as relações interdiscursivas, as matrizes, mas como a maneira através da qual o sujeito comunicante Euclides da Cunha trabalha, organiza, seu discurso. Sobre esse trabalho de organização discursiva, Charaudeau nos esclarece que

O *projeto de escritura* pode ser anunciado pelos próprios autores nos prefácios, preâmbulos, advertências, ou mesmo títulos de obras. Em sua maioria, em se tratando principalmente de obras literárias, o projeto de escrita é explicitado posteriormente em ensaios críticos ou em textos diversos. [...] Um historiador que organiza a representação da história contada da maneira mais objetiva possível, mais próxima dos fatos da realidade, utilizando arquivos, testemunhos e documentos. (CHARAUDEAU, 2010, p. 186)

Em sua nota preliminar que analisaremos posteriormente, Euclides da Cunha revela sua preocupação com a escrita da História e os “historiadores do futuro.” Além disso, apoia-se nos estudos de Gumplowicz e Taine para estruturar e referendar sua posição. Nesse sentido, o leitor é convidado a prosseguir em uma situação na qual é convocado e receber e verificar a narrativa como história real.

Além de anunciar o caráter historiográfico de sua narrativa em sua nota preliminar, Euclides da Cunha coloca referências científicas e historiográficas que reforçam o “efeito historiográfico” (gripo nosso) e estruturam sua narrativa. Sua proposta é a de que sua narrativa foi construída com bases objetivas e atestada pela metodologia de suas convicções e posições teóricas da História. Seu trabalho foi concebido com base no seu próprio testemunho e de outros personagens/testemunhos, e se organiza com base numa narrativa fiel à realidade.

No início da obra o autor em seu prefácio revela alguns sinais de suas influências teóricas na construção das hipóteses que serão apresentadas no texto. Assim, Euclides nos diz em sua nota preliminar da primeira edição:

(FRAGMENTO XX- EC/H, p. 9-10):

Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade, remorada a sua publicação em virtude de causas que temos por escusado apontar.

Demos-lhe, por isto, outra feição, tomando apenas variante de assunto geral o tema, a princípio dominante, que o sugeriu.

Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazêmo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tomam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra.

O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas.

Primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes, porém, uma situação de parada, o equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo.

A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "força motriz da História" que Gumpowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes. A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico, dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã — tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica — o tempo.

Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.

E foi, na significação integral da palavra, um crime.

Denunciemo-lo.

E tanto quanto o permitir a firmeza do nosso espírito façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a História como ela merece:

“il s’ irrite contre les demi vérités que sont des demi faussetés, contre les auteurs qui n’altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les moeurs, qui gardent le dessin des événements et en changent la couleur, qui copient les faits et défigurent l’âme; il veut sentir en barbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, en ancien. ”

Euclides da Cunha, São Paulo, 1901

(CUNHA, 2003b, p. 9-10)

Logo no início de sua nota preliminar, o autor revela que a obra trata, em princípio, da história da campanha de Canudos. O autor também demonstra uma certa preocupação com o legado que a obra poderia produzir nos historiadores do futuro: “Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil.”

Nesse sentido, o autor demonstra preocupação com o desenvolvimento histórico do país apontando a miscigenação e imigração como fator de grave preocupação e revelador de instabilidade na mistura das raças. Neste trecho, está exposta uma parte de seu argumento que perpassa a obra e que é relativo às influências raciais.

Euclides da Cunha dá destaque especial a sua análise das raças do nordeste e do interior do país: “O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas.” O autor ainda complementa dizendo que

esses tipos brasileiros se formaram a partir de variados cruzamentos e que serviram à formação de uma grande raça. E ainda, preconiza, afirmando que, “retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo.”

Para referendar toda essa asserção sobre a força das ideias raciais de sua época, Euclides da Cunha recorre à citação dos balizamentos de Gumpłowicz: “A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável ‘força motriz’ da história que Gumpłowicz, maior que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes.”

Essa noção orienta todo o trabalho de análise que o autor realiza na caracterização do sertanejo. Assim como Buckle, na teoria que estipula os estudos sobre uma cultura contemplando o ambiente, a integração do homem a esse ambiente. pode-se compreender a cultura e a história desse povo. Por seu turno, Gumpłowicz acredita no domínio da “raça superior” sobre a “raça inferior”. Nesse sentido, a civilização avança de acordo com o domínio das culturas civilizadas e superiores sobre as demais.

No trecho seguinte, o autor expõe a relação entre o litoral e o interior. O habitante do litoral é caracterizado como “vivendo parasitariamente à beira do Atlântico”, e influenciado pelos princípios fundadores e civilizadores vindos da Europa. Aqui está exposta mais uma faceta das indicações iniciais de Gumpłowicz da dominação da cultura inferior pela superior.

Por fim, ao término de sua nota preliminar à primeira edição de 1902, Euclides da Cunha retoma a palavra lembrando que o conflito foi “um crime”. Para tanto, apoia-se nos conceitos e orientações metodológicas de Hypolite de Taine, teórico que preconizava sua historiografia positivista e determinista como uma disciplina objetiva calcada pela clareza e como um registro fiel dos acontecimentos do passado.

Assim, “ il s’ irrite contre les demi vérités que sont des demi faussetés, contre les auteurs qui n’altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les moeurs, qui gardent le dessin des événements et en changeant la couleur, qui copient les faits et défigurent l’âme; il veut sentir en barbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, en ancien. ”¹⁴ Essa

¹⁴ (Tradução nossa: Ele se irrita contra meias verdades que são meias mentiras, contra autores que não alteram uma data, ou uma genealogia, mas distorcem os sentimentos e hábitos, que mantêm o desenho dos eventos e

justificativa, perante as posições que Euclides da Cunha assume em *Os Sertões*, é anunciadamente balizada no mais estrito cientificismo calcado na objetividade da disciplina histórica.

Nesse sentido, partilhando dos preceitos do IHGSP e dos referenciais científicos de sua época, o autor pode, ao mesmo tempo, realizar caminho diverso daquele que essas influências sugeriram na formulação de suas análises e conclusões. Com base nessa referência historiográfica, o autor se deparou com uma realidade que buscou registrar e compreender tendo a intenção de não distorcer os fatos.

A referência a Hypolite de Taine se alinha às teorias que preconizavam o conhecimento histórico como um conhecimento objetivo, longe da subjetividade e influenciado pelo positivismo e darwinismo social. Em uma das partes Euclides da Cunha afirma no título do seu tópico que a região é um paraíso dos geólogos. Desta forma, encontramos uma grande descrição de formações rochosas, acomodação de terrenos, que segundo a apreciação do autor, seria um paraíso para aqueles que se dedicam aos estudos sobre a geologia.

Esse estilo de construção da narrativa n`*Os Sertões* é bastante perpassado pelas correntes científicas de sua época, conferindo-lhe um estilo e uma “identidade” múltipla. A obra de Euclides da Cunha transita em campos distintos. O conhecimento que se tem sobre a guerra de Canudos, por exemplo, em grande medida, apoia-se na obra *Os Sertões*. Seu cuidado na abordagem dos relatos e na metodologia da História, que por vezes ele anuncia em seu texto, deu uma grande credibilidade a sua narrativa.

Como que confirmando o valor historiográfico d`*Os Sertões*, alguns personagens do conflito, sobreviventes da guerra, afirmavam que tudo o que foi dito por Euclides da Cunha estava absolutamente conforme o que ocorreu, não tendo nada mais a acrescentar. Foi isso que disse o general Abílio de Noronha sobre a guerra de Canudos. (GALVÃO, 2009) Vejamos agora um fragmento de uma das notas do autor em relação às críticas que recebeu quando de sua primeira edição:

(FRAGMENTO XXI – EC/H, p. 9)

[...] Mercenários inconscientes” (pág. 9)

mudam as cores, que copiam os fatos e desfiguram a alma: ele quer se sentir bárbaro entre os bárbaros, e entre os mais velhos, um ancião.)

Estranhou-me a expressão, mas devo mantê-la; mantenho-a. Não tive o intuito de defender os sertanejos porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque.

Ataque franco e devo dizê-lo, involuntário. Nesse investir, aparentemente desafiador, com os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvatiquezas, obedeci ao rigor incoercível da verdade, ninguém o negará.

E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever história da guerra de Peloponeso - porque eu também, embora sem a mesma visão aquilina, escrevi:

“sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras.”

Sem dúvida as primeiras impressões da época faziam críticas à “defesa” que Euclides da Cunha fazia dos sertanejos. As críticas vinham daqueles que consideravam pesaroso um ex-oficial do exército tecer comentários negativos ao trabalho e à vitória dos compatriotas. Vejamos um dos críticos de Euclides da Cunha em relação a esse aspecto apontado exposto no jornal *Correio da Manhã* de 3 de fevereiro de 1903:

E tão pródigo, na defesa dos patrícios de Canudos, ao ponto de julgar a extraordinária campanha dos sertões da Bahia, “na significação integral da palavra, um crime” - admira que Euclides, à pág. 186, escreva: “antes da vinda do Conselheiro, já o lugarejo obscuro – cujo nome claramente se explica – tinha, como o maioria dos que jazem desconhecidos pelos nossos sertões, muito germens da desordem e do crime”. Porque o propugnador da inocência dos jagunços, assim não os defende. Todavia, como não profligar o proceder “dos matutos vadios”, se eles, no dizer do talentoso Euclides, imaginaram a aldeia de Canudos na altura de “lugar sagrado murado pelas montanhas onde não penetraria a ação do governo execrado”?... Mas eu não sei como o antigo tenente do Estado-Maior harmoniza ou imprime unidade aos conceitos, que lhe saem da pena. (GUIMARÃES, 1903)

Nesse fragmento crítico de Moreira Guimarães observamos a reflexão sobre o ponto de vista esboçado por Euclides da Cunha. É importante citar que José Maria Moreira Guimarães esboçou essa crítica ao trabalho de Euclides da Cunha no jornal *Correio da Manhã* em 3 de fevereiro de 1903. Moreira Guimarães completou o curso de artilharia na Escola Militar do Rio de Janeiro. Além disso, era engenheiro, bacharel em Matemática, em Ciências Físicas e Naturais, além de médico (GALVÃO, 2009). Vê-se claramente a crítica descontente com o trabalho de Euclides da Cunha no que diz respeito à caracterização dos jagunços de Conselheiro e ao próprio Antônio Conselheiro.

No trecho em que enfatiza a antiga patente de Euclides da Cunha, Moreira Guimarães vê uma certa incongruência na antiga patente e a análise que o autor de *Os Sertões* faz da ação do exército brasileiro. A ênfase na patente de Euclides reforça a contradição na crítica que o autor faz em relação à ação do exército, caracterizada como “crime”.

Esforçando-se por justificar o movimento armado de Canudos contra a República, tem ele frases como esta: “Por que não pregar contra a República?” Entretanto, não se esquecer de lembrar, à pág. 209: Antonio Conselheiro “pregava contra a República; é certo”. Porém aquela revolta de Canudos, “Não traduzia o mais pálido intuito político.” E por quê?

Por esta razão cabalística: “o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana com a monárquico-constitucional”.

De sorte que está a explodir uma revolução. Fere-se a luta sanguinolenta. Derrubam-se tronos... E como a generalidade dos cidadãos pouco percebe, pela insuficiência de capacidade política, os grandes problemas da organização social; porque a massa popular ignora os segredos quer da forma republicana, quer da monárquico-constitucional – não traduz a ação dos patriotas “o mais pálido intuito político?”

Ao examinar essa interrogativa, não pode o meu caro Euclides da Cunha ocultar o desgosto, que lhe há de vibrar na alma, por haver escrito proposições insustentáveis, belas frases de efeito em que a verdade prima pela ausência. (GUIMARÃES, 1903)

A crítica destinada a Euclides da Cunha vai de encontro ao seu passado como militar e defensor dos ideais republicanos. Moreira Guimarães critica os comentários que o autor fez sobre questões políticas que poderiam ter incitado a revolta em Canudos: “Por que não pregar contra a República?” Entretanto, não se esquece que, conforme a pág. 209: d’*Os Sertões*, Antônio Conselheiro “pregava contra a República; é certo”.

Inicialmente, a opinião pública da época dava conta de que o levante era de orientação monarquista e contra a República. Nessa perspectiva, Moreira Guimarães ataca os argumentos de Euclides quanto à natureza política da revolta, apontando contradições nas análises do autor. Por fim, termina questionando as proposições e a retórica vazia de suas teses: “Ao examinar essa interrogativa, não pode o meu caro Euclides da Cunha ocultar o desgosto, que lhe há de vibrar na alma, por haver escrito proposições insustentáveis, belas frases de efeito em que a verdade prima pela ausência.”

Em outro trecho, Moreira Guimarães tece comentários sobre a forma com que Euclides da Cunha abordava o caráter desses homens de Conselheiro e suas ações:

Diz ele sobre os desventurados jagunços, à pág. 213: “Eram, realmente, fragilíssimos aqueles pobres rebelados... Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta. Entretanto, enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala.” E sem dúvida esquecera o ousado pensador que, à pág. 199, lhe rolou do bico da pena esta narrativa esmagadora: “Em dilatado raio, em torno de Canudos, talavam-se fazendas, saqueavam-se lugarejos, conquistavam-se cidades! No bom Conselho, por exemplo, um horda atrevida, depois de se apossar da vila, pô-la em estado de sítio, dispersou as autoridades, a começar pelo juiz da comarca e, como entreato hilariante na razia escandalosa, torturou o escrivão dos casamentos que se viu em palpos de aranhas, para impedir que os crentes sarcásticos lhe abrissem, tosquiando-o, uma coroa larga, que lhe justificasse o invadir as atribuições sagradas do vigário.”[...] Mercenários... A palavra está, à pág. VI, e eu quisera acreditar que ela não fora escrita pelo antigo militar, temperamento de artista, organização republicana. Porque, bastante lido em coisa da guerra, deve saber o ex-companheiro de armas que mercenários são os soldados estrangeiros estipendiários. (GUIMARÃES, 1903)

A crítica de Moreira Guimarães às posições de Euclides são bastante fortes. Critica a postura e a autoridade de suas ideias quando se refere a ele, ironicamente, como, “[...] ousado pensador [...]”. Citando partes d’*Os Sertões*, verifica as contradições da análise feita em relação às qualificações que o autor fez dos jagunços: “[...] pobres rebelados[...]”. Em seguida, revela, em outros trechos, que o mesmo autor realiza narrativas que contradizem essas qualificações: “[...] talavam-se fazendas, saqueavam-se lugarejos, conquistavam-se cidades!” Por fim, questiona o termo utilizado por Euclides em relação às ações das tropas federais em Canudos.

Portanto, a resposta de Euclides da Cunha se faz em meio às críticas como esta, que em certo sentido, são embasadas e contundentes quanto às avaliações que o escritor proferiu. Ao citar a marca dos armamentos utilizados pelo exército, faz uma ironia com aquilo que chamou de diplomacia da “bala”. Vê-se que o autor combateu as reações e, provavelmente, sabia de antemão que sofreria duras críticas como esta. Cita uma fala de Tucídides sobre a guerra do Peloponeso para referendar que sua obra não é uma obra de defesa dos jagunços, mas uma obra de ataque aos desmandos da República. Da mesma forma, sua resposta é contundente, embasando-se nas referências científicas e históricas.

Retomando a descrição da estrutura da obra, na primeira parte, “A terra”, identificamos as questões preliminares que nortearão as análises de Euclides da Cunha referentes a Geologia, Botânica, Climatologia, Antropologia, entre outros. Em uma das partes desse tópico, encontramos uma análise do clima da região e suas características, contendo um estudo que

atribui à relação entre os homens e a natureza, as causas prováveis de um processo de “desertificação” e “savanização” da região, no tópico intitulado “como se faz um deserto”, aliás esse tema mostra-se bastante atual.

Nessa etapa, o autor aponta as possíveis causas da desertificação de algumas regiões com base em alguns estudos de Orville Derby (SANTANA, 1999) que denunciava igualmente a desertificação do interior paulista motivada pela expansão agrícola desenfreada e da pecuária, inicialmente sinalizadas pelo avanço dos bandeirantes no interior do país. Euclides deu atenção ao assunto da seguinte maneira:

(FRAGMENTO XXII- EC/H, p. 59):

O paulista – e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e regiões do sul, - erigiu-se com um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se insurreto, da tutela longínqua e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopéia inédita das “bandeiras”.

Observa-se a descrição na qual há uma oposição entre os moradores do litoral e do interior brasileiro. A emancipação da tutela longínqua refere-se à cultura europeia e a relação com a metrópole. O trabalho do bandeirante é comparado a uma epopeia heróica e desbravadora. Esse processo alinha-se aos objetivos do IHGSP e o desejo de encontrar o verdadeiro edificador da nação brasileira. Entretanto, há a ideia de que o bandeirante também foi o causador do processo de desertificação de algumas regiões do estado de São Paulo, tese reforçada por Orville Derby. Ao mesmo tempo, esses caracteres são apreciações positivas desse personagem qualificado como “dominador da terra”, “rebelde” e “libérrimo”.

Na parte intitulada “O Homem”, Euclides da Cunha desenvolve as reflexões sobre as determinações do meio à formação dos caracteres físicos, morais e culturais. Nessa etapa, é feita uma análise que podemos chamar de uma espécie de “genealogia dos jagunços”, passando pela ação dos bandeirantes até os povoamentos do norte. Toda essa análise é baseada nas premissas deterministas e nas noções de *poligenia* e *monogenia* (SCHWARCZ, 2012), que vimos no capítulo sobre a matriz discursiva das ciências naturais na obra. Há também a distinção entre as populações do norte e do sul e das populações do litoral e do interior.

Na sua reflexão, o autor afirma que as populações do litoral foram dominadas pela cultura europeia que, por ser considerada uma cultura e etnia superior, dominou a raça e a cultura inferior. No caso dos habitantes das regiões mais interiores do país, o isolamento não lhe permitiu ser dominado pelos habitantes das porções litorâneas, tornando-os mais fortes e originais.

A miscigenação é descrita como um fator problemático na formação do povo, mas ao mesmo tempo, o autor consegue estabelecer o elo que liga o homem do interior do nordeste brasileiro as suas origens étnicas. Tudo isso é alinhavado pelos preceitos deterministas e positivistas, como vimos em alguns fragmentos no tópico das ciências naturais.

Ao mesmo tempo, Euclides da Cunha relaciona as questões geográficas às demais questões raciais de sua época, obedecendo determinações científicas que postulam a preponderância das características geográficas sobre o desenvolvimento da cultura e da história dos povos. No tópico relativo à análise dos fragmentos da matriz discursiva das ciências naturais na obra, verificamos a descrição que o autor realizou atribuindo à geografia da região certos caracteres humanos que, na sua análise teórica, contribuíram para a delimitação das feições da cultura brasileira.

Vejamos esse fragmento no qual Euclides da Cunha analisa o relevo da região sudeste e a interação com o homem, para explicar a ocupação da região e posterior desbravamento do território brasileiro:

(FRAGMENTO XXIII- EC/H, p. 59-60):

[...] o seu relevo essencial torna-a um condensador de primeira ordem, no precipitar a evaporação oceânica.

Os rios se derivam pelas suas vertentes nascem de algum modo no mar.

Rolam as águas num sentido oposto à costa. Entranham-se no interior, correndo em cheio par os sertões. Dão ao forasteiro a sugestão irresistível das entradas.

A terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios.

Daí o traçado elonquentíssimo do Tietê, diretriz preponderante nesse domínio do solo. Enquanto no são Francisco, no Parnaíba, no Amazonas, e em todos os cursos d'água da borda oriental, o acesso para o interior seguia ao arripio das correntes, ou embatia nas cachoeiras que tombam dos socacos dos planaltos, ele levava os sertanistas, sem uma remada, para o rio Grande e daí o Paraná e ao Parnaíba. Era a penetração em Minas, em Goiás, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso, no Brasil inteiro. Segundo estas linhas de menos resistência, que definam os lineamentos mais

claros da expansão colonial, não se opunham, como ao norte, renteando o passo às bandeiras, a esterilidade da terra, a barreira intangível dos descampados brutos.

Assim é fácil mostrar como essa distinção de ordem física esclarece as anomalias e contrastes entre os sucessos nos dois pontos do país, sobretudo no período agudo da crise colonial, no século XVII. (Grifo nosso)

No fragmento, “Entranham-se no interior, correndo em cheio para os sertões. Dão ao forasteiro a sugestão irresistível das entradas [...]”, encontramos o argumento das determinações que o território exerce sobre os homens e sua história, de acordo com as postulações de Gumplovicz e Buckle. Num momento seguinte, o autor atribui à terra características humanas, como podemos observar no trecho seguinte: “A terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios.” Ao mesmo tempo em que expõe suas posições teóricas nas análises que realiza sobre a terra, o autor também utiliza-se de certo lirismo ao tratar das descrições e qualificações sobre os fatos, a paisagem e os homens.

Desenvolvendo suas análises e descrições sobre a paisagem e a história da ocupação do território, o autor enriquece sua narrativa e sua descrição evidenciando as diferenças entre as formas de relevo e da hidrografia do nordeste e do sudeste brasileiro com causa e explicação da relativa facilidade de ocupação de um em relação ao outro: “Enquanto no São Francisco, no Parnaíba, no Amazonas, e em todos os cursos d’água da borda oriental, o acesso para o interior seguia ao arrepio das correntes, ou embatia nas cachoeiras que tombam dos socos dos planaltos, ele levava os sertanistas, sem uma remada, para o rio Grande e daí o Paraná e ao Parnaíba. Era a penetração em Minas, em Goiás, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso, no Brasil inteiro.” Nesse sentido, o autor faz referência às dificuldades de ocupação do território brasileiro pelos bandeirantes nas regiões do cerrado, em comparação àqueles que desbravaram o vale do rio Tietê, pois o referido vale e as características do rio Tietê foram facilitadores e integradores naturais dos homens à região.

Ao final do fragmento, encontramos outra análise que reforça e complementa seu ponto de vista: a facilidade da transposição da região em relação ao aspecto geográfico foi um facilitador para o bandeirante paulista avançar sobre a região oeste e o Vale do Tietê. Enquanto por outro lado, as regiões mais acidentadas e estéreis, como o sertão e o interior do planalto central, foram submetidas a investidas mais duras. O desenvolvimento da ocupação e da sociedade erguida nessas regiões de difícil ingresso explica as disparidades entre ambas:

“Assim é fácil mostrar como essa distinção de ordem física esclarece as anomalias e contrastes entre os sucessos nos dois pontos do país [...]”

Nesses fragmentos, observamos o esforço do autor em dar explicações sobre os fatos operando as categorias de White (1992): “explicação por argumentação formal”, a qual todo historiador está implicado no processo de responder aos “porquês” das questões testemunhadas e narradas, por outro lado, revela sua “argumentação por implicação ideológica”, quando baliza-se pelos referenciais deterministas e historiográficos de Gumplovicz, Bukle, alinhavados pelo paradigma positivista.

Ainda nessa etapa, é importante assinalar e ressaltar o tratamento que o autor dá as considerações sobre Antônio Conselheiro e seu messianismo. Sua análise avalia o comportamento dos sertanejos em relação à questão religiosa. Euclides da Cunha aponta Antônio Conselheiro como produto do meio e como possuidor de algumas virtudes que são enaltecidas na reflexão do escritor. Euclides da Cunha, para caracterizar sua apreciação sobre o caráter religioso do sertanejo e de Antônio Conselheiro, realiza uma análise da formação histórica e cultural da região como podemos observar no fragmento abaixo:

(FRAGMENTO XXIV- EC/H, p. 91):

Considerando as agitações religiosas do sertão e os evangelizadores e messias singulares, que, intermitentemente, o atravessam, ascetas mortificados de flagícios, encaçados sempre pelos sequazes numerosos, que fanatizam, que arrastam, que dominam, que endoidecem—espontaneamente recordamos a fase mais crítica da alma portuguesa, a partir do final do século XVI, quando, depois de haver por momentos centralizado a História, o mais interessante dos povos caiu, de súbito, em decomposição rápida, mal disfarçada pela corte oriental de D. Manoel. O povoamento do Brasil fez-se, intenso, com D. João III, precisamente no fastígio de completo desequilíbrio moral, quando “todos os terrores da Idade Média tinham cristalizado no catolicismo peninsular.” (*grifo nosso*)

No fragmento acima, Euclides da Cunha reporta-se às origens da colonização portuguesa no Brasil e seu caráter cultural vinculando às questões religiosas. Em certo sentido, refere-se ao traço característico do processo como atraso ou desequilíbrio moral, “[...] precisamente no fastígio completo desequilíbrio moral, [...] os terrores da Idade Média tinham cristalizado no catolicismo peninsular.”

Assim, justificam-se as repetidas aparições de Messias e líderes religiosos que marcam a região em função desses elementos culturais descritos na formação histórica da região. Sua caracterização do caráter religioso do sertanejo é realizada através de uma apreciação pejorativa desse elemento, como nos fragmentos: “[...] agitações religiosas do sertão e os evangelizadores”, que são caracterizados como, “[...] mortificados de flagícios”, e que conseguem dominar, pois, “[...] que fanatizam, que arrastam, que dominam, que endoidecem [...]”.

O autor ainda complementa sua análise ao relatar os influxos de populações que povoaram a região. Vejamos nesse outro fragmento:

(FRAGMENTO XXV- EC/H, p. 91 - 2):

Trouxeram-na as gentes impressionáveis, que afluíram para a nossa terra, depois de desfeito no oriente o sonho miraculoso da Índia. Vinham cheias daquele misticismo feroz, em que o fervor religiosos reverberava à cadência forte das fogueiras inquisitoriais, lavrando intensas na Península. Eram parcelas do mesmo povo que em Lisboa, sob a obsessão dolorosa dos milagres e assaltado de súbitas alucinações, via, sobre o paço dos reis, ataúdes agoureiros, línguas de flamas misteriosas, catervas de mouros de albornozes brancos, passando processionalmente; combates de paladinos nas alturas...[...] segundo o dizer vigoroso de Oliveira Martins, procurava, ante a ruína iminente, como salvação única, a fórmula superior das esperanças messiânicas. (*grifo nosso*)

Ao perfazer suas análises sobre o caráter messiânico do sertanejo, Euclides da Cunha estabelece que o estágio civilizatório, marcado pelas determinações históricas ligadas ao povoamento e colonização, nos submetem às mais retrógradas expressões de religiosidade atrasada e messiânica. O autor classifica como “[...] idealização, na mesma insânia, no mesmo sonho doentio, as multidões crendeiros.” (CUNHA, 2003, p. 91)

No fragmento “parcelas do mesmo povo que em Lisboa, sob a obsessão dolorosa dos milagres e assaltado de súbitas alucinações [...]” revela-se a matriz desse catolicismo messiânico que tanto o autor condena na formação da cultura nacional com a qual o sertanejo estava amalgamado. As considerações feitas em relação à descrição das visões e crenças dos povos revela toda uma caracterização negativa e enriquecida de elementos metafóricos: “[...] sobre o paço dos reis, ataúdes agoureiros, línguas de flamas misteriosas, catervas de mouros de albornozes brancos, passando processionalmente; combates de paladinos nas alturas.” E fechando com a fala de Oliveira Martins faz referência a sua crítica dura ao papel exercido

pelos povos e culturas banhadas pelo “religiosismo” exacerbado que só ofuscava a visão e atrasava o progresso.

Não podemos deixar de mencionar Antônio Conselheiro como exemplo dessa figura de messianismo com que Euclides da Cunha tenta estabelecer um elo. Essa característica da formação cultural seria uma prévia análise do surgimento e legitimidade da figura de Conselheiro na construção do Arraial de Canudos, uma das razões pelas quais o conflito desenvolveu-se na Bahia. Não obstante, podemos observar a caracterização que o autor realiza acerca da figura histórica de Conselheiro. Vejamos:

(FRAGMENTO XXVI- EC/H, p. 96):

É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária – Antônio Conselheiro...

A imagem é corretíssima.

Da mesma forma que o geólogo interpretando a inclinação e a orientação dos trançados de antigas formações esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos nevróticos vulgares. Pode se incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas posto em função do meio, assombra. É uma diátese, e é uma síntese. (grifo nosso)

Após a apresentação de suas teses sobre o caráter da cultura e dos povos na formação histórica de um povo, Euclides da Cunha caracteriza Antônio Conselheiro: “É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária – Antônio Conselheiro.” Curiosa analogia ele faz ao propor relação entre o trabalho de um geólogo na interpretação dos contornos das montanhas com o trabalho do historiador para delinear os traços psicológicos de Conselheiro evidenciando sua metodologia histórica e sua vertente determinista na qual se apoia: “[...] Da mesma forma que o geólogo, [...] o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem. [...], considerando a psicologia da sociedade que o criou [...].”

Tal relação pode ser explicada pelo seu caráter intelectual e sua formação, como já apontamos no capítulo dedicado a sua trajetória escolar e profissional: engenheiro militar da Escola Superior de Guerra com currículo fortemente influenciado e permeado pelo ideário positivista.

Ao final do fragmento, observamos as suas considerações sobre a interação entre o pregador religioso e o meio, “[...] Mas posto em função do meio, assombra. É uma diátese, e é uma síntese.” Interessante constatação é o uso do termo diátese para se referir à predisposição do organismo para contrair determinadas enfermidades e o uso desse termo para “analogizar” à questão do messianismo em Canudos. Tal analogia é uma forma de tornar o argumento relativo às características de Conselheiro mais eficiente, na medida em que está alinhado pelas referências científico-naturais, que criam um efeito erudito à argumentação e a qualificação do personagem.

Na parte final, “A Luta”, observamos uma progressão cronológica de acordo com o desenvolvimento da ação militar e suas respectivas expedições. Para tanto, faremos a seleção de fragmentos obedecendo ao critério de levantamento das batalhas que tratam das primeiras expedições mal sucedidas das tropas do governo e da batalha final que dá conta da derrota dos jagunços de Conselheiro. Tal seleção justifica-se para que seja apresentada uma noção do todo do conflito armado narrado pelo autor e permitir ordenação temporal acerca do desenrolar da guerra.

Desta forma, o referido capítulo, “A Luta”, está assim dividido:

- Na primeira parte, aponta os antecedentes mais imediatos do conflito, expondo as causas mais próximas do conflito que se aproximava. Diante dos primeiros fracassos sofridos pelas tropas do governo, o autor abre uma seção para tratar da contra-ofensiva do exército e, por fim, analisa a fragilidade e a falta de autonomia dos soldados e dos oficiais ao lidar com os jagunços de Conselheiro.
- Na segunda parte, trata da Travessia do Cambaio, trecho em que se desenvolveria uma das grandes batalhas do conflito no sertão. Nessa passagem, o autor faz uma narração do combate em Monte Santo e do segundo encontro com os jagunços, em que se opera um “novo milagre de Conselheiro”.
- Na terceira parte, o autor aborda a expedição do Coronel Antônio Moreira César. Nessa etapa da narrativa o autor faz a narração das batalhas apontando alguns erros e o final trágico da debandada dos soldados ao constatar a derrota.
- Na quarta parte, Euclides da Cunha narra a quarta expedição que, nas suas palavras, “organizou-se através de uma comoção nacional.” Entretanto, apesar de tal comoção também foi um desastre. Essa parte do trabalho trata basicamente da batalha chefiada pelo

General Claudio do Amaral de Savaget e, posteriormente, a batalha conduzida pelo general General Miguel Maria Girard e a porteiro colaboração do Marechal Carlos Machado Bitencourt.

- Na quinta parte, o autor trata do acampamento de Queimadas, que foi base das tropas para mobilização à batalha. Nessa etapa da narrativa, o conflito começa a apontar um novo rumo com a derrota dos jagunços, a morte de Conselheiro e o final trágico com o massacre dos defensores de Canudos.

- Na última parte, intitulada “últimos dias”, o autor faz saber dos momentos finais do conflito, relatando depoimentos de testemunhas e sobreviventes, além da elaboração de sua análise que classifica o conflito como um massacre.

No início da parte “A Luta”, aborda o incidente entre o arraial de Canudos e a cidade de Juazeiro em um negócio de compra de madeiras para a construção do arraial. A caatinga não podia fornecer madeira para a construção do povoado. Em razão disso, o arraial de Canudos fez uma compra de madeira na cidade de Juazeiro. O juiz da cidade não cumpriu com o trato não entregando a encomenda à Conselheiro. O distrato das autoridades de Juazeiro quanto a entrega do material, fez com que Conselheiro buscasse os materiais à força.

Para tratar da questão, Euclides da Cunha examina cuidadosamente os documentos oficiais para descrever os fatos que provocaram a discordância entre Juazeiro e Canudos. Vejamos no fragmento abaixo:

(FRAGMENTO XXVII- EC/H, p. 139-140):

O caso passou em dias de outubro de 1896.

Historiemos, adstritos a documento oficiais:

Era esta a situação quando recebi do Dr. Arlindo Leoni, Juiz de Direito de Juazeiro, um telegrama urgente comunicando-me correrem boatos mais ou menos fundados de que aquela florescente cidade seria por aqueles dias assaltada por gente de Antônio Conselheiro, pelo que solicitava providências para garantir a população e evitar o êxodo que da parte dessa já se ia iniciando. Respondi-lhe que o governo não podia mover força por simples boatos e recomendei, entretanto, que mandasse vigiar as estradas em distância e verificando o movimento dos bandidos, avisasse por telegrama, pois o governo ficava prevenido para enviar incontinenti, em trem expresso a força necessária para rechaçá-los e garantir a cidade.

Desfalcada a força policial aquartelada nesta Capital, em virtude das diligências a que anteriormente me referi, requisitei do Sr. General comandante do distrito 100 praças de linha, a fim de seguirem para Juazeiro, apenas me chegasse aviso do Juiz de Direito daquela Comarca. Poucos dias depois recebi daquele magistrado um telegrama em que me afirmava

estarem os sequazes de Antônio Conselheiro distantes do Juazeiro pouco mais ou menos dois dias de viagem. Dei conhecimento do fato ao Sr. General, que, satisfazendo a minha requisição, fez seguir em trem expresso e sob o comando do Tenente Pires Ferreira, a força preparada, a qual devia ali proceder de acordo com o Juiz de Direito.

Este distinto oficial, chegando ao Juazeiro, combinou com aquela autoridade seguir ao encontro dos bandidos, a fim de evitar que eles invadissem a cidade.

O trecho acima revela o que Euclides da Cunha posteriormente classificou como, um grave erro. O desconhecimento do governo quanto à gravidade do problema é algo inadmissível visto que, “[...] há pelo menos vinte e dois anos, desde 1874, era famoso em todo o interior do norte [...]”(CUNHA, 2003, p. 140), em referência a capacidade militar dos jagunços e pela quantidade de combatentes.

Como já abordamos, a tensão foi originada em função do distrato entre o representante da justiça de Juazeiro e Antônio Conselheiro. O primeiro alertou as autoridades nacionais acerca da possibilidade de investida dos jagunços sobre a cidade e que já corriam boatos da referida revolta. A resposta à solicitação deu-se de maneira tal que a quantidade de homens não seria suficiente frente ao número de revoltosos que marchava para Juazeiro. Além disso, a fama de Conselheiro como grande aglutinador de multidões e de dominador dos sertanejos fora subestimada pelas autoridades públicas.

É importante observar, já no início do fragmento, o cuidado do autor com o apoio em documentos oficiais na construção de sua narrativa, “O caso passou em dias de outubro de 1896. Historiemos, adstritos a documento oficiais.” Sua referência aos documentos oficiais, aparentemente desnecessária, serve como elemento de credibilidade à narrativa, evidenciando aspectos ligados às vertentes historiográficas e científicas nas quais se apoia. A narração que se desenvolve em seguida refere-se à fala do testemunho entre o juiz de direito da cidade de Juazeiro e o comando militar do Estado acerca da possibilidade de ataque dos jagunços de Conselheiro. Os fragmentos são citações diretas das falas dos personagens e retratam do ponto de vista dos testemunhos, o que ocorreu naquele momento de 1896.

Não obstante esse fato, Euclides da Cunha ilustra seu ponto de vista colocando mais uma vez, trechos do documento oficial no qual o General Frederico Sólton, comandante do 3º distrito militar diz:

(FRAGMENTO XXVIII- EC/H, p. 140):

A 4 de novembro do ano findo (1896) em obediência à ordem já referida, prontamente satisfiz a requisição, pessoalmente feita pelo Dr. Governador do Estado, de uma força de cem praças da guarnição para ir bater os fanáticos do arraial de Canudos, asseverando-me que, para tal fim, era aquele número mais que suficiente.

Ao mesmo tempo, construindo a sua argumentação de que as tropas do governo subestimaram todas as ameaças que Conselheiro representava ao município de Juazeiro, Euclides da Cunha ainda ilustra a resposta com o complemento das considerações de Frederico Sólon acerca das análises do movimento:

(FRAGMENTO XXIX- EC/H, p. 140):

Confiado no inteiro conhecimento, que ele devia ter, de tudo quanto se passava no interior de seu Estado, não hesitei; fazendo-lhe apresentar, sem demora, o bravo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, do 9º Batalhão de Infantaria, a fim de receber as suas ordens e instruções o qual, para cumprilas, seguiu, a 7 do dito mês para Juazeiro, ponto terminal da estrada de ferro, na margem direita do Rio São Francisco, comandando 3 oficiais e 104 praças de pré daquele Corpo, conduzindo apenas uma pequena ambulância, fazendo eu seguir logo depois um médico com mais alguns recursos para o exercício de sua profissão. O mais correu pelo Estado.

Essa citação direta do testemunho do general Francisco Sólon, reforça a sua crítica sobre a pouca relevância que foi dada aos perigos que as tropas dos jagunços de Conselheiro poderiam oferecer e ofereciam. A população da cidade, ao perceber a chegada dos soldados do governo, bateu em retirada prevendo o futuro quase certo. Ao verem a quantidade de soldados, desesperaram-se e aumentaram o número de fugidos. Para ilustrar essa percepção Euclides fez o uso de relatos de documentos oficiais para compor uma análise e argumentação de que o governo realmente subestimou os revoltosos, razão pela qual foram derrotados.

Sua narrativa apoia-se nas documentações oficiais, seguindo, assim, algumas das características e postulações daqueles que examinam a história com o viés e o espírito científico. O controle das “fontes seguras” e do método científico a que se submete, reforça suas influências e vertentes científicas na exposição dos fatos, na escolha dos testemunhos e no apoio aos fatos oficiais e documentos públicos.

Vejamos agora outro fragmento que dá conta do acampamento e da batalha desenvolvida na serra do Cambaio, descrita por Euclides da Cunha como, “serras de pedra naturalmente

sobrepostas formando fortalezas e redutos inexpugnáveis com tal perfeição que parecem obras de arte.” Vejamos:

(FRAGMENTO XXX - EC/H, p. 164-166)

Caminhavam vagorosamente. Atulhavam as primeiras ladeiras cortadas à meia encosta. Seguiam devagar, sem aprumo, emperrados pelos canhões onde se revezavam soldados ofegantes em auxílio aos mueres impotentes à tração vingando aqueles declives.

E foi nesta situação que as surpreendeu o inimigo.

Dentre as frinchas, dentre os esconderijos, dentre a moitas esparsas, aprumados no alto dos muramentos rudes, ou em despenhos ao viés das vertentes - apareceram os jagunços, num repentino deflagrar de tiros.

Toda a expedição caiu, de ponta a ponta debaixo das trincheiras do Cambaio.

O recontro fez-se em vozeria em que, através dos costumeiros vivas ao “Bom Jesus” e ao “nosso Conselheiro”, rompiam brados escandalosos de linguagem solta, apóstrofes insolentes, e entre outras uma frase desafiadora que no decorrer da campanha soaria invariável com estribilho irônico:

“Avança! *Fraqueza* do governo!”

Houve uma vacilação em toda a linha. A vanguarda estacou e pareceu recuar. Conteve-a, porém, uma voz imperiosa. O major Febrônio rompeu pelas fileiras alarmadas e centralizou a resistência – em réplica fulminante a admirável, atentas as desvantajosas condições em que se realizou. Conteirados rapidamente os canhões, bombardearam os matutos à queima-roupa, e estes, vendo pela primeira vez aquelas armas poderosas, que decuplavam o efeito despedaçando pedras, debandaram, tontos numa dispersão instantânea.

Aproveitando este refluxo foi feita a investida, iniciada de pronto, pelas cento e tantas praças do 33º de Infantaria. Tropeçando, escorregando nas lajes, contornando-as, ou transportando-as os saltos, insinuando-se pelos talhados, atirando a esmo para a frente, as praças arremeteram com as rampas; e logo depois a linha do assalto se estirou, tortuosa e ondulante, extremada à direita pelo 9º e à esquerda pelo 16º e a polícia baiana.

O combate generalizou-se em minutos, e, como era de prever, as linhas romperam-se de encontro aos obstáculos do terreno. Foi um avançar em desordem. Fracionados, galgando penhascos a pulso, carabinas presas aos dentes pelas bandoleiras, ou abordoando-se às armas, os combatentes arremeteram em tumulto - sem o mínimo simulacro de formatura, confundindo batalhões e companhias – vagas humanas raivando contra os morros, num marulho de corpos, arrebentando em descargas, espadanando brilhos de aço, e estrugindo em estampidos sobre que passavam, estridulas, as notas dos clarins soando a carga.

[...] No alto, mais longe pelo teso da serra, reapareciam os sertanejos. Pareciam dispostos em duas sortes de lutadores; os que se agitavam velozes, rugindo e desaparecendo, as carreiras, e os que permaneciam firmes nas posições alterosas. A cavaleiro do assalto, estes iludiam de modo engenhoso a carência de espingardas e o lento processo de carregamento das que possuíam. Para isto se dispunham em grupos de três ou quatro rodeando a um atirador único, pelas mãos do qual passavam, sucessivamente, as armas carregadas pelos companheiros invisíveis, sentados no fundo da trincheira. De sorte que se alguma bala fazia baquear o clavinoteiro, substituíam-o logo qualquer dos outros. Os soldados viam tombar, mas ressurgir

imediatamente, indistinto pelo fumo, o mesmo busto, apontando-lhes a espingarda. Alvejavam-no de novo. Viam-no outra vez cair, de bruços, baleado. Mas viam-no outra vez erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo-se e aprumando-se, o atirador fantástico.

Este ardid foi logo descoberto pelas diminutas frações atacantes que se avantajaram até as canhoneiras mais altas. Chegaram ali esparsas. A fugacidade do inimigo e o terreno davam por si mesmos à tropa a distribuição tática mais própria, circunstância que aliada ao pequeno alcance das armas daquele, tornara a expedição quase indene. Os únicos tropeços à escalada eram as asperezas do solo. As cargas amorteciam-se nas escarpas. Não esperavam os jagunços. Certos da inferioridade de seu armamento bruto. Pareciam desejar apenas que ali ficassem como ficaram, a maior parte das balas destinadas a Canudos, e falseavam a peleja franca. Via-se entre eles, sopesando o clavinote curto, um negro corpulento e ágil. Era o chefe, João Grande. Desencadeava as manobras, estadeando ardilezas de facínora provento nas correrias do sertão. Imitavam-lhe os movimentos, as carreiras, os saltos, as figurações selvagens, os sertanejos amotinados – num vai e vem de avançadas e recuos, ora dispersos, ora agrupados, ou desfilando em fileiras sucessivas, ou repartindo-se extremamente rarefeitos; e a rojões, rolantes pelos pendores, subindo, descendo, atacando, fugindo, baqueando trespassados de balas, muitos; malferidos, outros, em plena descida, e rolando até ao meio das praças, que os acabavam a coice de armas.

Desapareciam inteiramente, às vezes.

[...] Estava conquistada a montanha após três horas de conflito. A vitória, porém, resultava da coragem cega junta à mais completa indisciplina de fogo – e compreende-se que mais tarde a ordem do dia relativa ao feito desse preeminente lugar às praças graduadas. Os seus cabos-de-guerra foram os cabos-de-esquadra. Sobre os jagunços em fuga confluíram carga de desordem: soldados em grupos, turbas sem comando, disparando à toa as carabinas, num fanfarrear irritante de numa alacridade feroz de monteiros no último lance de uma batida a javardos.

Os jagunços escapavam-se-lhes adiante. Perseguram-nos.

A artilharia, embaixo, começou a rodar, puxada a pulso, pelas ladeiras acima.

Realizara-se a travessia; e, tirante o dispêndio de munições, eram poucas as perdas – quatro mortos e vinte e tantos feridos. Em troca os sertanejos deixavam cento e quinze cadáveres, contados rigorosamente.

Fora uma hecatombe. Cumulou-se a um episódio trágico.

A algara tumultuária teve um desfecho teatral. (*Grifo nosso*)

Compondo a narrativa da expedição militar e sua chegada a Monte Santo, mais especificamente ao Cambaio, a narrativa dá conta do encontro dos jagunços com as tropas do governo. Os jagunços atacaram de surpresa as tropas que avançavam sobre o território e, aos gritos, “Avança! Fraqueza do governo!”, tentaram acertar as tropas de surpresa, mas foram combatidas com a artilharia pesada e, num relance, se dispersaram frente à superioridade bélica do exército brasileiro. A surpresa do ataque dos jagunços causou vacilação nas tropas, mas foram orientadas e organizadas pelo major Febrônio.

Entretanto, no movimento seguinte, as tropas avançaram desordenadamente sobre os morros demonstrando todo um amedrontamento e despreparo para o combate: “[...] O combate generalizou-se em minutos [...]. Foi um avançar em desordem. Fracionados, galgando penhascos a pulso, carabinas presas aos dentes pelas bandoleiras, ou abordoando-se às armas, os combatentes arremeteram em tumulto - sem o mínimo simulacro de formatura, confundindo batalhões e companhias – vagas humanas raivando contra os morros, num marulho de corpos, arrebetando em descargas, espadanando brilhos de aço, e estrugindo em estampidos sobre que passavam [...]” A narrativa demonstra um certo “desespero” das tropas frente ao inimigo que, mesmo sendo muito menos preparado e armado, foi atacado sem a menor organização e “formatura” de batalhões e soldados.

Assim os jagunços se dispersaram e se colocaram a espreita, donde atacavam os soldados com uma estratégia descrita com detalhes por Euclides da Cunha. A inferioridade das armas e da habilidade em manejá-las foi recriada com a estratégia que lhes conferiu maior eficiência na luta contra os soldados: “[...] Viam-no outra vez cair, de bruços, baleado. Mas viam-no outra vez erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo-se e aprumando-se, o atirador fantástico.” Percebe-se que, ao referir-se aos jagunços, Euclides lhes atribui uma qualificação positiva no emprego dos adjetivos como “invulnerável, assombroso, terrível e fantástico.”

Nesse sentido, o leitor é convidado a considerar e analisar a narrativa como sendo um relato de quem foi testemunho, ou de quem pelo menos, com as ferramentas e metodologias referentes ao discurso da História, soube colher as informações de outros testemunhos e teceu uma narrativa fiel aos fatos, como foi anunciado em sua nota preliminar. Ao continuar a narrar o avanço das tropas do governo, o autor cita um personagem: João Grande.

A referência a esse jagunço cria uma áurea mítica à força dos seguidores de Conselheiro. As tropas do governo dispersaram os jagunços de maneira desordenada e confusa: “Sobre os jagunços em fuga confluíram carga de desordem: soldados em grupos, turbas sem comando, disparando à toa as carabinas, num fanfarrear irritante de numa alacridade feroz de monteiros no último lance de uma batida a javardos.” Os soldados são comparados as selvagens na utilização do termo “javidos”.

Assim, o desenrolar do conflito que dura, “três horas”, revela ao final um trágico quadro para os jagunços: cento e quarenta cadáveres, “[...] contados rigorosamente”. A dispersão dos

jagunços pelos soldados do governo não se fez de forma ordeira e condizente com o que militares treinados deveriam ser capazes de realizar frente a um grupo despreparado e desconhecedor das táticas militares.

Apesar da vitória das tropas a tomada do Cambaio e a fuga dos jagunços para Canudos não significou uma vitória de uma tropa preparada para o combate, segundo Euclides da Cunha. Vejamos em outro fragmento o desenvolvimento das ações e guerra:

(FRAGMENTO XXXI - EC/H, p. 167)

Ao amanhecer, porém, nada lhe reelou; e formadas cedo, as colunas dispuseram-se ao último sobre o arraial, depois de um quarto de hora a marche-marche sobre o terreno, que ali é desafogado e chão.

Mas antes de abalarem sobreveio ligeiro contratempo. Um *shrapnel* emperrara na alma de um dos seus canhões resistindo a todos os esforços para a extração. Adotou-se, então, o melhor dos alvitres: disparar o Krupp na direção provável de Canudos.

Seria uma aldravada batendo ás portas do arraial, anunciando estrepitosamente o visitante importuno e perigoso.

De fato, o tiro partiu... E a tropa foi salteada por toda a banda! Reeditou-se o episódio de Uauá. Abandonando as espingardas imperfeitas pelos varapaus, pelos fueiros dos carros, pelas foices, pelas forquilhas, pelas aguilhadas longas e pelos facões de folha larga, os sertanejos enterreiraram-na, surgindo em grita, todos a um tempo, como se aquele disparo lhes fosse um sinal prefixo para o assalto.

Felizmente os expedicionários, em ordem de marcha, tinham prontas as armas para a réplica, que se realizou logo em descargas rolantes e nutridas.

Mas os jagunços não recuaram. O arremesso da investida jogara-os dentro intervalos dos pelotões. E pela primeira vez os soldados viam, de perto, as faces trigueiras daqueles antagonistas, até então esquivos, afeitos às correrias velozes das montanhas...

A primeira vítima foi um cão do 9º. Morreu matando.

Ficou trespassado na sua baioneta o jagunço que o abatera atravessando-o com o ferrão de vaqueiro.

A onda assaltante passou sobre os dois cadáveres.

O trecho acima narra a batalha que sucedeu a tomada do Cambaio. No fragmento, o autor revela a estratégia das tropas do governo e as estratégias dos sertanejos: desigualdade mosaica, como nos trechos, “Um *shrapnel* emperrara na alma de um dos seus canhões resistindo a todos os esforços para a extração. Adotou-se, então, o melhor dos alvitres: disparar o Krupp na direção provável de Canudos. Seria uma aldravada batendo ás portas do arraial, anunciando estrepitosamente o visitante importuno e perigoso. De fato, o tiro partiu... [...]Abandonando as espingardas imperfeitas pelos varapaus, pelos fueiros dos carros, pelas foices, pelas forquilhas, pelas aguilhadas longas e pelos facões de folha larga, os sertanejos

enterreiraram-na, surgindo em grita, todos a um tempo, como se aquele disparo lhes fosse um sinal prefixo para o assalto.

Na parte inicial, revelam-se o poder de fogo das tropas do governo com a utilização de armas pesadas como a *shrapnel* e os canhões Krupp. A descrição dessas armas expõe certo desnivelamento das forças que se embatiam no sertão. Se por um lado havia as armas pesadas da artilharia republicana, de outro os sertanejos entrincheirados usavam os facões, as foices e as forquilhas numa luta corpo a corpo desesperadora. Para o leitor só se pode pensar que uma carnificina e uma vitória fácil está por vir.

Entretanto, em trecho subsequente os relatos tomamos consciência da resistência e da bravura dos sertanejos na luta corpo-a-corpo.

Felizmente os expedicionários, em ordem de marcha, tinham prontas as armas para a réplica, que se realizou logo em descargas rolantes e nutridas. Mas os jagunços não recuaram. O arremesso da investida jogara-os dentro intervalos dos pelotões. E pela primeira vez os soldados viam, de perto, as faces trigueiras daqueles antagonistas, até então esquivos, afeitos às correrias velozes das montanhas.. A primeira vítima foi um cão do 9. Morreu matando.

Apesar na descrição da superioridade das tropas do governo e no fragmento que acena com uma boa notícia quando o autor diz, “felizmente...”, o que sucede tal constatação é a persistência dos jagunços evidenciando a contradição das condições desiguais do conflito. Os jagunços não recuaram e a luta se fez sangrenta e dantesca. O autor relata a morte da primeira vítima, dando a impressão de que àquela sucederiam outras tantas mais.

Em um fragmento subsequente, a narrativa de Euclides da Cunha corrobora com a visão mítica e heroica dos jagunços em combate. Vejamos o referido fragmento:

(FRAGMENTO XXXII - EC/H, p. 168)

Tomara-lhe a frente um mamaluco possante – rosto de bronze afeiado pela pátina das sardas – de envergadura de gladiador sobressaindo no tumulto. Este campeador terrível ficou desconhecido da história. Perdeu-se-lhe o nome. Mas não a imprecação altiva que arrojou sobre a vozeria e sobre os estampidos, ao saltar sobre o canhão da direita, que abarcou nos braços musculosos, como se estrangulasse um mostro:

“Viram, canalhas, o que é ter coragem?”

A guarnição da peça recuara espavorida, enquanto ela rodava, arrastada a braço, apresada.

Era o desastre iminente.

Vemos no fragmento, a descrição do sertanejo que surge a frente dos canhões da tropa dos soldados republicanos, caracterizado como forte e guerreiro e que, além disso, possuía as feições de um guerreiro e de um gladiador: “possante – rosto de bronze afeiado pela pátina das sardas – de envergadura de gladiador sobressaindo no tumulto [...]”. Ao mesmo tempo, o autor revela o anonimato do personagem que entrou para a história apenas pela bravura, sem nome, sem identidade. Não fosse o registro do conflito nas páginas d’*Os Sertões* sequer teríamos uma descrição mais precisa dos jagunços em combate.

O autor nos diz que se perdeu a identidade, mas não os seus atos de bravura. Como no trecho: “Viram, canalhas, o que é ter coragem?” A narrativa de tão formidável ato de coragem e, por que não dizer, loucura, marcaram a obra de Euclides da Cunha sobre a campanha de Canudos e as figuras míticas desses lutadores heroicos. O reflexo dessa perplexidade diante das estratégias e força dos jagunços percebe-se no fragmento: “A guarnição da peça recurara espavorida, enquanto ela rodava, arrastada a braço, apresada. Era o desastre iminente.”

O desfecho dessa batalha, nas palavras do autor, tornara-se iminente desastroso. Desastroso e assombroso frente às disparidades das forças. A retirada, inevitável, foi a salvação. Vejamos outro fragmento:

(FRAGMENTO XXXIII - EC/H, p. 168)

A situação desenhava-se insanável.

[...] Estava, além disso, excluída a hipótese eficaz de um bombardeio preliminar: restavam apenas vinte tiros de artilharia.

A retirada impôs-se urgente e inevitável. Reunida em plena refrega a oficialidade, o comandante definiu-lhe a situação e determinou que optasse uma das pontas do dilema: o prosseguimento da luta até ao sacrifício completo ou o seu abandono imediato. Foi aceita a última condição expressa de não se deixar uma única arma, um único ferido e não ficar um único cadáver insepulto.

[...] A retirada foi a salvação.

Após um revés incrível e a constatação de uma situação impensável, (considerando-se a preparação militar e o armamento dos soldados republicanos em relação ao despreparo militar e a rudimentar belicosidade dos jagunços), era de se esperar uma vitória tranquila. Esse ingrediente torna a vitória dos jagunços uma tragédia espetacular. Adotou-se a opção da

fuga com a condição de não deixar armas àqueles combatentes. A estratégia seria a debandada, mas sem deixar a honra abalada: “Foi aceita a última condição expressa de não se deixar uma única arma, um único ferido e não ficar um único cadáver insepulto.”

Entretanto, a batalha também abalou a confiança dos jagunços e moradores do arraial de Canudos. O autor alerta que a batalha cindiu a confiança dos seguidores de Conselheiro. Vejamos:

(FRAGMENTO XXXIV - EC/H, p. 169)

A retirada foi a salvação. Mas o investir de arranco com o arraial, arrostando tudo, talvez fosse a vitória.

[...] Não havia ilusão possível: o inimigo, dispondo de engenhos de tal ordem, ali estaria em breve, sobrestante, no rastro dos derradeiros defensores do arraial. Quebrou-se o encanto do Conselheiro. Tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos as crenças que o haviam empolgado. Bando de fugitivos, sobreçando trouxas estavanadamente feitas, porfiavam na fuga, atravessando, rápidos, a praça e os becos, demandando as caatingas, sem que os contivessem os cabecilhas mais prestigiosos; enquanto mulheres, em desalinho, em gritos, soluçando, clamando, numa algazarra indefinível, mas ainda fascinadas, agitando os relicários, rezando, se agrupavam à porta do santuário, implorando a presença do evangelizador.

Apesar da vitória dos jagunços naquele momento, houve também um abalo na confiança dos sertanejos em relação à luta e à figura de Antônio Conselheiro. O resvalar das munições e os ruídos da batalha atordoaram aqueles moradores do arraial. O temor foi maior que a confiança: “Tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos as crenças que o haviam empolgado. Bando de fugitivos, sobreçando trouxas estabanadamente feitas, porfiavam na fuga, atravessando, rápidos, a praça e os becos, [...]” Esse elemento anunciava o que em breve sucederia ao arraial. A derrocada não tardaria. Afinal e a luta do estado contra um arraial; uma luta insana e desigual.

Apesar disso, a figura de Conselheiro ainda despertava respeito. Vejamos outro fragmento:

(FRAGMENTO XXXV - EC/H, p. 169)

Mas Antonio Conselheiro, que nos dias normais mesmo evitava encará-las, naquelas aperturas estabeleceu separação completa. Subiu com meia dúzia de fiéis para os andaimes altos da igreja nova, e fez retirar, depois, a escada. O agrupamento agitado ficou embaixo, imprecando, chorando, rezando. Não o olhou sequer o apóstolo esquivo, atravessando impassível sobre as tábuas que inflectiam, rangendo. Atentou para o povoado revoltado, em que se

atropelavam, prófugos, os desertores da fé, e preparou-se para o martírio inevitável...

Neste comemos sobreveio a nova de que a força recuava.

Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio.

O desfecho da retirada dos soldados republicanos alimentou o misticismo em torno da figura de Conselheiro. Atribui-se a retirada a intervenção do messiânico personagem. Sua imagem mítica reforçava-se diante do terror e descontrolo da população de Canudos. Assim, “Atentou para o povoado revoltado, em que se atropelavam, prófugos, os desertores da fé, e preparou-se para o martírio inevitável... Neste comemos sobreveio a nova de que a força recuava. Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio.” Essas narrativas mostram o contraste da guerra entre lados tão distintos.

A abordagem dada pelo autor à figura de Antônio conselheiro nesse momento reforça sua ideia de explicar o apoio e obstinação dos combatentes de Canudos pelo viés messiânico. Em grande medida a bravura se mistura a fé ou é alimentada por ela.

Passaremos agora a análise de outro fragmento, referente à expedição do Coronel Antônio Moreira César:

(FRAGMENTO XXXVI - EC/H, p. 201-202)

[...] contornando aquele núcleo resistente, lançaram-se às primeiras casas marginais ao rio. Tomaram-nas e incendiaram-nas; enquanto os que as guarneciam fugiam, adiante, em busca de outros abrigos. Perseguiram-nos. E nesse perseguir tumultuário, realizado logo nos primeiros minutos do combate, começou a esboçar-se o perigo único e gravíssimo daquele fossado monstruoso: os pelotões dissolviam-se. Entalavam-se nas vielas estreitas, enfiando a dois de fundo por ali dentro, atropeladamente. Torciam centenas de esquinas que se sucediam de casa em casa; dobravam-nas em desordem, de armas suspensas uns, atirando outros ao acaso, à toa, para frente; e dividiam-se, a pouco e pouco, em secções pervagantes para toda a banda; e partiam-se, estas, por seu turno, em grupos aturdidos cada vez mais dispersos e rarefeitos, dissolvendo-se ao cabo em combatentes isolados...

De longe se tinha o espetáculo estranho de um entocamento de batalhões, afundando, de súbito, no casario indistinto, em cujos tetos de argila se enovelava a fumarada dos primeiros incêndios.

Deste modo, o ataque assumiu logo o caráter menos militar possível. Diferenciou-se em conflitos parciais no cunhal das esquinas, à entrada e dentro das casas.

[...] À frente do seu estado-maior, na margem direita do rio, o chefe expedicionário observava este assalto, acerca do qual não podia certamente formular uma única hipótese. A tropa desaparecera toda nos mil latíbulos de Canudos.

Percebe-se na narrativa e na descrição do cenário da batalha as estratégias dos soldados republicanos. Após a investida na primeira linha de invasão no arraial do Canudos, o autor faz referência a uma estratégia que tornara perigosa a ação das tropas. Assim, “Tomaram-nas e incendiaram-nas; enquanto os que as guarneciam fugiam, adiante, em busca de outros abrigos. Persegiram-nos.” Para o autor, essa atitude provocou uma ação temerária, pois, “E nesse perseguir tumultuário, realizado logo nos primeiros minutos do combate, começou a esboçar-se o perigo único e gravíssimo daquele fossado monstruoso: os pelotões dissolviam-se.” A dissolução das tropas e dos pelotões era um sinal de imperícia militar a qual Euclides faz menção antes de iniciar sua narração do combate.

Essa análise da formação do pelotão pode ser entendida graças ao conhecimento do autor acerca das questões militares, uma vez que foi formado na Escola Superior de Guerra. Após a descrição do cenário e da investida dos soldados, o autor classifica a ação dos pelotões como pouco militar: “Deste modo, o ataque assumiu logo o caráter menos militar possível.” Essa constatação se dá, por exemplo, no trecho do fragmento: “[...] e partiam-se, [...], em grupos aturdidos cada vez mais dispersos e rarefeitos, dissolvendo-se ao cabo em combatentes isolados...”

O resultado dessa empreitada mal desenvolvida e organizada resultaria em mais um revés sofrido pelas tropas governamentais. Os jagunços de Conselheiro conseguiram, mais uma vez, a milagrosa tarefa de superar as tropas, os seus canhões Kupp e seu poder de fogo. Euclides da Cunha retrata a trágica expedição de seu desfecho final quando ocorre a fuga dos soldados. Vejamos:

(FRAGMENTO XXXVII - EC/H, p. 210)

E foi uma debandada.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arreando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando for aas peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos errados, correndo pelas estradas e pelas trilhas que a recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficara, logo ao desencadear-se o pânico – tristíssimo pormenor!- o cadáver do comandante. Não o defenderam. Não houve um breve simulacro de repulsa contra o inimigo, que não viam e adivinhavam no estrídulo dos gritos desafinadores e nos estampidos de um tiroteio irregular e escasso, com o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.

O fragmento revela o momento da debandada e fuga dos soldados apavorados. A luta em terreno tão hostil, lembrando os becos das favelas do Brasil dos dias de hoje, não foi pensada pela estratégia militar da época. O pavor de observar o cadáver do comandante revela o desapontamento e o temor com a fúria dos jagunços lutando em seu próprio terreno. Ao citar esse elemento, Euclides da Cunha revela o seu próprio descontentamento. Talvez por se tratar de um colega de farda, ainda que não o conhecesse pessoalmente, mas simplesmente por se tratar de um comandante das forças armadas da qual o autor fazia parte. Além disso, o autor contrapõe, em grande medida, a coragem do jagunço em contraponto a fraqueza do soldado em debandada, “Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.”

Na cidade do Rio de Janeiro proliferavam-se os comentários sobre o conflito. O autor trata dessa contrastiva relação entre o que vivenciou e o que se dizia do conflito na capital federal. A insurreição monárquica, ideia que se expandiu como explicação para o levante, era dominante. A esse respeito o autor dedicou uma breve análise. Vejamos:

(FRAGMENTO XXXVIII - EC/H, p. 215)

A República estava em perigo; era preciso salvar a república. Era esse o grito dominante sobre o abalo geral...

Exageramos?

Deletreemos, ao acaso, qualquer jornal daqueles dias.

Doutrinava-se: “O que de um golpe abalava o prestígio da autoridade constituída a avaria a representação do brio da nossa pátria no seu renome, na sua tradição e na sua força era o movimento armado que, a sombra do fanatismo religioso, marchava acelerado contra as próprias instituições, não sendo lícito a ninguém iludir-se mais sobre o pleito em que audazmente entravam os saudosos do império, francamente em armas.”

Concluía-se: “Não há quem a esta ora não compreenda que o monarquismo revolucionário quer destruir com a República a unidade do Brasil.”

Explicava-se: “A tragédia de 3 de março em que juntamente com o Moreira César perderam a vida o ilustre Coronel Tamarindo e tantos outros oficiais briosíssimos do nosso exército, foi a confirmação de quanto o partido monarquista à sombra da tolerância do poder público, e graças ate aos seus involuntários alentos, tem crescido em audácia e força.”

Euclides da Cunha fez um breve relato destacando, entre aspas, a fala dos principais jornais e personalidades da cidade do Rio de Janeiro na tentativa de dar a entender os fatos de Canudos. As vitórias dos jagunços contra os soldados revelava que aqueles estavam articulados, e outras forças anti-republicanas ainda apoiavam os revoltos. Nos fragmentos acima encontramos menção a tal perigo: “A República estava em perigo; era preciso salvar a República. Era esse o grito dominante sobre o abalo geral... Exageramos? Deletreemos, ao

acaso, qualquer jornal daqueles dias.” Ao dividir as notícias em pontos de vista distintos: “Doutrinava-se; Concluía-se; Explicava-se”, o autor realiza o mapeamento das opiniões para esboçar adiante sua crítica.

É importante considerar que os pressupostos teóricos deterministas que consideravam a superioridade cultural e racial orientavam o pensamento intelectual e a opinião pública da época. A ideia de um levante monarquista e do apoio mais técnico de grupos ligados a esses, ia de encontro à crença de que aqueles miseráveis não conseguiriam realizar tamanha façanha sozinhos. Doutrinava-se ao considerar que o conflito ameaçava toda a República brasileira. Concluía-se que ninguém era capaz de desconsiderar que os revolucionários estavam ameaçando esse projeto político. Explicava-se, pela participação, sem comprovações, de que o partido monarquista tinha participação no movimento, o que Euclides da Cunha discute nas páginas seguintes.

Vejamos esse outro fragmento em que o autor faz uma análise dessas discussões:

(FRAGMENTO XXXIX - EC/H, p. 220)

É o que estava em jogo, em Canudos, a sorte da República...
 Diziam-se informes surpreendedores: aquilo não era um arraial de bandidos truculentos apenas. Lá existiam homens de raro valor – entre os quais se nomeavam conhecidos oficiais do exército e da armada foragidos [...]
 Não eram somente os jagunços. Em Juazeiro, no Ceará, um heresiarca sinistro, o Padre Cícero, conglobava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro.[...]
 E tudo isso punha manifesta, eram feitura de uma conjuração que desde muito vinha solando as instituições. [...]
 O governo devia agir prontamente.

O temor do conflito mobilizar o país, ainda dividido após a proclamação da recém nascida República, e dar força aos grupos alinhados aos monarquistas, propagava-se pela imprensa e pela sociedade. Em suas análises, o autor dá conta das repercussões que atribuem reflexos de apoios insurgentes em várias partes do Brasil, como no trecho: “Em Juazeiro, no Ceará, um heresiarca sinistro, o Padre Cícero, conglobava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro [...]” Nesse aspecto, de certa forma, o padre Cícero se assemelhava ao Conselheiro pela sua vertente religiosa. Isso não seria pior do que, “[...] eram feitura de uma conjuração que desde muito vinha solando as instituições.” Assim, a preocupação deveria ser

maior uma vez que o levante ganhava contornos políticos e não somente messiânicos. E adverte ao final: “O governo devia agir prontamente.”

Outras batalhas e outros batalhões seguiram-se um após o outro em cada derrota surpreendente. A comoção nacional a qual se refere Euclides da Cunha acirrava os ânimos. A coluna Savaget, liderada pelo General Cláudio Manoel Savaget também capitularia em Canudos. Era impressionante a resistência dos moradores do arraial. Vejamos outro fragmento:

(FRAGMENTO XL - EC/H, p. 291-292)

E a hecatombe progredia com uma média diária de oito homens fora de combate. Por outro lado, os adversários pareciam dispor de extraordinários recursos.[...]

Agravando estas conjecturas vinham notícias verdadeiras. Os sertanejos dispartiam pelo sertão em algaras atrevidas: atacaram o termo de Mirandela, guiados por Antonio Fogueteiro; investiram, tomaram e saquearam a vila de Santana do Brejo; irradiavam para toda a banda. Alargavam o âmbito da campanha, revelando mesmo lineamentos firmes de estratégia segura. Além do arraial duas novas posições de primeira ordem e defensáveis estavam guarnecidas: as vertentes caóticas do Caipã e as cordas de cerros em torno da Várzea da Ema. Desdobrando de Canudos, a insurreição espalhava-se desta maneira pelos lados de um triângulo enorme, em que podiam inscrever-se cinquenta mil baionetas. Alastrava-se.

O fragmento revela mais um desastre que, aliás, tornou-se comum às tropas que tentavam vencer Canudos. O problema não era de fácil solução, uma vez que as forças do governo não conseguiam irrompê-lo. Como no trecho,

Alargavam o âmbito da campanha, revelando mesmo lineamentos firmes de estratégia segura. Além do arraial duas novas posições de primeira ordem e defensáveis estavam guarnecidas: as vertentes caóticas do Caipã e as cordas de cerros em torno da Várzea da Ema. Desdobrando de Canudos, a insurreição espalhava-se desta maneira pelos lados de um triângulo enorme, em que podiam inscrever-se cinquenta mil baionetas. Alastrava-se.

Ao mesmo tempo, o avançar das novas tropas que chegavam a região do conflito encontrava soldados feridos e famintos com feições cadavéricas. Tudo isso gerava grande comoção e delírios populares. Vejamos:

(FRAGMENTO XLI - EC/H, p. 292)

Os soldados enfermos, em perene contacto com o povo, que os conversava, tinham-se, ademais, constituído rudes cronistas dos acontecimentos e confirmava-nos mercê da forma imaginosa por que a própria ingenuidade lhes ditava os casos, verídicos na essência, mas deformados de exageros, que narravam. [...]

O jagunço começou a aparecer como um entre à parte, teratológico e monstruoso, meio homem e meio trasgo; [...] tendo a pele bronzeada colada sobre os ossos, áspera como a epiderme das múmias...

A imaginação popular, daí por diante, delirava na ebbriez dos casos estupendos, apontados de fantasias.

As condições sobre as quais os fatos desenvolveram-se, a inimaginável resistência que os jagunços demonstraram e os sinais mais trágicos dessas batalhas e conflitos, foram reverberando noções e histórias que proliferavam as ideias mais fantasiosas sobre essas imagens dos sertanejos.

Uma nova tropa liderada pelo General Miguel Maria Girard, a brigada Girard sucede a do general Savaget tornando o conflito ainda mais dramático. Vejamos o fragmento:

(FRAGMENTO XLII - EC/H, p. 297)

O 15º batalhão tomando a vanguarda guiou os lutadores vacilantes. Não se repeliu o inimigo. A retaguarda ao passar pelo mesmo ponto foi, por sua vez, alvejada.

Depois deste revés, por que o foi, bastando dizer-se, que de cento de dois bois que comboiava, resta apenas onze, foi a brigada novamente investida no Angico. Deu uma carga de baionetas platônica, em que não perdeu um soldado, entrando afinal em Canudos, onde os enrijados campeadores, que ali estavam sob a disciplina tirânica dos tiroteios diuturnos, acolheram com a denominação de mimosa, nome, que, entretanto, mais tarde, os seus bravos oficiais fizeram que se apagasse, a exemplo do primeiro título.

Os números comprovavam o tamanho esforço empenhado nesses pelotões e, esse esforço parecia não surtir efeito definitivo, pois o arraial continuava a resistir e fazer capitular as forças do governo. Entretanto, não poderíamos supor que um arraial de sertanejos pudesse resistir às tropas de um exército nacional, fosse ele qual fosse, por muito tempo. Esse dia chegaria. Vejamos o fragmento abaixo:

(FRAGMENTO XLIII - EC/H, p. 331)

A luta atingia febrilmente o desenlace da batalha decisiva que arremataria. Mas aquele paroxismo estupendo acobardava os vitoriosos. [...]

Um suspenso pelas axilas entre duas praças, meio desmaiado tinha, diagonalmente, sobre o peito nu, a desenhar-se um recalque forte, a lâmina do sabre que o abatera. Outro, o velho Curiboca desfalecido que não vingara disparar a carabina sobre os soldados, parecia um desenterrado

claudicante. Ferido, havia meses, por estilhaços de granada, no ventre, ali tinha dois furos, de bordos vermelhos e cicatrizados, por onde extravasavam os intestinos. A voz morria-lhe na garganta num regougo opresso. Não o interrogaram. Posto à sombra de uma barraca continuou numa agonia, que o devorava, talvez havia três meses.

A vitória das forças do governo foi marcada pela extrema resistência dos últimos sobreviventes que recusavam render-se. Assim, “A luta atingia febrilmente o desenlace da batalha decisiva que arremataria.” Apesar do desfecho prisioneiros e alguns poucos sobreviventes resistiam e o que ocorreu nessa trágica cena final foi um massacre: “[...] o velho Curiboca desfalecido que não vingara disparar a carabina sobre os soldados, parecia um desenterrado claudicante. Ferido, havia meses, por estilhaços de granada, no ventre, ali tinha dois furos, de bordos vermelhos e cicatrizados, por onde extravasavam os intestinos.”

As fases finais do conflito são um alarmante assombro mesmo para aqueles que examinam esses relatos. O subcapítulo “Titãs contra moribundos”, espelha bem esses relatos trágicos. Vejamos outro fragmento:

(FRAGMENTO XLIV - EC/H, p. 339)

Foi o que sucedeu ao ser conquistado um casebre, depois de tenazmente defendido. Os soldados invadiram-no atumultuadamente. E deparam um monte de cadáveres; seis ou oito, caídos uns sobre os outros, abarrecendo a entrada. Não se impressionaram com o quadro. Enveredaram pelos cômodos escuros. Mas receberam um cheio, pelas costas, partindo daquela pilha de trapos sanguinolentos, um tiro. Voltando-se pasmos, detonou-lhes outro, à queima-roupa, de frente. Sopitando o espanto, comprimidos na saleta estreita, viram então saltar e fugir o lutador fantástico, que adotara o estratagema profanador, batendo-se por trás de uma trincheira de mortos...

A resistência dos sertanejos surpreende. É de uma insanidade persistente. A julgar pelo fanatismo dos jagunços o caminho da rendição acena como uma carnificina e um banho de sangue. Vejamos os momentos finais da batalha insana, de acordo com a caracterização de Euclides da Cunha:

(FRAGMENTO XLV - EC/H, p. 359)

A luta, que viera perdendo dia-a-dia o caráter militar, degenerou, ao cabo, inteiramente. Foram-se os últimos traços de um formalismo inútil: deliberações de comando, movimentos combinados, distribuições de forças, os mesmo toques de cornetas, e por fim a própria hierarquia, já materialmente extinta num exército sem distintivos e sem fardas.

Sabia-se de uma coisa única: os jagunços não poderiam resistir por muitas horas. Alguns soldados se haviam abeirado do último reduto e colhido de um lance a situação dos adversários. Era incrível: numa cava quadrangular, de pouco mais de metro de fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores, esfomeados e rotos, medonhos de ver-se, predispunham-se a um suicídio formidável. Chamou-se aquilo o “hospital de sangue” dos jagunços. Era um túmulo. De feito, lá estavam, em maior número, os mortos, alguns de muitos dias já, enfileirados ao longo das quatro bordas da escavação e formando o quadrado assombroso dentro do qual uma dúzia de moribundos, vidas concentradas na última contração dos dedos dos gatilhos das espingardas combatiam contra o exército.

Os momentos finais do conflito dão conta da tragédia que se anunciou diante da insistente resistência dos últimos jagunços de Conselheiro. As cenas de barbárie são bem retratadas pelo autor e pode-se até visualizar o quadro nebuloso dos massacres e dos amontoados de cadáveres. Nas linhas finais em que narra a perplexidade com as imagens destroços, Euclides da Cunha assim o faz:

(FRAGMENTO XLVI - EC/H, p. 360)

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-los. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, vertigem...

Ademais não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se mostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos, colhidos na véspera, e entre eles aquele Antonio Beatinho que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir, desmanchando-lhe as casas, 5200, cuidadosamente contadas.

Antes, no amanhecer daquele dia, comissão adrede escolhida descobria o cadáver de Antonio Conselheiro.

Jazia num dos casebres anexos à latada, e foi encontrado graças à indicação de um prisioneiro. [...]

Desenterraram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra!- faziam-se mister os máximos resguardados par que senão desarticulasse ou deformasse, reduzindo-se a uma masa angulhenta de tecidos decompostos. [...]

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita – e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores....

Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essências do crime e da loucura.

Já no início do fragmento, o autor no alerta com temerosidade o que está por vir. Deveria não mostrar o quadro final, mas o faz: “Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-los. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.” O alerta é sucedido por relatos de situações insanas e humanamente trágicas, como no trecho, “[...] Ademais não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se mostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...”

Ao mesmo tempo, o autor realiza a constatação temerosa do aniquilamento de homens que se rendem e são eliminados sumariamente no exemplo de Antonio Beatinho, e encerra com a questão, “[...] e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?” No momento seguinte, revela as etapas finais do apagamento da memória de Canudos pela destruição não só de sua população, mas de todas as edificações, cuidadosamente contadas. Certamente, informação retirada de fontes oficiais militares, comprovando o seu cuidado com o testemunho e as fontes oficiais e seguras.

Arrematando o seu quadro final, o encontro com os restos mortais de conselheiro, símbolo da insanidade a que um homem pode chegar. Seu messianismo neurótico levou o arraial e a república a um conflito de proporções inimagináveis, que custou muitas vidas e mobilizou grande aparato militar. O exame dos restos e a comprovação de que era realmente Conselheiro seguiu-se ao exame do seu crânio pelas autoridades científicas, ainda que no futuro. Mais uma vez, apoiando-se na ciência de sua época, dava o veredito da palavra final aos acadêmicos/cientistas, pois, “[...] Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura.”

Em seu subcapítulo final, a abertura é reveladora: “Duas linhas”. Com esse título segue-se duas linhas que resumem toda a síntese do conflito. Vejamos:

(FRAGMENTO XLVII - EC/H, p. 361)

É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades.

O encerramento da obra dá-se pela referência ao cientista Henry Maudsley, considerado um dos influenciadores de Charles Darwin, destacando-se por ser um dos idealizadores dos conceitos de responsabilidade penal e sociopatia, aos quais Euclides refere-se nessa analogia explicativa do conflito. Segundo as teorias de Maudsley (1889), haveria patologias que entendem certos perfis criminosos como doenças e, assim, compreende-se a noção do processo de atribuição da “culpa sem razão” ou da “razão sem culpa”, a determinadas patologias psiquiátricas.

Mais uma vez, no seu final, o autor apoia-se nos referenciais teóricos de seu tempo, justificando suas conclusões. Sem explicação, nem mesmo científica, para insanidade do Estado republicano frente ao arraial de Conselheiro e seus jagunços. Assim, o Euclides da Cunha em poucas linhas finais, põe fim a narrativa sobre os acontecimentos que marcaram o conflito no sertão da Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos identificar, através da análise de fragmentos da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, traços do que denominamos de “matrizes discursivas”, termo que se define graças à articulação, principalmente, das noções de dialogismo, de Bakhtin, de interdiscurso, de Maingueneau, conjuntamente com as noções de formação ideológica e de formação discursiva de Pêcheux. Também nos balizamos pela teoria Semiolinguística de Charaudeau para complementar nosso quadro teórico metodológico.

A operacionalização do conceito de matriz discursiva e sua aplicação ao *corpus* nos permitiram observar como se constitui o hibridismo da obra de Euclides da Cunha, atravessada por uma discursividade científico-natural, historiográfica e literária, fazendo de *Os Sertões* um texto singular e complexo.

A pesquisa articulou as noções teóricas supracitadas debruçando-se sobre uma obra que, por natureza, carrega uma forte carga dialógica. Embora seja difícil encontrar um texto literário sem essa característica, *Os Sertões* nos tornaram mais propício esse estudo graças a maneira através da qual essas muitas vozes enunciativas, esses muitos discursos outros se organizam no trabalho do escritor/engenheiro Euclides da Cunha. Assim, a obra não é apenas um pretexto, ou fim último, para a aplicação do instrumental teórico. Ela é também uma oportunidade através da qual pudemos discutir sob um outro viés e com um outro objetivo questões acerca do dialogismo e do interdiscurso.

Recorrendo a expressão usada por Facioli (2003), segundo o qual *Os Sertões* estabeleceria um “consórcio entre a ciência e a arte”, a análise de tal obra, ou desse consórcio nos possibilitou operacionalizar os conceitos fundamentais trabalhados (dialogismo e interdiscurso) de modo a constituir uma, conforme diríamos, metodologia bastante viável para se estudar as relações interdiscursivas em uma obra, literária ou não.

Acreditamos ter sido possível examinar o entrelaçamento dos discursos científico, literário e historiográfico presentes na obra e, que tanto influenciaram o trabalho de Euclides da Cunha. Algumas dessas relações interdiscursivas são claramente evidenciadas através de citações indiretas e diretas; outras são marcadas pela estruturação da narrativa e pela alusão frequente

às teorias que orientaram as análises do escritor sobre o homem brasileiro e sobre as causas do conflito em Canudos.

O posicionamento de Euclides da Cunha sobre o(s) tema(s) abordado(s) n`*Os Sertões*, assim como as contradições apresentadas pelo escritor em seu próprio discurso, tornam o trabalho do analista do discurso, seja qual for sua inclinação ou o tema de sua sua especialização acadêmica, um tanto quanto desafiador e laborioso. Se, por exemplo, num primeiro momento observamos o alinhamento do autor com as premissas teóricas “racialistas”, encontramos também a contradição de suas análises no sentido geral a que a obra se direciona. Na confrontação entre o bandeirante paulista e os sertanejos de Conselheiro, por exemplo, os posicionamentos teóricos de Euclides deixariam, progressivamente, de privilegiar o primeiro tendendo a uma admiração cada vez maior para o segundo.

Euclides da Cunha não é apenas um autor formado por muitas vozes. Não é o organizador de um discurso feito de discursos outros, mas um escritor que vivencia, transita, oscila, e reformula, quando não nega, os discursos nos quais se sustenta para a construção de sua obra. N`*Os Sertões* temos não apenas o produto de uma atividade enunciativa, mas os traços da inquietação de um sujeito (da linguagem), de um sujeito enunciador que mantém uma atividade dinâmica sobre seu dizer.

Essa inquietação do escritor/engenheiro, ou do escritor/cientista, ou do historiador/escritor (qual seria a melhor caracterização desse autor?) é justamente o motivo pelo qual podemos então ver o interdiscurso não apenas como um monólito discursivo, ou como uma concepção sobre a qual nos refletimos sem nos aprofundarmos. Se a noção bakhtiniana de dialogismo se mostra operacionalizável, fazemos a mesma consideração sobre a noção de interdiscurso. O interdiscurso, ou as relações interdiscursivas, podem se revelar sob as mais diversas maneiras, uma das quais, a nosso ver, é justamente através do trabalho com as matrizes discursivas. Conceito através do qual, aliás, compreendemos uma maneira através da qual o interdiscurso se realiza, se constitui em um discurso.

Não poderíamos deixar de mencionar que esse trabalho se constitui, em boa parte, graças a uma releitura de autores e de conceitos clássicos como Bakhtin e Pêcheux. Embora muito de suas ideias tenham sido já incorporadas e operacionalizadas por outros autores, consideramos ainda bastante produtivo recorrer àqueles precursores e/ou fundadores da Análise do

Discurso. Sua releitura nos leva a encontrar novas formas de aplicação desses conceitos, ou de nos embrenhar na complexidade discursiva que a aplicação desses conceitos nos permite vislumbrar no texto, tal como no exemplo de Euclides da Cunha.

Por sua vez, não poderíamos deixar de mencionar que, para nós, leitores da atualidade, a obra é significativa na medida em que antecipava questões atuais, como as diferenças sociais e políticas encontradas no país. *Os Sertões* continua nos revelando ainda hoje um país desigual social, econômica e politicamente, perpassado por resquícios de coronelismo, por restos de mentalidades aristocráticas que muitas vezes levam a eclosão de revoltas sociais isoladas, reprimidas com violência pelos órgãos do Estado.

Os discursos encontrados no texto d`*Os Sertões* e a mudança do olhar de Euclides da Cunha sobre o sertanejo, nos parece sugestiva ainda hoje se levarmos em conta as representações que ainda são feitas sobre o nordeste brasileiro e seus habitantes, representações estas que tem origem nas regiões mais ricas do país, como o sudeste¹⁵. Os discursos, ou as formas de pensamento presentes na obra de Euclides da Cunha, de certo modo, nos parecem bastante atuais. E perceber essa atualidade só foi possível por uma releitura do passado: seja a releitura d`*Os Sertões*, seja a releitura de autores como Bakhtin e Pêcheux. Uma releitura daquilo que se acha velho e que, ironicamente, continua se manifestando sob a forma de outros discursos em nossa sociedade.

¹⁵ Lembramos a onda de discursos preconceituosos, sobre os nordestinos, que tem circulado nas redes sociais antes e após o resultado das eleições presidenciais de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.

ARISTÓTELES. *Poética*. [Os pensadores]. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPOUCRS, 2004, 257 p.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov, 1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira São Paulo: Hucitec, 1988, 195 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 4ª ed. 1998, 439 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins fontes, 2000, 421 p.

BAKHTIN, Mikhail. *O Freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2001, 110 p.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do discurso*. São Paulo: UNICAMP, 2ª ed, 2012, 117p.

BRITO, Aléxis Couto de. Análise crítica sobre o exame criminológico. In: RASKOVSK, Luiz (Coord.). *Temas relevantes de direito processual e processual penal*. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 25-60.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª ed., 1960, 307 p.

BUCKLE, Henry Thomas. *History of civilization in England*. New York: The Appleton and co. V. 1, 1877. Disponível em: <<https://archive.org/stream/historyciviliza25buckgoog#page/n8/mode/2up>> Acesso em: 23 Ago. 2013.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia das letras, 1998, 196 p.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la mancha*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, 683 P.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho. *O discurso na mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996, p. 5-43.

CHARAUDEAU, Dominique. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia *et al.* *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, NAD/FALE, 2004, p. 13-41.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004, 555 p.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2010, 256 p.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

COMTE, Auguste. *Curso de Filosofia Positiva*. [Os pensadores]. São Paulo: Abril, 1979.

CORDEIRO JUNIOR, Jussaty L. *O imbricamento entre vozes e ecos da cultura popular e erudita: um estudo sobre o dialogismo na obra 'O Queijo e os Vermes' de Carlo Ginzburg*. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

COSTA, Emília Viotti da. Sobre as origens da República, In: *Da monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed., 1985, p. 385-446.

COURTINE, J.-J; MARANDIN, J. M. Quel objet pour l'analyse du discours? In: *Matérialistés discursives*. Lille: Presses universitaires de Lille, 1981.

CUNHA, Euclides da. *Correspondências de Euclides da Cunha*. (Material ofertado pelo euclidiano Fausto Salvadori Filho, colhido junto ao acervo da Casa Euclidiana). Lorena, 1890. Disponível em:< <http://www.culturabrasil.org/correspondencia.htm>.> Acesso em: 21 Dez. 2013.

CUNHA, Euclides da. A Nossa Vendaia. In: *O Estado de São Paulo*. 14 Mar. 1897a. Disponível em: <<http://www.eucildesda.cunha.org.br>.> Acesso em: 11 Out. 2013.

CUNHA, Euclides da. O batalhão de São Paulo. *Jornal O Estado de São Paulo*, 26 Out. 1897b. Disponível em: < <http://www.euclidesdacunha.org.br/>>. Acesso em: 11 Dez. 2013.

CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Martins Claret, 2003a. Disponível em:< <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=6149>.> Acesso em: 11 Ago. 2013.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2003b, 366 p.

CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. (Introdução notas e comentários: Olympio de Souza Andrade). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. 2009, 372 p.

DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, n. 278, 1968, p. 100-170.

FACIOLI, Valentim; NASCIMENTO, José Leonardo do. *Juízos Críticos: Os Sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: UNESP, 2003, p158 p.

FÈDI, Laurent. *Comte: (Figuras do saber)*. São Paulo: Estação Liberdade. 2000, 186 p.

FERRETTI, Danilo Zioni. Euclides da Cunha historiador: a reinvenção do bandeirante em Os Sertões. *Revista de História*, [S.l.], n. 160, p. 261-284, jun. 2009. ISSN 2316-9141. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19111>>. Acesso em: 23 Dez. 2013.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. Rio de Janeiro: Ática, 2006, 144 p.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. L. F. Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1971.

FREYRE, Gilberto. *Atualidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: ECB, 1943, 63 p.

FURET, François; OZOUF, Mona. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1989, 1117 p.

GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.). *Euclidianos e Conselheiristas: um quarteto de notáveis*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, 117 p.

GÁRATE, Miriam V. Civilização e barbárie N'Os Sertões: o itinerário de uma desilusão. *Revista Remate de Males*, Campinas, nº. 13, 1993, p. 57-65.

GARCIA, Lúcia. *De olho em Euclides da Cunha: escritor por acidente e repórter do sertão*. São Paulo: Claro enigma, 2009, 75 p.

GUIMARÃES, Jose Maria Moreira. O livro de Euclides da Cunha. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Ano III, n. 602. 3 fev 1903. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1903_00602.pdf> Acesso em: 12 dez. 2013.

GUMPLOWICZ, Ludwig. *Outlines of sociology* (1899). Translate Fredrick Moore. Kitchener: Batoche books, 1999.

HOFSTADTER, Richard. *Social darwinism in amnerican thought*. Boston: Beacon Press, 1975.

INDRUSKY, Freda. Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à Análise do discurso. In: *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas, SP: Pontes editores, 2000.

KHUN, Thomas. *Estrutura das Revoluções Científicas*. Tradução de Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LEFEBVRE, George. *O nascimento da história moderna*. Rio de Janeiro: Lisboa: Sá da Costa, 1891, 370 p.

LEMOS, Renato Luis do Couto e. Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. *Estudos históricos* (Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, v. 10, nº 19, p. 67-81, 1997.

LOMBROSO, Cesare. *O homem Delinqüente*. (Tradução Sebastião José Roque). São Paulo: Ícone, 2007. Disponível em:< <http://pt.scribd.com/doc/107089745/O-Homem-Delinquente-Cesare-Lombroso>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

LUNA FILHO, Pedro Ernesto de. *Peter Wilhelm Lund: o auge das suas investigações científicas e a razão para o término de suas pesquisas*. 2007, 465 f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2007.

LUND, Peter. Escrita de Lagoa Santa (Minas Gerais) ao Sr. Primeiro Secretário do Instituto, pelo sócio honorário Sr. Dr. Lund. *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo IV, 1842. p. 80-87. Disponível em:< <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>> Acesso em: 12 dez. 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática do discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 205 p.

MAINGUENEAU, Dominique. Formação discursiva. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. (Orgs) *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Heterogeneidade. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. (Orgs) *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 261-262

MAINGUENEAU, Dominique. Campo discursivo. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. (Orgs) *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004c. p. 91-92

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese do discurso*. Curitiba: Criar edições, 2005, 189 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006, 329 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze Conceitos em Análise do Discurso*. (SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília; POSSENTI, Sírio Orgs.) São Paulo: Parábola editorial, 2010, 207 p.

MAUDSLEY, Henry. *Le Crime et la Folie*. 7 ed. Paris: Felix Alcan, 1889.

MENDES, Emília. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. 2004. 267 f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MOTA, Jehovah. *Formação do oficial do exército* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001, 314 p.

MOURA, Trajano de. *Do homem americano: ensaio de etnologia*. Rio de Janeiro, 1899, 346 p.

NETO, Henrique Maximiliano Coelho. Os Sertões: campanha de Canudos. In: *O Estado de São Paulo*, Ano XXVIII, 1 Jan. 1903. Disponível em:<<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19030102-8800-nac-0001-999-1-not/tela/fullscreen>> Acesso em 10 dez. 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas: [Os pensadores]*. São Paulo: Nova cultural, 1999.

OLIVEIRA JUNIOR, Carlos Mauro de. Uma Ideia de República em Hippolyte Taine. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. *XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH 50 anos: comemorações*, 2011, p. 1-16.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983, 237 p.

ORLANDI, Eni P. A análise do discurso: algumas observações. *Delta*, vol. 2, nº 1. São Paulo: EDUC, 1986.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura e acontecimento*. Trad. Eni Pulcineli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Campinas: Unicamp, 2009.

PENHA, J. da. Um livro. In: *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, 18 de Dez. 1902.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Trad. Bruno Charles Magne. In: Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. São Paulo: FGV, 2ª ed, 2005, 246 p.

REIS, José Carlos. *História da consciência histórica ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 358 p.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História e o Esquecimento*. Campinas: editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 6ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

ROMERO, Silvio. *Discurso de Recepção ao Acadêmico Euclídes da Cunha*: resposta do senhor Silvio Romero em 18 dez. 1906. Disponível em:<

http://www.academia.org.br/abl_e4w/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=8351&sid=196.

Acesso em: 11 Dez. 2013.

SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte*: Euclides da Cunha e as ciências naturais. Feira de Santana: Hucitec, 2001, 208 p.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letra*: ensaios. Rio de Janeiro: ROCCO, 2000, 275 p.

SANTOS, João Bosco Cabral. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. 21 a 24 de outubro. (Notas de aula) FALE/UFMG, 22/10/14.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*: cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras. 1993, 296 p.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2 ed., 2004, 743 p.

TAINÉ, Hypolite de. *Histoire de la Littérature Anglaise*. Tome premier. Paris: Hachete, 1866. Disponível em versão eletrônica no site da *Bibliothèque Nationale de la France*: <[ark:/12148bpt6k201421/f24.image.r=histoire de la littérature anglaise=h taine.langePT](ark:/12148bpt6k201421/f24.image.r=histoire%20de%20la%20litt%C3%A9rature%20anglaise=h%20taine.langePT)>. Acesso em: 11 nov. 2013.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 10, n. 26, Apr. 1996. Disponível em [fr:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100024&lng=en&nrm=iso>](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100024&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 nov. 2013.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha: Os Sertões. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). *Intérpretes do Brasil*: três volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 170- 189.

VERÍSSIMO, José. Uma história dos sertões e da campanha de Canudos. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, n. 538, Ano II, ed. 03 Dez. 1902. Disponível em:<http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1902_00538.pdf>. Acesso em 18 Dez. 2013.

VOLPE, Maria Alice. A teoria da obnubilação brasílica na história da música brasileira: Renato Almeida e a sinfonia da terra. *Música em perspectiva*, v. 1, n. 1, março de 2008, p. 58-71.

WHITE, Hayden. *Meta história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EUDSP, 1992, 456 p.

ANEXOS

(FRAGMENTO I: EC/L, p. 28, n. 1)

O sol poente desatava, longa a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus -, um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de junho. A coronha da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali havia três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luares claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme – o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria – lhe maculara os tecidos. Volvera ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a *secura extrema* dos ares.

(FRAGMENTO II - EC/L, P. 28, n. 2):

À entrada do acampamento, em Canudos, um deles, sobre todos, se destacava impressionantemente. Fora a montada de um valente, o alferes Wanderley; e abatera-se, morto juntamente com o cavaleiro. Ao resvalar-se, porém estrebuchando malferido, pela rampa íngreme, quedou, adiante, à meia encosta, entalado entre fragedos. Ficou quase em pé, com as patas dianteiras firmes num ressalto da pedra... E ali estacou feito um animal fantástico, aprumando sobre a ladeira, num quase curvetear, no último arremesso da carga paralisada, com todas as aparências de vida, sobretudo quando, ao passarem as rajadas ríspidas do nordeste, se lhe agitavam as longas crinas ondulantes...

Quando aquelas lufadas, caindo a súbitas, se compunham com as colunas ascendentes, em remoinhos turbilhonantes, à maneira de minúsculos ciclones, sentia-se, maior, a exsicação do ambiente adusto: cada partícula de areia suspensa do solo gretado e duro irradiava em todos os sentidos, feito um foco calorífico, a surda combustão da terra.

Fora disto – longas calmarias, fenômenos ópticos bizarros.

(FRAGMENTO III - EC/L, P. 78-80)

Colado ao dorso deste, confundido-e com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas mecegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando cômoros alçados; rompendo, céleres pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros...

A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em toda a plenitude. Como é que o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustendo-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira – estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção -, escachado no rastro do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim -; e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sospesando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no intrincável dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoada em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia...

Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido esmorecido.

O gaúcho do sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado. O vaqueiro do norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filho dos plainos sem fins, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem certo feição mais cavalheirosa e atraente. Não conhece os horrores as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do equador. Não tem, no meio da horas tranquilas das felicidades, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tornando aquelas instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, disserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como um diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada.

As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas bombachas, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre o baguais, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores das caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas. E, rompendo, pelas coxilhas, arrebatadamente na marcha do redomão desensofrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinam as rosetas das esporas de prata; lenço de seda, encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexíveis e tendo à cinta, rebrilhando, presas pela guaiaca, a pistola e a faca – é um vitorioso jovial e forte. O cavalo, sócio inseparável desta existência algo romanesca, é quase objeto de luxo. Desmonta-o o arreamento complicado e espetaculoso. O gaúcho andrajoso sobre um pingo bem aperado, está decente, está corretíssimo. Pode atravessar sem vexames os vilarejos em festa.

O vaqueiro porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias - tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol arrastando de envolta no volver das estações, períodos sucessivos de devastação e desgraça.

Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantinho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. Compreende-se envolvido em combate sem tréguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as energias.

Fez-se forte, esperto, resignado e prático.

Aprestou-se, cedo, para a luta.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado - é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

Esta armadura, porém de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias...

A sela da montaria, feita por ele mesmo, imita o lombinho rio-grandense, mas é mais curta e cavada, sem os apetrechos luxuosos daquele. São acessórios uma manta de pele de bode, um couro resistente, cobrindo as ancas do animal, peitorais que lhe resguardam o peito, e as joelheiras apresilhadas às juntas. (*Grifo nosso*)

(FRAGMENTO IV - EC/L, P. 80, n. 1)

Ora, nada mais explicável do que este permanente contraste entre extremas manifestações de força e agilidade e longos intervalos de apatia.

Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do norte teve uma árdua aprendizagem de revezes. Afez-se, cedo a encontrá-los, de chofre, e a reagir de pronto.

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro que não vence e em que não se deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombinho duro, que o arrebatava, como um raio, pelos arrastadores estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia - passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância a pendura dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes.

É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto...

(FRAGMENTO V – EC/CN, p. 80, n. 2)

O gaúcho, o *pealador* valente, é, certo, inimitável numa carga guerreira; precipitando-se, ao ressoar estrídulo dos clarins vibrantes, pelos pampas, com o conto da lança enristada, firme no estribo; atufando-se loucamente nos *entreveros*, onde espadanam cintilações de espadas; transmudando o cavalo em projétil e varando quadrados e levando de rojo o adversário no rompão das ferraduras, ou tombando, prestes, na luta, em que entra com despreocupação sobrenana pela vida.

O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.

Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for.

Está afeiçoado aos prélios obscuros e longos, sem expansões entusiásticas. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não desperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula firmemente a pugilato, ao *riscar da faca* não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa ou o trabuco pesado, dorme na pontaria...

Se, ineficaz a arremesso fulminante, o contrário enterreirado não baquia, o gaúcho, vencido ou pulseado, é fragilimo nas aperturas de uma situação inferior ou indecisa.

O jagunço, não. Recua. Mas no recuar é mais temeroso ainda. É um negacear demoníaco. O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível, oculto no sombreado da tocaias...

Esta oposição de caracteres acentua-se nas quadras normais. Assim todo sertanejo é vaqueiro. A parte da agricultura rudimentar das plantações da *vazante* pela beira dos rios, para a aquisição de cereais de primeira necessidade, a criação de gado é, ali, a sorte de trabalho menos impropria ao homem e à terra. Entretanto, não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das *estâncias* do sul.

(FRAGMENTO VI – EC/CN, p. 50, n° 1)

Os estudos sobre a pré-história indígena patenteiam modelos de observação sutil e conceito crítico brilhante, mercê dos quais parece definitivamente firmado, contravindo ao pensar dos caprichosos construtores da ponte alêutica, o autoctonismo das raças americanas. Nesse belo esforço, rematado pela profunda elaboração paleontológica de Wilhelm Lund, destacavam-se o nome de Morton, a intuição genial de Frederico Hartt, a inteiriça organização científica de Meyer, a rara lucidez de Trajano de Moura, e e muitos outros cujos trabalhos reforçam os de Nott e Gordon no definir, de uma maneira geral mas completa, a América como um centro de criação desligado do grande viveiro da Ásia Cental. Erige-se, autônomo entre as raças o *homo americanus*.

(FRAGMENTO VII – EC/CN, p. 50, n. 2)

Os dois outros elementos formadores, alienígenas, não originaram idênticas tentativas. O negro banto, ou cafre, com as suas várias modalidades, foi até neste ponto o nosso eterno desprotegido. Somente nos últimos tempos um investigador tenaz, Nina Rodrigues, subordinou a uma análise cuidadosa a sua religiosidade original e interessante. Qualquer, porém, que tenha sido o ramo africano para aqui transplantado trouxe, certo, os atributos preponderantes do *homo afer*, filho das paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que em quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força.

Quanto ao fator aristocrático de nossa *gens*, o português, que nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta, está, por sua vez, malgrado o complicado caldeamento de onde emerge, de todo caracterizado.

Conhecemos desse modo, os três elementos essenciais e imperfeitamente embora o meio físico diferenciador – e ainda, sob todas as suas formas, as condições históricas adversas ou favoráveis que sobre eles reagiram. No considerar, porém, todas as alternativas e todas as fases intermediárias desse entrelaçamento de tipos antropológicos de graus díspares, nos atributos físicos e psíquicos, sob os influxos de um meio variável, capaz de diversos climas, tendo discordantes aspectos e opostas condições de vida, pode-se afirmar-se que pouco nos temos avantajado. Escrevemos todas as variáveis de uuma fórmula intrincada, traduzindo sério problema; mas não desvendamos todas as incógnitas.

É que, evidentemente, não basta, para o nosso caso, que postos uns diante de outros o negro banto, o indo-guarani e o branco, apliquemos ao conjunto a lei antropológica de Broca. Está é abstrata e irredutível. Não nos diz quais os reagentes que podem atenuar o influxo da raça mais numerosa ou mais forte, e causas que o extingam ou atenuem quando ao contrário da combinação binária, que pressupõe, despontam três fatores diversos, adstritos às vicissitudes da história e dos climas.

(FRAGMENTO VIII – EC/CN, p. 51)

Vemos, de pronto, que, mesmo nessa hipótese favorável, não resulta produto único imanente às combinações binárias, numa fusão imediata em que se justaponham ou se resumam os seus caracteres, unificados e convergentes num tipo intermediário. Ao contrário a combinação ternária inevitável, determina, no caso mais simples, três outras, binárias. Os elementos iniciais não se resumem, não se unificam; desdobram-se; originam número igual de subtransformações – substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em uma mestiçagem embaralhada onde se destacam como produtos mais característicos o *mulato*, o *mamaluco* ou *curiboca*, e o *cafuz*. As sedes iniciais das indagações deslocam-se apenas mais perturbadas, graças a reações que não exprimem uma redução, mas um desdobramento. E o estudo dessas subcategorias substitui o das raças agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquelas comportam, por sua vez, inúmeras modalidades consoantes as dosagens variáveis do sangue.

(FRAGMENTO IX – EC/CN, p. 52, n. 1)

Acreditamos que isso sucede porque o escopo essencial destas investigações se tem reduzido à pesquisa de um tipo étnico único, quando há, certo, muitos.

Não temos unidade de raça.

Não a teremos, talvez, nunca.

(FRAGMENTO X – EC/CN, p. 52, n. 2)

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos, a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos. A afirmativa é segura.

(FRAGMENTO XI- EC/CN, p. 50, n. 3)

[...] A face primordial da questão ficou assim aclarada. Quer resultem do “homem de lagoa santa” cruzado com o pré-colombiano dos “sambaquis”; ou se derivem, altamente modificados por ulteriores cruzamentos e pelo meio, de alguma raça invasora do norte, de que se supõem oriundos os tupis tão numerosos na época do descobrimento – os nossos silvícolas, com seus frisantes caracteres antropológicos, podem ser considerados tipos evanescentes de velhas raças autóctones de nossa terra.

(FRAGMENTO XII- EC/CN, p. 58-9)

Preso no litoral, entre o sertão inabordável e os mares, o velho agregado colonial tendia a chegar ao nosso tempo, imutável, sob o emperramento de uma centralização estúpida, realizando a anomalia de se deslocar para uma terra nova o ambiente moral de uma sociedade velha.

Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do sul. Aqui, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros. Da absorção das primeiras tribos surgiram os cruzados das conquistas sertanejas, os mamalucos audazes. O paulista – e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e regiões do sul – erigiu-se como um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurreto, da tutela longínqua, e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopéia inédita das “bandeiras.”...

Este movimento admirável reflete o influxo das condições mesológicas. Não houvera distinção alguma entre os colonizadores de um e outro lado. Em todos prevaleciam os mesmos elementos, que eram desespero de Diogo Coelho.

“Piores qua na terra que peste...”

(FRAGMENTO XIII- EC/CN, p. 59)

Além disso – frisemos este ponto escandalizando embora os nossos minúsculos historiógrafos- a disposição orográfica liberta-o da preocupação de defender o litoral, onde aproava a cobiça do estrangeiro.

A serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. A prumo sobre o Atlântico desdobra-se como a cortina de baluarte desmedido. [...] No alto, volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança. Estava sobre ameias intransponíveis que o punham no mesmo passo a cavaleiro do invasor e da metrópole. Transposta a montanha – arqueada como a precinta de pedra de um continente-, era um isolador étnico e um isolador histórico. Anulava o apego irreprimível ao litoral, que se exercia ao norte; reduzia-o a estreita faixa de mangues e restingas, ante a qual se amorteciam todas as cobiças, e alteava, sobranceira às frotas, intangível no recesso das matas, a atração misteriosa da minas...

(FRAGMENTO XIV- EC/CN, p. 73)

Abramos um parêntesis...

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Antes as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso, o indo-europeu, o negro e o brasílico-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre a raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado.

(FRAGMENTO XV- EC/CN, p. 74, n. 1)

Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso é, incurável. [...] não se compreende que após divergirem extremamente, através de largos períodos entre os quais a história é um momento, possam dois ou três povos convergir, de súbito, combinando constituições mentais diversas, anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo. Como em somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem, não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos ou negativos em presença.

(FRAGMENTO XVI- EC/CN, p. 75, n. 1)

A índole incoerente, desigual e revolta do mestiço, com que denota um íntimo e intenso esforço de eliminação de atributos que lhe impedem a vida num meio mais adiantado e complexo.

Reflete – em círculo diminuto - esse combate surdo e formidável, que é a luta pela vida das raças, luta comovedora e eterna caracterizada pelo belo axioma de Gumpłowicz como a força motriz da história. O grande professor Gratz não a considerou sob este aspecto. A verdade, porém, é que se todo o elemento étnico forte “tende subordinar ao seu destino o elemento mais fraco ante ao qual se acha”, encontra na mestiçagem um caso perturbador. A expansão irresistível de seu círculo singenético, porém, por tal forma iludida, retarda-se apenas. Nas se extingue. A luta transmuda-se, tornando-se, mais grave. Volve do caso vulgar, do extermínio franco da raça inferior pela guerra, à sua eliminação lenta, à sua absorção vagarosa, à sua diluição no cruzamento.

E durante o curso desse processo redutor, os mestiços emergente, variáveis, com todas as nuances da cor, da forma e do caráter, sem feições definidas, sem vigor, e as mais das veias inviáveis, nada mais são, em última análise, do que os mutilados inevitáveis do conflito que perdura, imperceptível, pelo correr das idades.

É que nesse caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização.

(FRAGMENTO XVII- EC/CN, p. 74, n. 2)

É que nessa concorrência admirável dos povos, envolvendo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, o mestiço é um intruso. Não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma cousa de dispersivo e dissolvente; surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes. A tendência à regressão às raças matrizes caracteriza a sua instabilidade. É a tendência instintiva a uma situação de equilíbrio. As leis naturais pelo próprio jogo parecem extinguir, a pouco e pouco, o produto anômalo que as viola, afogando-o nas próprias fontes geradoras. O mulato despreza então, irresistivelmente, o negro e o procura com uma tenacidade ansiosíssima cruzamentos que apaguem na sua prole o estigma da fronte escurecida; o mamaluco faz-se o bandeirante inexorável, precipitando-se, ferozmente, sobre as cabildas aterradas...

Essa tendência é expressiva. Reata de algum modo, a série continua da evolução, que a mestiçagem partira. A raça superior torna-se objeto remoto para onde tendem os mestiços deprimidos e estes, procurando-a, obedecem ao próprio instinto da conservação e da defesa. É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies; e se toda a sutileza dos missionários tem sido importante para afeioar o espírito do selvagem á mais simples concepções de um estado mental superior; se não há esforços que consigam do africano, entregue à solicitude dos melhores mestres, o aproximar-se sequer do nível intelectual médio do indo-europeu – porque todo o homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence e o seu cérebro uma herança-, como compreender-se a normalidade do tipo antropológico que aparece, de improviso, enfeixando tendências tão opostas? Entretanto, a observação cuidadosa do sertanejo do norte mostra atenuando esse antagonismo de tendências e uma quase fixidez nos caracteres fisiológicos do tipo emergente.

Este fato, que contrabate ao parecer, as linhas anteriores, é a sua contrapova frisante.

(FRAGMENTO XVIII- EC/CN, p. 75, n. 2)

Libertou-os da adaptação penosíssima a um estágio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados. A fusão entre eles operou-se em circunstâncias mais compatíveis com os elementos inferiores, O fator étnico preeminente transmitindo-lhes as tendências civilizadoras não lhes impôs a civilização.

Este fator destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões da do litoral. São formações distintas, senão pelos elementos, pelas condições do meio. O contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples, O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente. [...]

A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada por isto mesmo que não atingiu de repente.

(FRAGMENTO XIX - EC/H, P. 77)

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhes a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasiomodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-os a postura normalmente abatida num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quanto parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo- cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o home permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene em tudo: na palavra remorada, o gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e a quietude.

Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros passantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrige-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperavelmente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (*Grifo nosso*)

(FRAGMENTO XX- EC/H, p. 9-10):

Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade, remorada a sua publicação em virtude de causas que temos por escusado apontar.

Demos-lhe, por isto, outra feição, tomando apenas variante de assunto geral o tema, a princípio dominante, que o sugeriu.

Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazêmo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tomam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra.

O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas.

Primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes, porém, uma situação de parada, o equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo.

A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "força motriz da História" que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes.

A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico, dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã — tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica — o tempo.

Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.

E foi, na significação integral da palavra, um crime.

Denunciemo-lo.

E tanto quanto o permitir a firmeza do nosso espírito façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a História como ela merece:

“il s’ irrite contre les demi vérités que sont des demi faussetés, contre les auteurs qui n’altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les moeurs, qui gardent le dessin des événements et en changent la couleur, qui copient les faits et défigurent l’âme; il veut sentir en barbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, en ancien. ”

Euclides da Cunha, São Paulo, 1901

(CUNHA, 2003b, p. 9-10)

(FRAGMENTO XXI – EC/H, p. 9)

[...] Mercenários inconscientes” (pág. 9)

Estranhou-me a expressão, mas devo mantê-la; mantenho-a.

Não tive o intuito de defender os sertanejos porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque.

Ataque franco e devo dizê-lo, involuntário. Nesse investir, aparentemente desafiador, com os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticezas, obedeci ao rigor incoercível da verdade, ninguém o negará.

E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever história da guerra de Peloponeso - porque eu também, embora sem a mesma visão aquilina, escrevi:

“sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras.”

(FRAGMENTO XXII- EC/H, p. 59):

O paulista – e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e regiões do sul, - erigiu-se com um tipo autônomo, aventureiro, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se insurreto, da tutela longínqua e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopéia inédita das “bandeiras”.

(FRAGMENTO XXIII- EC/H, p. 59-60):

[...] o seu relevo essencial torna-a um condensador de primeira ordem, no precipitar a evaporação oceânica.

Os rios se derivam pelas suas vertentes nascem de algum modo no mar.

Rolam as águas num sentido oposto à costa. Entranham-se no interior,

correndo em cheio par os sertões. Dão ao forasteiro a sugestão irresistível das entradas.

A terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios.

Daí o traçado elonquentíssimo do Tietê, diretriz preponderante nesse domínio do solo. Enquanto no São Francisco, no Parnaíba, no Amazonas, e em todos os cursos d'água da borda oriental, o acesso para o interior seguia ao arpejo das correntes, ou embatia nas cachoeiras que tombam dos socos dos planaltos, ele levava os sertanistas, sem uma remada, para o Rio Grande e daí o Paraná e ao Parnaíba. Era a penetração em Minas, em Goiás, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso, no Brasil inteiro. Segundo estas linhas de menos resistência, que definem os lineamentos mais claros da expansão colonial, não se opunham, como ao norte, renteando o passo às bandeiras, a esterilidade da terra, a barreira intangível dos descampados brutos.

Assim é fácil mostrar como essa distinção de ordem física esclarece as anomalias e contrastes entre os sucessos nos dois pontos do país, sobretudo no período agudo da crise colonial, no século XVII.

(FRAGMENTO XXIV- EC/H, p. 91):

Considerando as agitações religiosas do sertão e os evangelizadores e messias singulares, que, intermitentemente, o atravessam, ascetas mortificados de flagícios, enalçados sempre pelos sequazes numerosos, que fanatizam, que arrastam, que dominam, que endoidecem—espontaneamente recordamos a fase mais crítica da alma portuguesa, a partir do final do século XVI, quando, depois de haver por momentos centralizado a História, o mais interessante dos povos caiu, de súbito, em decomposição rápida, mal disfarçada pela corte oriental de D. Manoel.

O povoamento do Brasil fez-se, intenso, com D. João III, precisamente no fastígio de completo desequilíbrio moral, quando “todos os terrores da Idade Média tinham cristalizado no catolicismo peninsular.”

(FRAGMENTO XXV- EC/H, p. 91 - 2):

Trouxeram-na as gentes impressionáveis, que afluíram para a nossa terra, depois de desfeito no oriente o sonho miraculoso da Índia. Vinham cheias daquele misticismo feroz, em que o fervor religioso reverberava à cadência forte das fogueiras inquisitoriais, lavrando intensas na Península. Eram parcelas do mesmo povo que em Lisboa, sob a obsessão dolorosa dos milagres e assaltado de súbitas alucinações, via, sobre o paço dos reis, ataúdes agoureiros, línguas de flamas misteriosas, catervas de mouros de albornozes brancos, passando processionalmente; combates de paladinos nas alturas...[...] segundo o dizer vigoroso de Oliveira Martins, procurava, ante a ruína iminente, como salvação única, a fórmula superior das esperanças messiânicas.

(FRAGMENTO XXVI- EC/H, p. 96):

É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária – Antônio Conselheiro...

A imagem é corretíssima.

Da mesma forma que o geólogo interpretando a inclinação e a orientação dos trançados de antigas formações esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos nevróticos vulgares. Pode se incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas posto em função do meio, assombra. É uma diátese, e é uma síntese.

(FRAGMENTO XXVII- EC/H, p. 139-140):

O caso passou em dias de outubro de 1896.

Historiemos, adstritos a documento oficiais:

Era esta a situação quando recebi do Dr. Arlindo Leoni, Juiz de Direito de Juazeiro, um telegrama urgente comunicando-me correrem boatos mais ou menos fundados de que aquela florescente cidade seria por aqueles dias assaltada por gente de Antônio Conselheiro, pelo que solicitava providências para garantir a população e evitar o êxodo que da parte dessa já se ia iniciando. Respondi-lhe que o governo não podia mover força por simples boatos e recomendei, entretanto, que mandasse vigiar as estradas em distância e verificando o movimento dos bandidos, avisasse por telegrama, pois o governo ficava prevenido para enviar incontinenti, em trem expresso a força necessária para rechaçá-los e garantir a cidade.

Desfalcada a força policial aquartelada nesta Capital, em virtude das diligências a que anteriormente me referi, requisitei do Sr. General comandante do distrito 100 praças de linha, a fim de seguirem para Juazeiro, apenas me chegasse aviso do Juiz de Direito daquela Comarca. Poucos dias depois recebi daquele magistrado um telegrama em que me afirmava estarem os sequazes de Antônio Conselheiro distantes do Juazeiro pouco mais ou menos dois dias de viagem. Dei conhecimento do fato ao Sr. General, que, satisfazendo a minha requisição, fez seguir em trem expresso e sob o comando do Tenente Pires Ferreira, a força preparada, a qual devia ali proceder de acordo com o Juiz de Direito.

Este distinto oficial, chegando ao Juazeiro, combinou com aquela autoridade seguir ao encontro dos bandidos, a fim de evitar que eles invadissem a cidade.

(FRAGMENTO XXVIII- EC/H, p. 140, n. 1):

A 4 de novembro do ano findo (1896) em obediência à ordem já referida, prontamente satisfiz a requisição, pessoalmente feita pelo Dr. Governador

do Estado, de uma força de cem praças da guarnição para ir bater os fanáticos do arraial de Canudos, asseverando-me que, para tal fim, era aquele número mais que suficiente.

(FRAGMENTO XXIX- EC/H, p. 140, n. 2):

Confiado no inteiro conhecimento, que ele devia ter, de tudo quanto se passava no interior de seu Estado, não hesitei; fazendo-lhe apresentar, sem demora, o bravo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, do 9º Batalhão de Infantaria, a fim de receber as suas ordens e instruções o qual, para cumpri-las, seguiu, a 7 do dito mês para Juazeiro, ponto terminal da estrada de ferro, na margem direita do Rio São Francisco, comandando 3 oficiais e 104 praças de pré daquele Corpo, conduzindo apenas uma pequena ambulância, fazendo eu seguir logo depois um médico com mais alguns recursos para o exercício de sua profissão. O mais correu pelo Estado.

(FRAGMENTO XXX - EC/H, P. 164-166)

Caminhavam vagarosamente. Atulhavam as primeiras ladeiras cortadas à meia encosta. Seguiam devagar, sem aprumo, emperrados pelos canhões onde se revezavam soldados ofegantes em auxílio aos muares impotentes à tração vingando aqueles declives.

E foi nesta situação que as surpreendeu o inimigo.

Dentre as frinchas, dentre os esconderijos, dentre a moitas esparsas, apumados no alto dos muramentos rudes, ou em despenhos ao viés das vertentes - apareceram os jagunços, num repentino deflagrar de tiros.

Toda a expedição caiu, de ponta a ponta debaixo das trincheiras do Cambaio.

O recontro fez-se em vozeria em que, através dos costumeiros vivas ao “Bom Jesus” e ao “nosso Conselheiro”, rompiam brados escandalosos de linguagem solta, apóstrofes insolentes, e entre outras uma frase desafiadora que no decorrer da campanha soaria invariável com estribilho irônico:

“Avança! *Fraqueza* do governo!”

Houve uma vacilação em toda a linha. A vanguarda estacou e pareceu recuar. Conteve-a, porém, uma voz imperiosa. O major Febrônio rompeu pelas fileiras alarmadas e centralizou a resistência – em réplica fulminante a admirável, atentas as desvantajosas condições em que se realizou. Conteados rapidamente os canhões, bombardearam os matutos à queima-roupa, e estes, vendo pela primeira vez aquelas armas poderosas, que decuplavam o efeito despedaçando pedras, debandaram, tontos numa dispersão instantânea.

Aproveitando este refluxo foi feita a investida, iniciada de pronto, pelas cento e tantas praças do 33º de Infantaria. Tropeçando, escorregando nas lajes, contornando-as, ou transportando-as os saltos, insinuando-se pelos talhados, atirando a esmo para a frente, as praças arremeteram com as rampas; e logo depois a linha do assalto se estirou, tortuosa e ondulante, extremada à direita pelo 9º e à esquerda pelo 16º e a polícia baiana.

O combate generalizou-se em minutos, e, como era de prever, as linhas romperam-se de encontro aos obstáculos do terreno. Foi um avançar em

desordem. Fracionados, galgando penhascos a pulso, carabinas presas aos dentes pelas bandoleiras, ou abordoando-se às armas, os combatentes arremeteram em tumulto - sem o mínimo simulacro de formatura, confundindo batalhões e companhias – vagas humanas raivando contra os morros, num marulho de corpos, arrebrandando em descargas, espadanando brilhos de aço, e estrugindo em estampidos sobre que passavam, estridulas, as notas dos clarins soando a carga.

[...] No alto, mais longe pelo teso da serra, reapareciam os sertanejos. Pareciam dispostos em duas sortes de lutadores; os que se agitavam velozes, rugindo e desaparecendo, as carreiras, e os que permaneciam firmes nas posições alterosas. A cavaleiro do assalto, estes iludiam de modo engenhoso a carência de espingardas e o lento processo de carregamento das que possuíam. Para isto se dispunham em grupos de três ou quatro rodeando a um atirador único, pelas mãos do qual passavam, sucessivamente, as armas carregadas pelos companheiros invisíveis, sentados no fundo da trincheira. De sorte que se alguma bala fazia baquear o clavinoteiro, substituíam-o logo qualquer dos outros. Os soldados viam tombar, mas ressurgir imediatamente, indistinto pelo fumo, o mesmo busto, apontando-lhes a espingarda. Alvejavam-no de novo. Viam-no outra vez cair, de bruços, baleado. Mas viam-no outra vez erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo-se e aprumando-se, o atirador fantástico.

Este ardil foi logo descoberto pelas diminutas frações atacantes que se avantajaram até as canhoneiras mais altas. Chegaram ali esparsas. A fugacidade do inimigo e o terreno davam por si mesmos à tropa a distribuição tática mais própria, circunstância que aliada ao pequeno alcance das armas daquele, tornara a expedição quase indene. Os únicos tropeços à escalada eram as asperezas do solo. As cargas amorteciam-se nas escarpas. Não esperavam os jagunços. Certos da inferioridade de seu armamento bruto. Pareciam desejar apenas que ali ficassem como ficaram, a maior parte das balas destinadas a Canudos, e falseavam a peleja franca. Via-se entre eles, sopesando o clavinote curto, um negro corpulento e ágil. Era o chefe, João Grande. Desencadeava as manobras, estadeando ardilezas de facínora provecto nas correrias do sertão. Imitavam-lhe os movimentos, as carreiras, os saltos, as figurações selvagens, os sertanejos amotinados – num vai e vem de avançadas e recuos, ora dispersos, ora agrupados, ou desfilando em fileiras sucessivas, ou repartindo-se extremamente rarefeitos; e a rojões, rolantes pelos pendores, subindo, descendo, atacando, fugindo, baqueando trespassados de balas, muitos; malferidos, outros, em plena descida, e rolando até ao meio das praças, que os acabavam a coice de armas.

Desapareciam inteiramente, às vezes.

[...] Estava conquistada a montanha após três horas de conflito. A vitória, porém, resultava da coragem cega junta à mais completa indisciplina de fogo – e compreende-se que mais tarde a ordem do dia relativa ao feito desse preeminente lugar às praças graduadas. Os seus cabos-de-guerra foram os cabos-de-esquadra. Sobre os jagunços em fuga confluíram carga de desordem: soldados em grupos, turbas sem comando, disparando à toa as carabinas, num fanfarrear irritante de numa alacridade feroz de monteiros no último lance de uma batida a javardos.

Os jagunços escapavam-se-lhes adiante. Perseguram-nos.

A artilharia, embaixo, começou a rodar, puxada a pulso, pelas ladeiras acima.

Realizara-se a travessia; e, tirante o dispêndio de munições, eram poucas as perdas – quatro mortos e vinte e tantos feridos. Em troca os sertanejos deixavam cento e quinze cadáveres, contados rigorosamente.

Fora uma hecatombe. Cumulou-se a um episódio trágico.
A algara tumultuária teve um desfecho teatral.

(FRAGMENTO XXXI - EC/H, p. 167)

Ao amanhecer, porém, nada lhe reelou; e formadas cedo, as colunas dispuseram-se ao último sobre o arraial, depois de um quarto de hora a marche-marche sobre o terreno, que ali é desafogado e chão.

Mas antes de abalarem sobreveio ligeiro contratempo. Um *shrapnel* emperrara na alma de um dos seus canhões resistindo a todos os esforços para a extração. Adotou-se, então, o melhor dos alvitres: disparar o Krupp na direção provável de Canudos.

Seria uma aldravada batendo às portas do arraial, anunciando estrepitosamente o visitante importuno e perigoso.

De fato, o tiro partiu... E a tropa foi salteada por toda a banda! Reeditou-se o episódio de Uauá. Abandonando as espingardas imperfeitas pelos varapaus, pelos fueiros dos carros, pelas foices, pelas forquilhas, pelas aguilhadas longas e pelos facões de folha larga, os sertanejos enterreiraram-na, surgindo em grita, todos a um tempo, como se aquele disparo lhes fosse um sinal prefixo para o assalto.

Felizmente os expedicionários, em ordem de marcha, tinham prontas as armas para a réplica, que se realizou logo em descargas rolantes e nutridas.

Mas os jagunços não recuaram. O arremesso da investida jogara-os dentro intervalos dos pelotões. E pela primeira vez os soldados viam, de perto, as faces trigueiras daqueles antagonistas, até então esquivos, afeitos às correrias velozes das montanhas...

A primeira vítima foi um cão do 9º. Morreu matando.

Ficou trespassado na sua baioneta o jagunço que o abatera atravessando-o com o ferrão de vaqueiro.

A onda assaltante passou sobre os dois cadáveres.

(FRAGMENTO XXXII - EC/H, p. 168, n. 1)

Tomara-lhe a frente um mamaluco possante – rosto de bronze afeiado pela pátina das sardas – de envergadura de gladiador sobressaindo no tumulto. Este campeador terrível ficou desconhecido da história. Perdeu-se-lhe o nome. Mas não a imprecação altiva que arrojou sobre a vozeria e sobre os estampidos, ao saltar sobre o canhão da direita, que abarcou nos braços musculosos, como se estrangulasse um mostro:

“Viram, canalhas, o que é ter coragem?”

A guarnição da peça recurara espavorida, enquanto ela rodava, arrastada a braço, apesada.

Era o desastre iminente.

(FRAGMENTO XXXIII - EC/H, p. 168, n. 2)

A situação desenhou-se insanável.

[...] Estava, além disso, excluída a hipótese eficaz de um bombardeio preliminar: restavam apenas vinte tiros de artilharia.

A retirada impôs-se urgente e inevitável. Reunida em plena refrega a oficialidade, o comandante definiu-lhe a situação e determinou que optasse uma das pontas do dilema: o prosseguimento da luta até ao sacrifício completo ou o seu abandono imediato. Foi aceita a última condição expressa de não se deixar uma única arma, um único ferido e não ficar um único cadáver insepulto.

[...] A retirada foi a salvação.

(FRAGMENTO XXXIV - EC/H, p. 169, n. 1)

A retirada foi a salvação. Mas o investir de arranco com o arraial, arrostando tudo, talvez fosse a vitória.

[...] Não havia ilusão possível: o inimigo, dispendo de engenhos de tal ordem, ali estaria em breve, sobrestante, no rastro dos derradeiros defensores do arraial. Quebrou-se o encanto do Conselheiro. Tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos as crenças que o haviam empolgado. Bando de fugitivos, sobreçando trouxas estavanadamente feitas, porfiavam na fuga, atravessando, rápidos, a praça e os becos, demandando as caatingas, sem que os contivessem os cabecilhas mais prestigiosos; enquanto mulheres, em desalinho, em gritos, soluçando, clamando, numa algazarra indefinível, mas ainda fascinadas, agitando os relicários, rezando, se agrupavam à porta do santuário, implorando a presença do evangelizador.

(FRAGMENTO XXXV - EC/H, p. 169, n. 2)

Mas Antonio Conselheiro, que nos dias normais mesmo evitava encará-las, naquelas aperturas estabeleceu separação completa. Subiu com meia dúzia de fiéis para os andaimes altos da igreja nova, e fez retirar, depois, a escada. O agrupamento agitado ficou embaixo, imprecando, chorando, rezando. Não o olhou sequer o apóstolo esquivo, atravessando impassível sobre as tábuas que inflectiam, rangendo. Atentou para o povoado revoltado, em que se atropelavam, prófugos, os desertores da fé, e preparou-se para o martírio inevitável...

Neste comemos sobreveio a nova de que a força recuava.

Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio.

(FRAGMENTO XXXVI - EC/H, p. 201-202)

[...] contornando aquele núcleo resistente, lançaram-se às primeiras casas marginais ao rio. Tomaram-nas e incendiaram-nas; enquanto os que as

guarneciam fugiam, adiante, em busca de outros abrigos. Perseguiram-nos. E nesse perseguir tumultuário, realizado logo nos primeiros minutos do combate, começou a esboçar-se o perigo único e gravíssimo daquele fossado monstruoso: os pelotões dissolviam-se. Entalavam-se nas vielas estreitas, enfiando a dois de fundo por ali dentro, atropeladamente. Torciam centenas de esquinas que se sucediam de casa em casa; dobravam-nas em desordem, de armas suspensas uns, atirando outros ao acaso, à toa, para frente; e dividiam-se, a pouco e pouco, em secções pervagantes para toda a banda; e partiam-se, estas, por seu turno, em grupos aturdidos cada vez mais dispersos e rarefeitos, dissolvendo-se ao cabo em combatentes isolados...

De longe se tinha o espetáculo estranho de um entocamento de batalhões, afundando, de súbito, no casario indistinto, em cujos tetos de argila se enovelava a fumarada dos primeiros incêndios.

Deste modo, o ataque assumiu logo o caráter menos militar possível. Diferenciou-se em conflitos parciais no cunhal das esquinas, à entrada e dentro das casas.

[...] À frente do seu estado-maior, na margem direita do rio, o chefe expedicionário observava este assalto, acerca do qual não podia certamente formular uma única hipótese. A tropa desaparecera toda nos mil latíbulos de Canudos.

(FRAGMENTO XXXVIII - EC/H, p. 215)

A República estava em perigo; era preciso salvar a república. Era esse o grito dominante sobre o abalo geral...

Exageramos?

Deletreemos, ao acaso, qualquer jornal daqueles dias.

Doutrinava-se: “O que de um golpe abalava o prestígio da autoridade constituída a avaria a representação do brio da nossa pátria no seu renome, na sua tradição e na sua força era o movimento armado que, a sombra do fanatismo religioso, marchava acelerado contra as próprias instituições, não sendo lícito a ninguém iludir-se mais sobre o pleito em que audazmente entravam os saudosos do império, francamente em armas.”

Concluía-se: “Não há quem a esta ora não compreenda que o monarquismo revolucionário quer destruir com a República a unidade do Brasil.”

Explicava-se: “A tragédia de 3 de março em que juntamente com o Moreira César perderam a vida o ilustre Coronel Tamarindo e tantos outros oficiais briosíssimos do nosso exército, foi a confirmação de quanto o partido monarquista à sombra da tolerância do poder público, e graças ate aos seus involuntários alentos, tem crescido em audácia e força.”

(FRAGMENTO XXXIX - EC/H, p. 220)

É o que estava em jogo, em Canudos, a sorte da República...

Diziam-se informes surpreendedores: aquilo não era um arraial de bandidos truculentos apenas. Lá existiam homens de raro valor – entre os quais se nomeavam conhecidos oficiais do exército e da armada foragidos [...]

Não eram somente os jagunços. Em Juazeiro, no Ceará, um heresiarca sinistro, o Padre Cícero, conglobava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro.[...]

E tudo isso punha manifesta, eram feitura de uma conjuração que desde muito vinha solando as instituições. [...]

O governo devia agir prontamente.

(FRAGMENTO XL - EC/H, p. 291-292)

E a hecatombe progredia com uma média diária de oito homens fora de combate. Por outro lado, os adversários pareciam dispor de extraordinários recursos.[...]

Agravando estas conjecturas vinham notícias verdadeiras. Os sertanejos dispartiam pelo sertão em algaras atrevidas: atacaram o termo de Mirandela, guiados por Antonio Fogueteiro; investiram, tomaram e saquearam a vila de Santana do Brejo; irradiavam para toda a banda. Alargavam o âmbito da campanha, revelando mesmo lineamentos firmes de estratégia segura. Além do arraial duas novas posições de primeira ordem e defensáveis estavam guarnecidas: as vertentes caóticas do Caipã e as cordas de cerros em torno da Várzea da Ema. Desdobrando de Canudos, a insurreição espraiava-se desta maneira pelos lados de um triângulo enorme, em que podiam inscrever-se cinquenta mil baionetas. Alastrava-se.

(FRAGMENTO XLI - EC/H, p. 292)

Os soldados enfermos, em perene contacto com o povo, que os conversava, tinham-se, ademais, constituído rudes cronistas dos acontecimentos e confirmava-nos mercê da forma imaginosa por que a própria ingenuidade lhes ditava os casos, verídicos na essência, mas deformados de exageros, que narravam. [...]

O jagunço começou a aparecer como um entre à parte, teratológico e monstruoso, meio homem e meio trasgo; [...] tendo a pele bronzeada colada sobre os ossos, áspera como a epiderme das múmias...

A imaginação popular, daí por diante, delirava na ebridez dos casos estupendos, apontoados de fantasias.

(FRAGMENTO XLII - EC/H, p. 297)

O 15º batalhão tomando a vanguarda guiou os lutadores vacilantes. Não se repeliu o inimigo. A retaguarda ao passar pelo mesmo ponto foi, por sua vez, alvejada.

Depois deste revés, por que o foi, bastando dizer-se, que de cento de dois bois que comboiava, resta apenas onze, foi a brigada novamente investida no Angico. Deu uma carga de baionetas platônica, em que não perdeu um soldado, entrando afinal em Canudos, onde os enrijados campeadores, que ali estavam sob a disciplina tirânica dos tiroteios diuturnos, acolheram com

a denominação de mimosa, nome, que, entretanto, mais tarde, os seus bravos oficiais fizeram que se apagasse, a exemplo do primeiro título.

(FRAGMENTO XLIII - EC/H, p. 331)

A luta atingia febrilmente o desenlace da batalha decisiva que arremataria. Mas aquele paroxismo estupendo acobardava os vitoriosos. [...]
Um suspenso pelas axilas entre duas praças, meio desmaiado tinha, diagonalmente, sobre o peito nu, a desenhar-se um recalque forte, a lâmina do sabre que o abatera. Outro, o velho Curiboca desfalecido que não vingara disparar a carabina sobre os soldados, parecia um desenterrado claudicante. Ferido, havia meses, por estilhaços de granada, no ventre, ali tinha dois furos, de bordos vermelhos e cicatrizados, por onde extravasavam os intestinos. A voz morria-lhe na garganta num regougo opresso. Não o interrogaram. Posto à sombra de uma barraca continuou numa agonia, que o devorava, talvez havia três meses.

(FRAGMENTO XLIV - EC/H, p. 339)

Foi o que sucedeu ao ser conquistado um casebre, depois de tenazmente defendido. Os soldados invadiram-no atumultuadamente. E deparam um monte de cadáveres; seis ou oito, caídos uns sobre os outros, abarreirando a entrada. Não se impressionaram com o quadro. Enveredaram pelos cômodos escuros. Mas receberam um cheio, pelas costas, partindo daquela pilha de trapos sanguinolentos, um tiro. Voltando-se pasmos, detonou-lhes outro, à queima-roupa, de frente. Sopitando o espanto, comprimidos na saleta estreita, viram então saltar e fugir o lutador fantástico, que adotara o estratagema profanador, batendo-se por trás de uma trincheira de mortos...

(FRAGMENTO XLV - EC/H, p. 359)

A luta, que viera perdendo dia-a-dia o caráter militar, degenerou, ao cabo, inteiramente. Foram-se os últimos traços de um formalismo inútil: deliberações de comando, movimentos combinados, distribuições de forças, os mesmo toques de cornetas, e por fim a própria hierarquia, já materialmente extinta num exército sem distintivos e sem fardas.
Sabia-se de uma coisa única: os jagunços não poderiam resistir por muitas horas. Alguns soldados se haviam abeirado do último reduto e colhido de um lance a situação dos adversários. Era incrível: numa cava quadrangular, de pouco mais de metro de fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores, esfomeados e rotos, medonhos de ver-se, predispunham-se a um suicídio formidável. Chamou-se aquilo o “hospital de sangue” dos jagunços. Era um túmulo. De feito, lá estavam, em maior número, os mortos, alguns de muitos dias já, enfileirados ao longo das quatro bordas da escavação e formando o quadrado assombroso dentro do qual uma dúzia de moribundos,

vidas concentradas na última contração dos dedos dos gatilhos das espingardas combatiam contra o exército.

(FRAGMENTO XLVI - EC/H, p. 360)

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-los. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, vertigem...

Ademais não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se mostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos, colhidos na véspera, e entre eles aquele Antonio Beatinho que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir, desmanchando-lhe as casas, 5200, cuidadosamente contadas.

Antes, no amanhecer daquele dia, comissão adrede escolhida descobria o cadáver de Antonio Conselheiro.

Jazia num dos casebres anexos à latada, e foi encontrado graças à indicação de um prisioneiro. [...]

Desenterraram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra!- faziam-se mister os máximos resguardados par que senão desarticulasse ou deformasse, reduzindo-se a uma masa angulhenta de tecidos decompostos. [...]

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita – e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores....

Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essências do crime e da loucura.

(FRAGMENTO XLVII - EC/H, p. 361)

É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades.